UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

JÚLIA MARIA FRANÇA ESPIRITO SANTO

Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo

Versão Corrigida

São Paulo
2019

JÚLIA MARIA FRANÇA ESPIRITO SANTO

Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

E77e Espirito Santo, Júlia Maria França
 Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel
Arcanjo / Júlia Maria França Espirito Santo ;
orientador Ronald Beline Mendes. - São Paulo, 2019.
 115 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

 1. Campo. 2. Cidade. 3. Rotacismo. 4. Variação
Linguística. 5. Mudança Linguística. I. Mendes, Ronald
Beline, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Júlia Maria França Espirito Santo

Data da defesa: 18/11/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ronald Beline Mendes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/02/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

ESPIRITO SANTO, Júlia Maria França. **Entre o campo e a cidade**: rotacismo em São Miguel Arcanjo. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^a. Livia Oushiro (IEL/UNICAMP)

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (DLCV/USP)

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (DL/USP)

Julgamento_____ Assinatura_____

*Dedico este trabalho aos meus pais, pelo
apoio e amor constantes em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

À CAPES, agradeço pela concessão de bolsa de mestrado. Agradeço aos funcionários da faculdade de Letras, por encontrar os espaços acadêmicos organizados e limpos. Agradeço, especialmente, a Érica Flávia e ao Robson por cuidarem dos trâmites burocráticos da pós-graduação.

Agradeço aos Profs. Drs. Paulo Chagas e Mourivaldo por aceitarem o convite em integrar a banca examinadora. Agradeço à Prof^a. Dr^a. Livia Oushiro pela atenção dispensada a mim ao longo do mestrado e por ter me ensinado a lidar com análises estatísticas.

Ao Prof. Dr. Ronald Beline Mendes, meu orientador, agradeço pelas leituras cuidadosas, pelo apoio e atenção durante a realização do mestrado.

Ao GESOL, agradeço por todos seus integrantes: Amanda Santana, Germano Jorge, Isabel Pie, Luciana Massai, Maria Eugênia, Monique Amaral e Wendel Santos, obrigada pelas tardes de discussão de textos acadêmicos e por fomentar meu crescimento pessoal e acadêmico. Agradeço especialmente a Larissa Soriano que muito me ajudou quando eu ainda fazia Iniciação Científica.

Agradeço a Tatiana Piccardi pela leitura de meu trabalho e pelo incentivo dado a meu trabalho em sua reta final.

Agradeço a todos os são-miguelenses pelas gravações concedidas a mim.

Agradeço ao Sérgio Leite pelos cuidados médicos a mim dispensados durante o mestrado, agradeço também a Lívia Bueno e Loraine Reigota pelas importantes sessões de terapia e por todo incentivo que recebi.

Agradeço aos meus amigos e a todos os meus familiares, especialmente, agradeço à minha madrinha Maria Tereza e aos meus tios Pedro e Bia, os quais me abriram as portas de casa em São Paulo.

À minha irmã Rafaela agradeço pela amizade sincera e por poder contar com ela em todos os momentos, à minha vó Clarisse agradeço pelo carinho de sempre.

A meus pais, agradeço pela educação recebida e pelo apoio em minhas escolhas profissionais e acadêmicas. Agradeço a eles todo o amor dispensado a mim.

Agradeço, sobretudo, a Deus, por me ajudar a ser persistente neste projeto acadêmico e por me mostrar o caminho nas horas difíceis.

RESUMO

ESPIRITO SANTO, Júlia Maria França. **Entre o campo e a cidade**: rotacismo em São Miguel Arcanjo. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Esta pesquisa se dedica ao estudo da pronúncia variável de (L) em coda silábica (*alto* vs *arto*) e em ataque complexo (*cliente* vs *criente*) em São Miguel Arcanjo (SMA), município pertencente ao interior paulista – tendo em mente as noções de estigma e prestígio, caras à Sociolinguística Variacionista (LABOV 2006 [1966]; 2008 [1972]).

Foram coletadas 24 entrevistas sociolinguísticas em tal município, compondo uma amostra estratificada pelas variáveis sociais: sexo/gênero (masculino ou feminino), faixa etária (18-25, 30-40, 50+ anos), escolaridade (ensino fundamental ou ensino médio) e região de residência (campo ou cidade). Sobre esta última variável, destaca-se a nítida divisão no município, em duas regiões que se diferenciam por aspectos socioeconômicos e, hipoteticamente, sociolinguísticos. Um dos objetivos principais da pesquisa é investigar se a diferenciação campo e cidade correlacionam-se usos linguísticos.

Para tanto, foram realizadas análises qualitativas e quantitativas. As primeiras mostram que o rotacismo de (L) em coda silábica é fortemente evitado na fala são-miguelense de modo geral, porque as ocorrências da variante rótica não chegam a 1% do total de dados. Desse modo, pode-se classificar o rotacismo em tal contexto fônico como um estereótipo local nos termos de Labov (2008 [1972]) e de Bortoni-Ricardo (2011). Para (L) em ataque complexo, os resultados dos testes estatísticos mostram que o rotacismo é evitado na fala de informantes mais jovens, mais escolarizados e da cidade. Aqui, a hipótese sobre o rotacismo ser favorecido na fala de residentes do campo, relativamente aos da cidade, confirma-se.

As análises quantitativas apontam ainda para um processo de mudança linguística que ocorre na cidade, cuja norma teria sido rotacizar (L) em ataque complexo; entretanto, atualmente observa-se um processo de mudança em direção à pronúncia não rotacizada [l], variante padrão ou que está de acordo com a “norma normativa” (FARACO & ZILLES 2017). Tal mudança pode caminhar para o campo, onde se observa, no momento, variação estável e resistência à padronização linguística.

Por fim, esta dissertação mostra que, embora possa ser associado um grau de estigmatização local para rotacismo de (L) em ataque complexo, visto que os informantes mais escolarizados e as mulheres da amostra tendem a evitá-lo, metade dos informantes não percebem ou desenvolvem um discurso sobre as pronúncias rotacizadas em “O Dougras imprica com tudo”, quando da realização de um pequeno estudo de avaliação com os são-miguelenses. Nesse sentido, apesar dos resultados dos testes estatísticos, não se pode afirmar que o rotacismo de (L) em ataque complexo seja claramente estigmatizado em SMA.

Palavras-chave: Campo. Cidade. Rotacismo. São Miguel Arcanjo. Variação Linguística. Mudança Linguística.

ABSTRACT

ESPIRITO SANTO, Júlia Maria França. **Between the rural and the urban: rotic (L) in São Miguel Arcanjo.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

In line with variationist sociolinguistics interests (LABOV, 2006 [1966]; 2008 [1972]), this Master's thesis focuses on variable (L) in syllable coda (*alto* vs. *arto* 'tall') and in complex onset (*cliente* vs. *criente* 'client') in São Miguel Arcanjo (SMA), a town in the countryside of São Paulo state.

The collected sample consists of 24 sociolinguistic interviews in SMA, stratified by sex/gender (masculine; feminine), age group (18-25; 30-40; 50+ years old), level of education (elementary; high school) and region of residence (rural or urban). In the case of the last category, SMA is clearly divided in these two regions, which differ from one another socioeconomically and, hypothetically, also sociolinguistically. One of the main goals of this research is to investigate whether local linguistic usage correlates with the rural-urban differentiation.

Both qualitative and quantitative analyses have been carried out, with the former showing that rotic (L) in syllable coda is strongly avoided by SMA speakers, with rotic tokens not even reaching 1% of the data sample. Therefore, rotic (L) in syllable coda can be categorized as a local stereotype, as per Labov (2008 [1972]) and Bortoni-Ricardo (2011). In complex onset, results of statistical tests suggest that the rotic variant tends to be avoided by younger speakers, those with a higher level of education and those who live in the urban area. This confirms the hypothesis that rotic (L) would tend to occur more in rural speakers' speech.

Quantitative analyses further suggest a change in progress in SMA, where the norm would have been to pronounce complex-onset (L) as a rotic; but with a pattern of change towards the non-rotic pronunciation of (L) in this context, with [l] being used as standard or in accordance with the "normative norm" (FARACO & ZILLES 2017). This change could move towards the rural areas, where we currently observe stable variation and resistance to linguistic standardization.

Finally, this thesis shows that, although stigma can be associated with rotic (L) in complex onset, since women and speakers with higher levels of education tend to avoid it, half of our informants do not even notice rotic (L) when they are asked "What do you think of this sentence: *O Douglas imprica com tudo* 'Douglas questions everything'" (with rotic L). Thus, in spite of the obtained results of statistical tests, it is not possible to firmly state that rotic (L) is actually stigmatized SMA.

Palavras-chave: Rural. Urban. Rotics. São Miguel Arcanjo. Linguistic Variation. Linguistic Change.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Rede de pontos da região sudeste.....	23
Figura 1.2 – Distribuição diatópica de [l] e [r] no estado de São Paulo.....	24
Figura 2.1 – Localização de São Miguel Arcanjo no estado de São Paulo.....	38
Figura 2.2 – São Miguel Arcanjo, suas fronteiras e localização em relação a São Paulo, Sorocaba e Campinas.....	39
Figura 3.1 – Espectograma de pronúncia [r] para (L) na palavra “completo”.....	56
Figura 3.2 – Espectograma de pronúncia [l] para (L) na palavra “atlas”.....	57
Figura 3.3 – Espectograma para “Douglas”.....	57
Figura 3.4 – Espectograma para “explora(r)”.....	58
Figura 4.1 – Proporção de rotacismo de (L) em ataque complexo por segmento fônico precedente em SMA.....	82
Figura 4.2 – Proporção de rotacismo de (L) em ataque complexo por extensão vocabular (em número de sílabas) em SMA.....	82
Figura 4.3 – Resultado do teste de qui-quadrado para segmento fônico precedente.....	83
Figura 4.4 – Resultado do teste de qui-quadrado para extensão vocabular.....	83
Figura 4.5 – Efeito da interação entre região e faixa etária.....	88
Figura 4.6 – Efeito da interação entre sexo/gênero e faixa etária.....	90
Figura 4.7 – Efeito da interação entre faixa etária e escolaridade.....	92
Figura 4.8 – Efeito da interação entre sexo/gênero e escolaridade.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – Lista de palavras.....	50
Quadro 2.2 – Fatores sociais e seus níveis para a amostra são-miguelense.....	52
Quadro 2.3 – Estratificação social dos informantes da amostra são-miguelense segundo sexo/gênero, faixa etária, região de residência e nível de escolaridade.....	53
Quadro 4.1 – Variáveis linguísticas e seus níveis incluídos nas análises multivariadas de (L) em ataque complexo.....	78
Quadro 4.2 – Reorganização dos níveis das variáveis linguísticas para a análise de (L) em ataque complexo.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Pesos relativos dos itens lexicais.....	25
Tabela 1.2 – Rotacismo por faixa etária.....	29
Tabela 3.1 – Distribuição das ocorrências de (L) em coda silábica e em ataque complexo.....	55
Tabela 3.2 – Informantes e seus perfis sociais, taxas de rotacismo e ocorrências em coda silábica.....	58
Tabela 3.3 – Informantes que não fizeram comentários sobre rotacismo de (L) em ataque complexo, com seus perfis sociais e taxas de rotacismo nesse contexto em suas falas.....	62
Tabela 4.1 – Distribuição geral dos dados de (L) em ataque complexo.....	76
Tabela 4.2 – Taxas de rotacismo em ataque complexo por informante.....	76
Tabela 4.3 – Taxa de [r] de acordo com as variáveis sociais e linguísticas da amostra são-miguelense.....	79
Tabela 4.4 – Estimativas, erros padrão e valores de significância dos fatores da variável Classe morfológica na amostra são-miguelense.....	84
Tabela 4.5 – Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 1.....	87
Tabela 4.6 – Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 2.....	89
Tabela 4.7 – Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 3.....	91
Tabela 4.8 – Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 4.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA.....	18
1.1 ORIGENS DO ROTACISMO.....	18
1.2 ROTACISMO EM PESQUISAS DIALETOLÓGICAS.....	20
1.3 ANÁLISES VARIACIONISTAS SOBRE ROTACISMO.....	26
1.4 PROCESSOS RECENTES DE MUDANÇA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS PAULISTA.....	30
1.5 VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	34
CAPÍTULO 2: AMOSTRANDO A FALA SÃO-MIGUELENSE.....	38
2.1 SÃO MIGUEL ARCANJO.....	38
2.1.1 <i>Campo e cidade</i>	41
2.2 ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	49
2.3 AMOSTRA.....	51
CAPÍTULO 3: ANÁLISES QUALITATIVAS.....	55
3.1 ANÁLISES ACÚSTICAS DE (L) EM ATAQUE COMPLEXO.....	56
3.2 (L) EM CODA SILÁBICA.....	58
3.3 (L) EM ATAQUE COMPLEXO.....	62
3.4 IMPRESSÕES SOBRE A FALA SÃO-MIGUELENSE.....	69
CAPÍTULO 4: ANÁLISES QUANTITATIVAS.....	76
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	104

INTRODUÇÃO

Situada no âmbito da Sociolinguística Variacionista (LABOV 2006 [1966]; 2008 [1972]), esta pesquisa estuda duas variáveis linguísticas – (L)¹ em coda silábica (*altura vs artura, sol vs sor, caldo vs cardo*) e em ataque complexo (*bicicleta vs bicicreta, emblema vs embrema, clima vs crima*) – em São Miguel Arcanjo (SMA). Tal município localiza-se no interior de São Paulo, a cerca de 180 km da capital do estado e, na sua constituição sociodemográfica, revela uma nítida divisão entre uma área mais rural e outra mais urbana, divisão esta que chamou atenção da pesquisadora que é de SMA e que foi o ponto de partida para realizar esta pesquisa. A oposição rural *vs* urbano e as noções de estigma e prestígio são de interesse central a este trabalho.

Localmente, os moradores de SMA denominam a região rural como “sítio” – um termo que remete a um lugar específico, segundo o dicionário Caldas Aulete². Em acepção brasileira, o verbete denomina: (i) propriedade agrícola pequena; quinta; fazendola e (ii) moradia rural não longe da cidade; chácara; fazenda. Em SMA, não se trata de denominação de propriedade, mas de uma localidade com características rurais, em que predominam as atividades agropecuárias ligadas ao setor primário da economia. Para não usar o termo “sítio”, que pode ser mais comumente entendido como uma pequena propriedade agrícola, mas também no sentido de evitar os termos “área rural” ou “zona rural”, que podem ser localmente imprecisos (já que, a depender do ponto de vista, toda São Miguel Arcanjo pode ser tomada como um “município rural do interior de São Paulo”), essa dissertação vai se referir às suas porções mais caracteristicamente rurais como “campo”, por oposição ao seu conjunto mais urbano, à qual essa pesquisa se refere com o termo “cidade”.

À oposição campo e cidade no município muito possivelmente correlacionam-se usos linguísticos particulares, no sentido de padrões sociolinguísticos diferentes. O interesse em se estudar tal oposição em SMA reside na hipótese de que a fala seria mais “caipira” no campo, relativamente à cidade. O adjetivo “caipira” retoma Amaral (1976 [1920]) – que elencou, em sua obra, variáveis e suas respectivas variantes linguísticas que

¹ Usam-se parênteses, convencionalmente, para notações sociolinguísticas de variáveis fonológicas (LABOV, 2006 [1966]).

² Disponível no dicionário Caldas Aulete: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acessado em 1 jun. 2019.

se associam a um dialeto “caipira” no estado de São Paulo. Mais precisamente, tal dialeto seria falado nos municípios de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, municípios onde Amaral realizou suas pesquisas e de onde provinham seus informantes (DUARTE 1976: 91 apud CASTRO 2009: 596). Para (L) em coda silábica, o autor afirma que a variante seria um rótico. Ele afirma que a consoante *l* “em final de sílaba, muda-se em *r*” (AMARAL 1976 [1920]: 27) e exemplifica com: *quarquér*, *papér*, *mér* e *arma*, contrapondo-se, respectivamente, às pronúncias *qualquer*, *papel*, *mel* e *alma*. Já para (L) em ataque complexo, Amaral atesta que a consoante *l* “quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em *r*” (Ibid.: 28) e dá os seguintes exemplos: *craro*, *cumpreto*, *cramô(r)* e *frô(r)*, por oposição a *claro*, *completo*, *clamor* e *flor*, respectivamente. O autor define como “troca” de *l* por *r*, o rotacismo de (L) em ataque complexo, caracterizando-o como “um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (Id.). Compreendido como “vício” e presente na fala de um povo denominado “rude” por Amaral, entende-se que o rotacismo era desprestigiado à época da pesquisa do autor. Por outro lado, segundo a citação de Amaral, a variante rótica fazia-se presente também na fala daqueles que pensavam deter posições sociais mais privilegiadas se comparados ao “povo rude”. Essas e outras variáveis linguísticas estariam presentes no falar “caipira” de localidades interioranas brasileiras como afirmam Santiago-Almeida et al. (2009: 166):

[...] ter-se-ia formado no planalto de Piratininga um dialeto crioulo ou quase-crioulo, cujo fundo seria o português arcaico-tardio, que foi disseminado nos sertões pelos bandeirantes, tornando-se elemento comum da linguagem nas comunidades do interior. Dessa variedade portuguesa foi constituído o chamado dialeto caipira, cujos traços, descritos por Amaral (1920), estão ainda hoje bem vivos na linguagem interiorana brasileira, como é o caso do português falado na Baixada Cuiabana [...].

Os autores explicam que o bandeirantismo paulista foi responsável pela criação do Mato Grosso e por levar o chamado “dialeto caipira” a outras regiões brasileiras. Ou seja, ele se faria presente em várias localidades além do território paulista. Consequentemente, o rotacismo – que é uma das variantes do dialeto “caipira” segundo Amaral (1976 [1920]) – foi e pode ser estudado em diversos municípios brasileiros. Em São Miguel Arcanjo, a hipótese inicial é a de que ele seria mais favorecido na fala dos moradores do campo, relativamente aos da cidade, a partir da compreensão de que certos

usos linguísticos podem variar em correlação com região (dentro de um certo município) em que um nativo mora. Esta pesquisa contribui para os estudos de variação e mudança linguística, na medida em que considera a oposição campo *vs* cidade dentro de um mesmo município.

Os trabalhos que se citam a seguir embasam-se tanto na Sociolinguística Variacionista quanto na Dialetologia, que requer um corpus extenso, estudando fatos linguísticos diatopicamente. Tais trabalhos focalizam o estudo de rotacismo em ataque complexo ou coda silábica em localidades brasileiras e embasam esta pesquisa. Assad & Cox (1999) estudaram-no na Chapada dos Guimarães (MT); Santiago-Almeida (2000), na Baixada Cuiabana (MT); Castro (2006), em Minas Gerais e Paraná; Araújo et al. (2009), na comunidade rural de Mata-Cavalo em Nossa Senhora do Livramento (MT); Tem (2010), no Rio de Janeiro (RJ); Romano & Silva (2010), em 38 municípios do estado de São Paulo a partir de dados linguísticos extraídos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB); Freitag (2010), em Moita Bonita (SE); Silva & Sousa (2012), na comunidade quilombola Cipoal dos Pretos (MA) e Altenhofen (2013) nos estados sulistas. É interessante o fato de o rotacismo ser estudado tanto em localidades paulistas quanto em estados nordestinos como Maranhão e Sergipe. A questão que pode ser considerada é se o dialeto “caipira” falado no estado de São Paulo seria semelhante, em alguns aspectos, ao que se fala no Nordeste, considerando que rotacismo é uma das variantes apontadas como características do dialeto “caipira”.

Tal dialeto pode ser estigmatizado nas diferentes regiões em que ele é falado. Em SMA, procurou-se investigar a estigmatização que o rotacismo de (L) em ataque complexo e coda silábica tem nos usos locais. Cabe ressaltar, aqui, o fato de que rotacismo é tomado como variante em ambos os contextos fônicos nesta pesquisa, embora se possa discutir se ele não seria somente [l] transpondo-se em [r]. É possível questionar se [w] passando a [ɹ] seria rotacismo também, pois se pode pensar que, diacronicamente, [w] provém de [l] velarizado e é este último fone que se rotacizaria. Os fones [l] e [r] têm o mesmo ponto de articulação, são segmentos alveolares e diferem quanto ao modo de articulação. Durante as análises qualitativas, muitas vezes não foi possível, somente de oitiva, distinguir um de outro, sendo necessário realizar análises acústicas de dados no Praat (BOERSMA & WEENINK 2014). De todo modo, trata-se de duas variáveis que divergem quanto à produção linguística – para (L) em final de sílaba têm-se [w] e [ɹ] e, para (L) em ataque complexo, têm-se [l] e [r]. As variantes róticas são, portanto, [ɹ] e [r].

A decisão por estudar as duas variáveis linguísticas se deu após a coleta das entrevistas, considerando-se a oposição campo vs cidade localmente. Foram entrevistados 24 são-miguelenses em uma amostra estratificada por região de residência (campo ou cidade), sexo/gênero (masculino ou feminino), grau de escolarização (ensino fundamental II ou médio) e faixa etária (18-25 anos, 30-40 anos ou 50 anos ou mais). Gravou-se um informante para cada um dos 24 perfis sociais. As gravações foram realizadas, na maioria das vezes, na residência dos informantes; o roteiro utilizado baseou-se no do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO 2012), com perguntas adaptadas à realidade do campo, marcada pela concentração do trabalho no setor primário da economia, nas atividades agropecuárias, em contraposição à realidade da cidade, em que as pessoas se ocupam majoritariamente de atividades ligadas ao setor terciário da economia.

Após a coleta de todas as entrevistas, procedeu-se à transcrição delas no ELAN (HELLWIG & GEERTS 2013). A partir das entrevistas transcritas, organizaram-se dois conjuntos diferentes de dados – um para (L) em coda silábica e outro para ataque complexo. As variáveis linguísticas foram estabelecidas após a revisão de um conjunto dos trabalhos (revistos no capítulo 1) sobre rotacismo: extensão vocabular (em número de sílabas), tonicidade, presença de /r/ na palavra, posição do /l/ na palavra, contexto fônico precedente e seguinte, classe morfológica, estilo (conversação e leituras de lista de palavras e de notícia de jornal) e item lexical. Com os dados organizados, iniciaram-se as análises qualitativas e quantitativas.

Para (L) em coda silábica, contabilizaram-se muito poucas ocorrências de [ɹ] – 19 (0,8%) de um total de 2418 dados, de modo que o rotacismo de (L) em final de sílaba se revela como fortemente evitado na fala são-miguelense – pelo menos de acordo com a amostra coletada. Nesse caso, não foi feito um exame estatístico dos dados, evidentemente – já que praticamente não se observa variação. Entretanto, é necessário compreender que se trata de dados de entrevistas, ou seja, deve haver um efeito de controle por parte da situação de gravação e da presença do documentador. Possivelmente, em contexto de comunicação sem esses elementos, ocorreriam mais dados de rotacismo de (L) em final de sílaba.

Já para os dados de (L) em ataque complexo, realizaram-se análises quantitativas no R (R CORE TEAM 2018), no sentido de verificar quais variáveis independentes teriam um efeito na realização dessa variável dependente. Verifica-se uma mudança em andamento, que parece se iniciar na cidade e dirigir-se ao campo; na cidade, o rotacismo

é mais estigmatizado, com os falantes mais jovens evitando-o relativamente mais do que os outros. Por outro lado, as avaliações sociais da variável (L) em ataque complexo pelos próprios são-miguelenses mostram que muitos deles nem sequer notam pronúncias rotacizadas. Tal como se descreve no capítulo 3, ao final das entrevistas, quando se pergunta a eles sobre o que acham do modo de falar “O Dougras imprica com tudo”, muitos dos informantes não se reportam às pronúncias “Dougras” e “imprica”. Assim, se por um lado as análises quantitativas sugerem estigma associado ao rotacismo em ataque complexo – a julgar pelas distribuições dos dados –, por outro lado, muitas vezes os falantes não parecem se dar conta da variação. Na conclusão deste trabalho, discutem-se a distribuição dos dados e os comentários metalinguísticos dos falantes a partir das noções de estigma e prestígio.

No próximo capítulo, faz-se uma revisão de trabalhos sobre rotacismo em uma linha temporal, dos mais antigos aos mais recentes. Estão, também, elencadas pesquisas variacionistas que tratam do português paulista e de noções importantes para este trabalho – como prestígio, estigma, variação e mudança. No capítulo 2, apresenta-se uma descrição sociodemográfica do município de São Miguel Arcaño, com destaque para sua divisão entre campo e cidade. O capítulo traz ainda comentários sobre o roteiro das entrevistas, bem como descreve as variáveis sociais da amostra.

O capítulo 3 apresenta análises qualitativas, a começar pelas análises acústicas dos dados cuja codificação de oitiva foi particularmente difícil. Em seguida, desenvolvem-se os itens sobre os comentários metalinguísticos feitos pelos são-miguelenses entrevistados, tendo em vista suas avaliações das variantes. Por fim, no capítulo 4, reportam-se os resultados dos testes estatísticos para (L) em ataque complexo – com foco na variante normalmente reconhecida como não-padrão pelos estudiosos, ou seja, a pronúncia rotacizada. A partir das análises e da descrição de como o rotacismo se distribui na fala são-miguelense, tenta-se compreender o papel dessa variante nos padrões locais.

CAPÍTULO 1

Contextualizando a pesquisa

Este capítulo organiza-se em cinco itens. O primeiro deles revisa trabalhos mais antigos em que o rotacismo é abordado de um ponto de vista diacrônico. O segundo se dedica a pesquisas sobre rotacismo de uma perspectiva dialetológica que buscam delimitar áreas geográficas a partir de frequência das variantes linguísticas; já o terceiro item trata de trabalhos variacionistas sobre a variável em foco – para encontrar padrões gerais em uma dada localidade, por meio de averiguação de que categorias macrosociais e outras variáveis linguísticas se correlacionam a (L) em ataque complexo e coda silábica. O quarto item aborda trabalhos variacionistas recentes sobre o português paulista e, por fim, o último item revisa noções tratadas em Labov (2006 [1966]; 2008 [1972]) que são de particular interesse para a pesquisa em São Miguel Arcanjo.

1.1 Origens do rotacismo

Desde Camões, n’*Os Lusíadas*, obra do Classicismo português do século XVI, o rotacismo de (L) já estava presente na literatura e, talvez, retratasse a fala portuguesa. Os versos – “E não de agreste avena ou **frauta** ruda,/ Mas de tuba canora e belicosa” (Canto I) e “Algüas, harpas e sonoras **frautas**;/ Outras, cos arcos de ouro, se fingiam” (Canto IX) – mostram que as raízes do rotacismo encontram-se há séculos. Dois séculos depois, em documentos manuscritos brasileiros do século XVIII, época do Brasil Colônia, tal variante linguística é descrita e pode ter sido originado do Português Europeu (PE), como atestam Santiago-Almeida & Araújo (2008/2009: 277):

[...] Muitas das mudanças atribuídas a influências externas estavam latentes ou patentes no português europeu antes da transplantação para a América. Dessa forma, a variação vocálica, a redução de ditongos, o *rotacismo* e *lambdacismo* encontrados nos manuscritos do século XVIII apontam para uma origem lusitana dos fenômenos e não somente para um caso de influência americana ou africana.

O rotacismo, segundo tais autores, não se refere a uma variante exclusiva do Português Brasileiro (PB) – a partir de suas análises dos manuscritos. Eles sugerem que

não se pode atribuir a ocorrência do rotacismo e do lambdacismo – o qual se refere a um processo de substituição de [r] por [l], por exemplo, como em “plato” em vez de “prato” – somente como resultado de influências de línguas indígenas e africanas, tendo em vista a possibilidade de que índios e africanos que habitavam o Brasil falavam português como língua não nativa para eles.

Santiago & Araújo (2008/2009) destacam ainda que a passagem do latim para o português desencadeou mudanças sonoras, dentre as quais o rotacismo de (L) em ataque complexo. Tal passagem também é ressaltada por Nascentes, filólogo brasileiro, como explicação para a transformação de [l] em [r]. O autor (1953) fornece exemplos da substituição de uma variante pela outra: *blandu* (latim) > *brando* (português), *clavicula* (latim) > *cravelha* (português), *flaccu* (latim) > *fraco* (português), *gluten* (latim) > *grude* (português) e *plancto* (latim) > *pranto* (português) e esclarece que a substituição também é comum no PE, embora tal autor não acredite que, em Portugal, haja tanta difusão do rotacismo a ponto de ter influenciado o PB:

[...] Por conseguinte, está dentro das tendências da língua. Todavia não me parece que em Portugal tenha tanta generalidade que a transmitisse ao Brasil. Parece mais que no Brasil resultou da influência do substrato tupi, ou de tendência degenerativa já com raízes na língua. O tupi não tinha o som lê mas possuía o rê (*r* brando). Era natural que se trocasse o lê pelo rê. Do superstrato negro não deve provir porque o negro de Angola sempre teve grande dificuldade em articular o *r* português substituindo-o justamente por *l*: *era-ela*, *claro-calalo*, *fora-fola* (Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, 192) [...] (NASCENTES 1953: 53).

Nascentes (1953) aventa a hipótese de que o rotacismo no PB foi influenciado pelo tupi e descarta a possibilidade de que as línguas africanas influenciaram a variante, porque, em Angola, os habitantes tinham dificuldade de articular o [r] do português, substituindo-o por [l] num processo de lambdacismo, mas deve-se ressaltar o fato de que eram muitas as línguas africanas e indígenas faladas no Brasil.

O autor menciona ainda o rotacismo de (L) em coda silábica como sendo variante associada à fala de uma classe inculta carioca, oferecendo os seguintes exemplos: *Albino* por oposição a *Arbino*, *maldito/mardito*, *algun/argum*, *colcha/corcha*, dentre outros. Nascentes destaca que a variante rótica de (L) em final de sílaba “se encontra no andaluz, no siciliano, no francês popular de Paris, no napolitano, no toscano, no espanhol americano, no romano, no umbro, em Macerata, no genovês, no canario” (NASCENTES 1953: 56).

Já Câmara Jr. (1977: 40-41) associa o rotacismo de (L) em ataque complexo a dialetos sociais populares. Em Amaral (1976 [1920]), o rotacismo, em ataque complexo e coda silábica, é descrito como pertencente ao dialeto a partir de então chamado “caipira”. O autor avalia negativamente a variante, embora ateste que ela também é empregada por pessoas com maior escolaridade e mais bem posicionadas socioeconomicamente, tal como menciona a introdução do presente trabalho.

A partir dos trabalhos aqui revisados, é possível tomar o rotacismo como um processo cujas raízes estão na passagem do latim para o português, mas que ainda hoje vigora em diversas localidades brasileiras, como mostram os próximos itens, sendo muitas vezes estigmatizado sem levar em consideração que faz parte da história da língua portuguesa.

1.2 Rotacismo em pesquisas dialetológicas

Os trabalhos revisados neste item referem-se aos que foram baseados em atlas linguísticos brasileiros, inspirados nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia (Cf. FERREIRA & CARDOSO 1994; AGUILERA 1998; ALTINO 2009; ALENCAR 2011; BERTOLDO 2012; CARDOSO & MOTA 2013; LIMA-PADOVANI & SANCHES 2016), cuja tarefa consiste em inventariar, sistematizar e estudar as variedades de uma língua diatopicamente. Para essas tarefas, a Dialetologia requer um *corpus* extenso e métodos específicos de coleta de dados. Nesse sentido, Silva Neto (1957: 16) esclarece que, para acessar o “falar genuíno” de determinada região (enquanto “feixe de traços linguísticos distintivos”), seria necessário atentar a algumas condições:

- a) tratar-se de comunidade antiga, onde o tipo de vida é tradicional e conservador;
- b) tratar-se de comunidade de mais ou menos setecentos habitantes;
- c) tratar-se de comunidade isolada de grandes centros;
- d) tratar-se de comunidade em que a vida não seja industrial (atividade moderna), mas pastoril ou agrária (SILVA NETO 1957: 30)

O que seria importante, portanto, para acessar tal fala genuína, é procurar por informantes que residissem em comunidades isoladas, ou seja, distantes de centros urbanos e com atividades rurais. O dialetólogo esclarece que tais informantes, dentre outras características, deveriam ser filhos de pessoas do local do inquérito. Se forem casados, o cônjuge deve ser também do local; eles deveriam ter entre 30 e 50 anos de

idade, não terem estudado ou, se possível, serem analfabetos – entre outras características. O documentador deveria, se possível, inquirir um homem e uma mulher no local para ser mais completo o inquérito. Essa metodologia dialetológica de coleta de dados influenciou a elaboração de diversos atlas linguísticos, definidos por Silva Neto como:

[...] reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada: nelas podemos observar, sincronicamente, todas as maneiras de dizer, pronunciar, construir frases, enfim todos os meios de expressão de que dispõe o grupo humano estudado (SILVA NETO 1957: 37).

Cada carta de um atlas linguístico contém uma palavra e suas determinadas abrangências lexicais (cartas semântico-lexicais) e pronúncias (cartas fonético-fonológicas) a depender dos pontos (loais de aplicação de questionários) da região estudada. O objetivo central dos atlas é responder “uma série de indagações do tipo das seguintes: Como exprime a língua de determinada época e de um determinado lugar um dado conceito?” (SILVA NETO 1957: 37).

Fundamentados nas premissas teórico-metodológicas da Dialetologia, as quais passaram por mudanças desde Silva Neto (1957), os trabalhos de Castro (2006), Romano & Silva (2010) e Altenhofen (2013) contam com dados extraídos de atlas linguísticos e abordam a pronúncia de (L) em coda silábica e/ou ataque complexo. Castro (2006) objetivou estudar traços fonéticos e lexicais do dialeto caipira em Minas Gerais e no Paraná. A pesquisadora estudou o rotacismo a partir de materiais de dois atlas linguísticos, *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (RIBEIRO et al. 1977) e *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA 1994). Em ataque complexo, verificou que o rotacismo é menos frequente quando há presença de /r/ na palavra e, em coda silábica, encontrou menores taxas de sua ocorrência em final do que em meio de palavra. No Paraná, “o rotacismo no encontro consonantal é amplamente registrado no desempenho dos paranaenses no que diz respeito a *eclipse*, *glândula* e *neblina*, ocorrendo menos frequentemente na realização de *flor* e *clara*” (CASTRO 2006: 215). Castro constatou que, em Minas, o rotacismo ocorreu mais frequentemente em ataque complexo do que em final de sílaba.

Romano & Silva (2010) estudaram o rotacismo a partir de dados provenientes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB³). Tal atlas baseia-se na Geolinguística, disciplina de caráter interdisciplinar que se constitui do exame da distribuição e frequência de ocorrências particulares da variação linguística num dado espaço e seu posterior registro em cartogramas (ou cartas) fonéticos, semântico-lexicais, entre outros. O trabalho dos autores teve como pressupostos teóricos a Sociolinguística Variacionista e a Dialetologia Pluridimensional (Cf. ISQUERDO & ROMANO 2012), que traz inovações para a área da Geolinguística, na medida em que associa:

[...] dados diastráticos, diagenéricos, diageracionais, diarreferenciais e diamésicos aos dados diatópicos da Geolinguística iniciada por Wenker e Gilliéron, no final do século XIX. Nessa perspectiva, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto em andamento, nacional e interinstitucional, agrega preceitos da Sociolinguística Variacionista à sua proposta de descrever a língua portuguesa falada no Brasil a partir de uma visão diatópica (AGUILERA & ALTINO 2012: 871).

A Dialetologia Pluridimensional acrescenta novas abordagens à Dialetologia tradicional, ressaltando os aspectos de variação para elaboração e aproveitamento das amostras coletadas para os atlas. Romano & Silva objetivam saber que relações existiriam entre, por exemplo, sexo/gênero e faixa etária dos informantes com suas produções linguísticas. Para tanto, eles utilizaram o *corpus* formado pelas respostas de 156 informantes de 38 cidades do estado de São Paulo, inclusive a capital paulista.

³ Site do Projeto ALiB: <alib.ufba.br>. Último acesso em 16 set. 2019.

Figura 1.1: Rede de pontos da região sudeste
(extraído do site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil⁴)

No mapa da Figura 1.1, observam-se 38 pontos no estado de São Paulo, onde houve coleta das respostas dos questionários. Os autores explicam que selecionaram oito perguntas do ALiB em cujas respostas poderia ocorrer rotacismo em ataque complexo. A questão 33 do questionário fonético-fonológico, por exemplo, indaga: “No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?” Prevvia-se que o informante poderia responder “clara” ou “crara”, com rotacismo de (L). Do questionário semântico-lexical, no campo de fenômenos atmosféricos, a pergunta 21 – “Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?” – tinha como possíveis respostas “nevoeiro”, “cerração” ou “neblina”; em neblina, havia a possibilidade de se pronunciar “nebrina”.

Os autores concluíram que o rotacismo se conservou no português, dada a grande vitalidade dele no estado de São Paulo:

⁴ Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>>. Último acesso em 7 jun. 2019.

Figura 1.2: Distribuição diatópica de [l] e [r] em ataque complexo no estado de São Paulo (extraído de ROMANO & SILVA 2010: 3559)

Em Sorocaba e Itapetininga (este último, um município que faz fronteira com SMA), a distribuição das variantes [l] e [r] é igual a 50% para cada uma delas, mas cabe ressaltar o fato de que são muito poucos os informantes em cada município, o que, portanto, limita os dados em termos estatísticos. Em Capão Bonito, município que também faz fronteira com SMA, há um predomínio de [l], de acordo com a distribuição da carta linguística; em São Paulo e Campinas, por sua vez, há uso categórico de tal variante, isto é, não houve casos de rotacismo nas respostas dos informantes. Os municípios de Presidente Epitácio e Ribeira têm predomínio da variante [r]. De modo geral, nota-se que a variação é alta no que concerne a pronúncia de (L) em ataque complexo.

Romano & Silva concluem, a partir dos dados analisados com o programa Goldvarb (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH 2005), que o rotacismo é mais frequente na fala de homens de segunda faixa etária (de 50 a 65 anos), portanto, sexo/gênero e faixa etária são os fatores que se correlacionam a (L) em ataque complexo, no trabalho dos autores (assim como item lexical e extensão vocabular, em termos linguísticos). Os autores informam que *clara* é o item lexical em que a taxa da variante

[l] é a mais alta (82%); já o item *clavícula* apresentou o maior índice de rotacismo de (L) em ataque complexo (84%). A explicação – para a alta taxa de rotacismo nas respostas em que a palavra *clavícula* é pronunciada – é dada por meio de dois fatores: por se tratar de um vocábulo proparoxítono e por ser pouco frequente no uso no cotidiano dos informantes. Os autores atestam que a variante [l] predominou em palavras de maior frequência de uso no cotidiano como por exemplo *clara*, *planta*, *bicicleta* e *flor* (ROMANO & SILVA 2010: 3555). Na tabela abaixo, fornecem-se os pesos relativos para cada vocábulo:

Tabela 1.1: Pesos relativos dos itens lexicais
(extraído de ROMANO & SILVA 2010: 3555-3556)

Item	Peso
lexical	relativo
clara	0,302
planta	0,557
placa	0,421
bicicleta	0,423
neblina	0,587
beija-flor	0,313
clavícula	0,906

Quanto à extensão vocabular, observou-se favorecimento do rotacismo em vocábulos trissílabos (peso relativo = 0,628) e polissílabos (peso relativo = 0,675) diferentemente do monossílabo *flor* que desfavoreceu bastante a variante (peso relativo = 0,287) e dos dissílabos que, embora também desfavorecessem o rotacismo, apresentaram peso relativo igual a 0,431 – valor próximo ao ponto neutro.

Altenhofen (2013) valeu-se de dados oriundos do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (KOCH et al. 2002) para apresentar um “conjunto de hipóteses acerca da delimitação de áreas linguísticas significativas da variação diatópica do português falado na região sul do Brasil” (ALTENHOFEN 2013: 179). O autor afirma que “Os dados do ALERS reproduzem, essencialmente, o português rural falado pela classe menos escolarizada (analfabeto ou semianalfabeto até 4ª série), com idade entre 28 e 58 anos” (Ibid.: 182). Ele buscou “registrar em cada ponto de inquérito a variante linguística com maior probabilidade de ser a mais frequente e mais representativa da

localidade, não significando de modo algum que seja a única” (Ibid.: 184) e verificou que a pronúncia rotacizada em final de sílaba, como em *revólver* e *calção* e, em ataque complexo, como em *clara*, ocorre mais na área ao norte de uma divisão delimitada por uma região de transição chamada *Leque Catarinense* (pertencente ao estado de Santa Catarina). Esta proposta de divisão da região Sul brasileira parte de movimentos colonizadores:

Historicamente, essa divisão parece ser o reflexo de dois movimentos colonizadores em sentidos opostos: em direção sudoeste, partindo do “Paraná antigo”, e no sentido sul, aproveitando os Campos de Lajes e Curitibanos, temos a propensão de traços paulista-paranaenses; a oeste, como extensão do processo de colonização da região das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, projeta-se a migração de populações rio-grandenses, em grande parte descendentes dos imigrantes alemães, italianos e poloneses, assentados há já mais tempo nas chamadas Colônias Velhas (ALTENHOFEN 2013: 186-187).

O autor constata que, historicamente, pode ter havido influência de traços paulistas no falar da região Sul, principalmente nos falares da área denominada “Paraná Antigo” e da região dos Campos de Lajes e Curitibanos.

Todos os trabalhos revisados neste item contribuem no sentido de mostrar a permanência do rotacismo nas localidades estudadas, as quais abrangem não somente o estado de São Paulo, mas também Minas Gerais, Paraná, Maranhão entre outros estados. A pesquisa realizada em SMA, que não é de cunho dialetológico, informa que o rotacismo também está presente em uma localidade do interior paulista. Mais do que isso, ela conta com uma amostra de onde se extraíram dados analisados estatisticamente, indicando que o rotacismo tem correlação com fatores sociais e podendo-se discuti-lo a partir das noções de estigma vs prestígio. Desse modo, a Sociolinguística acrescenta, à descrição de fatos linguísticos em determinadas localidades, a discussão sobre se determinada forma adquiriu ou não uma estigmatização local.

1.3 Análises variacionistas sobre rotacismo

Assad & Cox (1999) analisaram grafias de (L) em coda silábica e ataque complexo, por crianças de uma turma da 2ª série de uma escola pública situada em um bairro periférico da cidade de Chapada dos Guimarães (MT). Os pesquisadores frequentaram as aulas da turma a fim de coletar dados de anotações nos cadernos e textos

produzidos pelos alunos. De aproximadamente cem textos, foram extraídas as grafias dos dois fonemas em encontros consonantais tautossilábicos e em posições pós-vocálicas. A partir de ocorrências como *compricação, crube, froresta, argodão, parpite* (entre outras), os autores verificaram que crianças tendem a imprimir, na escrita, os sons da fala e, dessa forma, suas particularidades dialetais e pertencimento à comunidade do falar cuiabano, variedade em que o rotacismo é bastante produtivo e empregado inclusive por cuiabanos de origem urbana, mais escolarizados e de classes sociais mais altas, apesar do estigma comumente associado a tal variante.

Nesse mesmo estado, Santiago-Almeida (2000) objetivou entrecruzar dados fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana – consonantismo, vocalismo e outros variáveis linguísticas – com um *corpus* de língua escrita, composto por documentos notariais do século XVIII, época das bandeiras, como modo de descrição do atual estado linguístico na região. O objetivo central foi efetuar:

[...] um exame das relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico utilizado pelos informantes para depois, na medida do possível, localizar a fonte das mutações e/ou permanências de traços do aspecto fonológico do português setecentista na estrutura do português de hoje, falado na Baixada Cuiabana. (SANTIAGO-ALMEIDA 2000: 40).

A composição da amostra do português falado na Baixada foi feita com oito informantes, três do sexo feminino e cinco do masculino, de idade média de 50 anos, sem nenhum ou quase nenhum grau de escolaridade, nascidos e criados em um mesmo município e que mantêm contato com pessoas de seu núcleo próximo. Também se levou em consideração o “habitat em que vive e viveu cada entrevistado, observando se ele teve e/ou tem acesso diário aos meios de comunicação de massa e se convive ou interage com grupos sociais díspares do seu” (SANTIAGO-ALMEIDA 2000: 40). O autor verifica que, na fala da Baixada Cuiabana, “nos grupos *bl*, *cl*, *gl* e *pl*, em todo o corpus transcrito, em todas as ocorrências da alveolar ocorre o fenômeno de rotacismo (...) no fim de sílaba travada, no interior ou final de vocábulo, a tendência é pela realização da retroflexa [ɭ]” (Ibid.: p. 173). Tem-se, aqui, a correlação entre contexto fônico precedente e a variável estudada. Santiago-Almeida conclui que há resistência de traços antigos, conservados na fala na Baixada, e que o rotacismo é um de tais traços que remonta ao português setecentista, conservando-se desde então no falar cuiabano.

Araújo et al. (2009), por sua vez, estudaram a variável (L) em Mata-Cavalo, comunidade rural quilombola, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento (MT), aventando:

- (1) A hipótese segundo a qual a variedade do falar cuiabano, por se tratar de um falar rural atestado em comunidades localizadas na trilha das bandeiras, revelaria aspectos conservadores do dialeto caipira relacionado à época das expedições bandeirantes e à variedade do dialeto caipira falada atualmente.
- (2) A segunda hipótese, já tratada por Palma (1984), sugere que o dialeto cuiabano, em seus traços mais marcados estaria em fase de completo desaparecimento desde a década de 1980, de modo que mesmo na fala de adultos a ocorrência de alguns traços caracterizadores do dialeto caipira não mais ocorreriam (ARAÚJO et al. 2009: 295-296)

A primeira hipótese baseia-se na formação do Mato Grosso a partir do movimento das bandeiras paulistas que carregaram consigo o dialeto e o *modus vivendi* caipira para outras regiões após o esgotamento do ciclo de ouro. A segunda hipótese embasa-se no fato de que linguisticamente “o contato (direto ou indireto) entre o cuiabano e o migrante provocou inúmeras mudanças” (PALMA 1984: 21 apud ARAÚJO et al. 2009: 296) no falar cuiabano.

Os autores selecionaram informantes que tinham idade média de 50 anos, eram analfabetos ou tinham ensino primário incompleto, eram ligados culturalmente à comunidade e tiveram pouca exposição a variedades linguísticas veiculadas por mídias, o que contribui para se obter um falar mais genuíno, pouco favorável ao processo de padronização linguística, proporcionado pela televisão por exemplo. Eles verificaram que, em ataque complexo, ocorre [r] em todos os casos encontrados, sendo a baixa escolaridade e o pouco acesso às mídias sociais variáveis relacionadas diretamente ao uso da variante, “levando adiante uma deriva fonológica que se insinuara no latim vulgar” (ARAÚJO et al. 2009: 303) e confirmando “a resistência do “mito” da conservação de traços e tendências presentes em uma ou mais fases da língua portuguesa” (Id.). Sobre a segunda hipótese, os autores afirmam que embora houvesse transformações socioeconômicas e culturais no Mato Grosso após a década de 70, afetando “as relações de força entre os habitantes locais e os imigrantes, estendendo seus efeitos ao devir do falar cuiabano (...) essas forças têm chegado lentamente às regiões mais rurais, como é o caso da comunidade estudada” (ARAÚJO et al. 2009: 304). Portanto, as regiões rurais resistiriam com mais força a processos de mudança linguística implantados no falar cuiabano.

No Rio de Janeiro, Tem (2010) analisou o rotacismo com base na fonologia gerativa e em estudo “painel”⁵, em uma comunidade escolar da zona oeste do município com informantes contatados em 2006 (5-7 anos) e recontatados após a primeira entrevista em 2010 (com 9-11 anos) e concluiu que escolaridade correlaciona-se à pronúncia de (L) em ataque complexo: quanto mais escolarizadas as crianças, mais elas adquirem a variante padrão e, conseqüentemente, desfavorecem o rotacismo em tal contexto fônico (peso relativo = 0,38). A tabela seguinte resume os resultados, com os pesos relativos para rotacismo nas duas faixas etárias:

Tabela 1.2: Rotacismo por faixa etária (adaptado de TEM 2010: 86)

	N/Total	%	PR
5-7 anos	294/648	45,4%	.62
9-11 anos	160/694	23,1%	.38

Freitag et al. (2010) analisaram o rotacismo na fala e na escrita de alunos de duas escolas municipais de Moita Bonita (SE) – uma delas localizada em uma região mais urbana denominada “cidade” e outra, numa região mais rural denominada “povoado” pelas autoras⁶. A amostra de 55 estudantes foi estratificada por sexo/gênero, série (2º e 5º anos) e o que elas chamam de identidade local (“cidade” ou “povoado”). As pesquisadoras utilizaram o contínuo de urbanização (BORTONI-RICARDO 2004) como tentativa de definir uma área mais rural e outra mais urbana dentro do município. Tal contínuo abrange, de um lado, variedades rurais isoladas e, de outro, variedades urbanas padronizadas e, no centro do contínuo, uma área “rurbana”, habitada por:

[...] migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO 2004: 52).

⁵ Segundo Labov (2006 [1966]: 200, tradução própria): “O método ideal para o estudo de mudança é diacrônico: descrição de uma série de amostras em tempo real, seja por um conjunto independente de amostras aleatórias de uma mesma população (estudo de tendência), seja por re-entrevistas dos mesmos indivíduos ao longo dos anos (estudo de painel)”.

⁶ A autora propôs divisão em uma região mais rural e outra mais urbana – de modo semelhante ao que se considera para o caso de São Miguel Arcanjo, conforme expõe a introdução.

O foco principal foi verificar se, no quinto ano, em que se espera que os alunos já dominem a norma culta escrita, seria menos frequente a variante estigmatizada (rotacismo) e mais frequentemente o uso da variante padrão (lateral). As variáveis extralinguísticas consideradas foram: estímulo/resposta (visual/escrito, visual/oral e oral/escrito) e tipo de vocábulo.

A coleta de dados foi feita, inicialmente, com a aplicação de um “ditado visual”, em que os documentadores mostravam uma imagem e o aluno registrava, por escrito, o nome dela. Depois, aplicou-se o mesmo estímulo visual, só que o aluno, individualmente, dava uma resposta oral ao nome da imagem. Também se aplicou um ditado oral, em que palavras foram pronunciadas com a variante padrão. Neste último procedimento, os alunos escreviam o que era ditado, para que se pudesse “observar como os alunos correlacionam a percepção auditiva à escrita” (FREITAG et al. 2010: 22). As mesmas palavras fizeram parte do mesmo tipo de ditado: *flor*, *planta*, *sacola plástica*, símbolo do *flamengo*, *placa*, entre outras. Verificou-se que, em respostas escritas, a variante padrão de (L) é favorecida, tanto quando se aplicam estímulos orais (peso relativo = 0,62) quanto visuais (peso relativo = 0,55). Por outro lado, em respostas orais, é desfavorecida a variante padrão (peso relativo = 0,30). As pesquisadoras tentam explicar esse resultado “por conta do planejamento/monitoramento do texto escrito, diferentemente do texto falado, já que por mais que se planeje uma fala, ao executá-la a probabilidade de não sair como planejado é muito grande” (Ibid.: 25). De fato, o planejamento da escrita tende a ser maior do que a da fala.

Contrariamente à hipótese inicial de que estudantes da cidade tenderiam a usar mais a variante padrão, os alunos do povoado favoreceram o uso de tal variante (peso relativo = 0,60), indicando que “nem sempre o fato do indivíduo pertencer à zona rural significa que este utiliza a variante estigmatizada, ou ainda, as fronteiras entre o que é rural e o que é urbano em um município do interior não sejam muito definidas” (Ibid.: 28). Os alunos do 5º ano tenderam a favorecer a variante lateral, relativamente aos do 2º, o que mostra que a escolarização tem papel fundamental na padronização linguística e na coerção de possíveis desvios da norma culta. Por fim, os estudantes do sexo masculino favoreceram o uso da variante padrão (peso relativo = 0,56), contrariamente ao que se esperava para este resultado.

Silva & Sousa (2012) realizaram estudo sociolinguístico quantitativo na comunidade quilombola Cipoal dos Pretos, localizada a 40 km de Codó, no Maranhão.

Os autores constataram que o rotacismo é recorrente nas falas dos moradores da comunidade e que há tendência ao uso da variante [r] nos encontros consonantais com plosivas bilabiais, *pl* e *bl*. Portanto, contexto fônico precedente mostrou-se relevante. O sexo/gênero dos informantes não se correlacionou a (L) em ataque complexo, diferentemente de faixa etária, uma variável que permitiu verificar que o rotacismo tendeu a se preservar na fala de informantes mais jovens.

A partir das sínteses dos trabalhos citados, pode-se afirmar que a pronúncia de (L) é variável a depender de fatores linguísticos e sociais – mostrando alguns resultados diferentes das hipóteses comumente elaboradas para a área de sociolinguística, como por exemplo para região de residência. Para a presente pesquisa variacionista, espera-se que os homens, em relação às mulheres, tendam a rotacizar mais frequentemente, assim como informantes do campo, relativamente aos da cidade, mais velhos, em relação aos mais jovens e menos escolarizados relativamente aos mais escolarizados da amostra.

1.4 Processos recentes de mudança linguística no português paulista

Este item trata de pesquisas recentes sobre o português paulista, desenvolvidas com base em premissas teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV 2006 [1966]; 2008 [1972]) e que contribuem para se compreender o processo de mudança linguística em andamento em SMA. Estes trabalhos apresentam estratificação de amostra e tipos de perguntas semelhantes aos desta pesquisa e, também, apresentam resultados que convergem aos encontrados para SMA, como por exemplo em relação aos usos linguísticos correlacionados à divisão local entre uma região mais urbana e outra mais rural dentro de um mesmo município.

Picinato (2018) estudou a pronúncia de (L) em coda e ataque complexo e outras variáveis linguísticas em Sales Oliveira (SP), focalizando aspectos de identidade e de imagens sobre “caipira” retratadas na mídia e na literatura. A autora entrevistou 30 informantes nascidos e criados no município, estratificados por sexo/gênero (masculino; feminino) e faixa etária (10-15; 30-45; 70-95 anos) para investigar casos de mudança linguística no município, considerando-se a divisão local entre zona rural e zona urbana.

A pesquisadora verificou que ocorreram mais casos de rotacismo na fala de homens mais velhos e de moradores da zona rural (peso relativo = 0,726), relativamente aos moradores da zona urbana (peso relativo = 0,339). O rotacismo é, portanto, favorecido

na fala dos moradores da zona rural e desfavorecido na fala dos moradores da zona urbana, indicando que tal variante pode estar em processo de mudança linguística em Sales Oliveira. Resultado semelhante ocorre em SMA, onde o rotacismo é favorecido no campo; já, na cidade, ele vem sendo substituindo pela variante [l]. Picinato destaca que provavelmente há associação entre rotacismo de (L) em ataque complexo e final de sílaba à figura do “caipira” veiculada pela mídia, sendo, provavelmente, uma forma linguística estigmatizada localmente. Sobre tal figura, a autora destaca que:

[...] muitas personagens “caipiras” eram retratadas pela mídia televisiva pautadas no molde do Jeca Tatu, personagem criada por Monteiro Lobato, em 1914. Por isso, as personagens que compunham o núcleo “caipira” das telenovelas eram ingênuas, se vestiam de xadrez, eram fáceis de ser enganadas e falantes em excesso da variante retroflexa [...] (PICINATO 2018: 19).

As imagens mais tradicionais veiculadas em telenovelas estigmatizam o “caipira” que é visto como indolente, atrasado socioeconomicamente e alvo de chacota. Atualmente, tais imagens contrastam com a dos habitantes de zonas rurais, que são produtores agrícolas, independentes e, muitas vezes, financeiramente prósperos. A autora (2018) ressalta as mudanças sociais, políticas e econômicas e suas possíveis relações com o modo de vida dos “caipiras” no campo, nos municípios pequenos ou grandes. Tais mudanças podem explicar os usos linguísticos em Sales Oliveira e São Miguel Arcanjo, que são municípios paulistas.

Mudanças econômicas explicam também os usos linguísticos em Louveira, onde Carreão (2018), por sua vez, estuda /r/ em coda silábica, palatalização de /t/ e /d/ e outras variáveis linguísticas, partindo da hipótese central de que “a proximidade com São Paulo, associada à mudança no perfil da economia na cidade, levaria a uma aproximação linguística com o grande centro: a variante tepe [ɾ] para a posição de coda silábica” (CARREÃO 2018: 3), tomando São Paulo como centro irradiador da mudança linguística para Louveira (que dista 71 km da capital). Para verificar sua hipótese, Carreão coletou amostras da fala de informantes de dois grupos diferentes: um grupo chamado “Controle”, com depoimentos de 5 a 10 minutos de louveirenses de 61 a 90 anos, a fim de verificar o “estado anterior da língua e de falantes que se apresentam como “típicos” louveirenses” (Ibid.: 45). No grupo “Entrevistas”, foram entrevistados 25 informantes, estratificados por sexo/gênero (masculino ou feminino), faixa etária (18-29; 30-45; 46-60 anos) e região de residência (centro ou bairro). “Centro” referir-se-ia a uma região mais urbana e

“bairro”, a uma área mais rural dentro do município. Também há, para o grupo “Entrevistas”, outras variáveis sociais – como ascendência (italiana ou não italiana), renda e escolaridade (ensino médio ou educação profissional).

O autor verifica, por meio de modelos de regressão logística de efeitos mistos no R (R CORE TEAM 2018), que as variáveis sociais não têm correlação significativa com realização das oclusivas /t/ e /d/ no grupo “Controle”. Para o grupo “Entrevistas”, há resultado semelhante, com exceção de faixa etária, porque a realização de africadas de /t/ e /d/ aumenta quanto mais jovens são os informantes, apontando para um processo de mudança linguística em vias de consolidação. Da mesma forma, a variante [l] é favorecida na fala de informantes mais jovens em SMA, relativamente aos mais velhos, provavelmente por conta da pressão do mercado de trabalho; já Carreão entende que o favorecimento das africadas de /t/ e /d/ tenha sido impulsionado pela vinda de empresas e a nova configuração de mercado de trabalho na comunidade estudada.

Para /r/ em ataque complexo, observou-se que mulheres, informantes mais jovens e com maior grau de escolaridade tendem a desfavorecer a variante tepe, sendo que a mudança linguística já se consolidou para tal variável, em direção à variante velar no ataque, favorecida categoricamente nas faixas etárias de 18 a 29 anos e 30 a 45 anos. Carreão sugere que, nesta última faixa etária, os informantes estariam “mais sujeitos às mudanças econômicas por que Louveira passou e são aqueles que puderam presenciar a passagem de uma cidade com a dinâmica de trabalho mais agrícola à dinâmica das grandes empresas e indústrias” (CARREÃO 2018: 130). O trabalho de Carreão converge com resultados de outros trabalhos sociolinguísticos do PB, pois nele se verifica que as variáveis estudadas, com exceção de /r/ em coda silábica, passam por processos de mudança semelhantes, ou seja, são mudanças que se iniciam em grandes centros urbanos e caminham para regiões mais interioranas dentro de um mesmo estado.

Plaza (2018) entrevistou 30 informantes em Itatiba para analisar os processos fonológicos de palatalização de oclusivas dentais diante de [i], como em “tia” e “dia”, /r/ em ataque silábico, rotacismo entre outros processos. Os entrevistados foram estratificados por sexo/gênero, faixa etária (20-40; 40-65; 65 ou mais anos), classe social (baixa ou média), região de residência (“sítio”, centro ou bairro), escolaridade (sem escolarização, ensino fundamental, médio ou superior), ascendência (italiana ou não italiana) entre outros fatores sociais, inclusive região de residência: “sítio” (para zona

rural), “centro” (para informantes que moram na região mais urbana do município) e “bairro” (para informantes que não moram nem no “centro” nem na zona rural).

Os resultados parciais de sua pesquisa de mestrado em fase de conclusão apontam para tendência ao favorecimento de oclusivas dentais na fala de homens, de informantes de classe baixa e de itatibenses mais velhos (de terceira faixa etária). Tal variante também tende a ser favorecida na fala de moradores da zona rural (denominada “sítio” pela autora) e na fala de informantes com menor grau de escolaridade. Os resultados são opostos para realização de africadas palato-alveolares que tenderam a ser favorecidas na fala de mulheres, de informantes de classe média, pessoas mais jovens (de primeira faixa etária), do “centro” e com ensino superior. Possivelmente, a realização de africadas palato-alveolares detém algum grau de prestígio em Itatiba, visto que tal realização está presente na fala de mulheres, de informantes de classe média e com maior grau de escolaridade. Resultado semelhante se obtém para (L) em ataque complexo em SMA, pois a variante [l] tendeu a ser favorecida na fala de mulheres e de informantes mais escolarizados.

A autora (2018) considera que há mudança de cima para baixo ocorrendo em Itatiba e classifica a palatalização como variante inovadora, que vem dos (grandes) centros urbanos e se dissemina entre os informantes de primeira faixa etária. Plaza aponta para a classe média como sendo primordial para o tipo de mudança em progresso observada no município. Em relação a /r/ em coda silábica, atesta-se que a variante tepe, embora pouco frequente de modo geral na fala itatibense, foi mais realizada na fala de mulheres, de segunda faixa e com ensino superior.

Todos esses trabalhos convergem no sentido de mostrar que as perguntas a serem respondidas por eles e os resultados apresentados são semelhantes ao que se encontra para a pesquisa realizada em SMA. As noções de estigma e prestígio podem explicar as mudanças que ocorrem em Sales Oliveira, Louveira e Itatiba, mostrando que certas formas linguísticas adquirem prestígio a partir das mudanças socioeconômicas que acontecem nos municípios estudados e correlacionam-se à região de residência dentro de uma mesma localidade interiorana.

1.5 Variação e mudança

Esta pesquisa toma por base Labov (2006 [1966]; 2008 [1972]) e algumas hipóteses comumente verificadas em trabalhos variacionistas cuja amostra de dados se

estratifica por sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e região de residência. As pesquisas labovianas em Nova York (LABOV 2006 [1966]) e Martha's Vineyard (LABOV 2008 [1972]) contribuem para compreender o que está no “pano de fundo” da variação e da mudança linguísticas observadas em uma comunidade. A construção da amostra são-miguelense foi inspirada por esses trabalhos que lançaram as bases da sociolinguística e que objetivaram verificar os padrões linguísticos em determinada comunidade, ou seja, buscaram correlações entre categorias macrossociais e variáveis linguísticas de modo geral.

No primeiro trabalho, Labov estudou, dentre outras variáveis, a pronúncia de (r) pós-vocálico. A pergunta central era se os vendedores de três lojas de departamento, destinadas a clientes de diferentes classes socioeconômicas, apresentariam padrões linguísticos na pronúncia de (r) convergentes a essas classes. Labov, no papel de cliente da loja, perguntou a esses vendedores sobre a localização de uma certa seção, para cuja resposta ele sabia que viriam as palavras *fourth floor* (“quarto andar”). Em uma delas, portanto, o (r) é medial e, na outra, final. O pesquisador anotou se o (r) foi pronunciado pelos vendedores em um estilo casual (a primeira resposta deles) e em um estilo mais “cuidadoso”, quando Labov fingia não entender a primeira resposta. Em um estilo mais casual, Labov considerou que o falante prestaria menor atenção à própria fala, auto monitorando-se menos, diferentemente do estilo mais “cuidadoso”, em que haveria maior tendência ao favorecimento do emprego de variantes prestigiadas em uma comunidade.

Labov conclui que os vendedores da Macy's, quando respondem pela segunda vez à pergunta do pesquisador (em um estilo mais enfático), aproximam-se muito do padrão observado na fala dos vendedores da Saks (loja destinada a clientes de classe mais alta). Os funcionários da Saks pronunciavam o (r) mais frequentemente como um rótico, uma variante prestigiada em Nova Iorque, embora a pronúncia não rótica fosse a mais característica da fala nova-iorquina, à época da pesquisa.

Embora classe social não estratifique a amostra são-miguelense, pode-se fazer certo paralelo entre classe e escolaridade. No Projeto SP2010⁷ (MENDES & OUSHIRO 2012) e em várias pesquisas sociolinguísticas brasileiras, há estratificação da amostra por escolaridade (ensino médio e ensino superior) e não por classe social. No trabalho de Labov em Nova Iorque e em muitos outros trabalhos variacionistas, tem-se verificado que falantes de classes sociais mais altas favorecem uso de variantes prestigiadas,

⁷ Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/>>. Último acesso em 17 set. 2019.

semelhantemente ao que ocorre com o grau de instrução do falante. Tais variantes tendem a ser favorecidas na fala de informantes mais escolarizados, relativamente ao menos escolarizados de uma amostra.

No segundo trabalho (LABOV 2008 [1972]), o pesquisador estuda os ditongos (ay) e (aw) em Martha's Vineyard, uma ilha que pode ser tomada como inteiramente rural, mas que localmente apresenta divisão entre ilha alta (estritamente rural) e baixa (região menos rural, onde reside a maior parte da população); pode-se fazer paralelo com SMA, que localmente se divide em uma região mais rural e outra mais urbana (com concentração populacional). Martha's Vineyard, pertencente ao estado de Massachusetts, tinha uma população fixa de cerca de 6000 nativos em 1960 – quantidade bem menor quando comparada à população de Nova Iorque.

O autor objetivou reconstruir o percurso que culminou com a mudança sonora na ilha por meio de correlações entre as duas variáveis e fatores linguísticos (contexto fônico seguinte, tonicidade e item lexical) e sociais (região de residência, faixa etária, ocupação, etnia e identidade local), atestando que o ditongo (ay) estava bastante centralizado, mas (aw) apresentava pouca centralização. Ele verificou também taxas mais altas para a centralização dos ditongos em áreas da ilha alta, em Chilmark, por exemplo, comparativamente à parte baixa da ilha. Região de residência correlaciona-se, portanto, à centralização de ditongos no trabalho laboviano e é uma das variáveis presentes na pesquisa em SMA, porque espera-se que os usos linguísticos sejam diferentes para o campo (região mais rural) e para a cidade (região mais urbana). Faixa etária é outro fator social que estratifica a amostra laboviana e que também tem correlação com as variáveis linguísticas em foco, sendo que o impulsionamento da mudança linguística na comunidade estudada foi produzido pelas faixas etárias intermediárias do *corpus* (31-45 e 46-60 anos) que tenderam a favorecer a centralização das duas variáveis. Tal variável social está inclusa na pesquisa em SMA, porque se objetiva verificar se ocorre mudança linguística no município e que faixa etária conduz tal mudança, caso ela exista.

Ainda em Labov (2008 [1972]), há classificação das variantes linguísticas de acordo com as avaliações sociais que elas recebem. Os indicadores são “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa” (LABOV 2008 [1972]: 360). Lucchesi (2015) classifica como indicador a realização do sujeito pronominal e cita os exemplos “nós não saímos ontem”

por oposição a “não saímos ontem” (LUCCHESI 2015: 80), sendo que a avaliação de tal variável poderia estar abaixo do nível de consciência. Já os marcadores têm “estratificação estilística tanto quanto estratificação social. Embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva” (Id.). Oushiro (2014) classifica a variável (ẽ) como um marcador para os paulistanos e um estereótipo para não paulistanos, porque “[ẽ] está disponível para comentários metadiscursivos para os não nativos da cidade, o que de modo geral não ocorre para os próprios paulistanos” (OUSHIRO 2014: 73).

Os estereótipos, por sua vez, são “formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV 2008 [1972]: 360). A nota de tradução de *Padrões sociolinguísticos* aponta para alguns estereótipos linguísticos do Português Brasileiro, tais como o rotacismo de (L) em coda silábica e ataque complexo. Tal variante detém o mais alto grau de avaliação negativa em Head (1981 apud BORTONI-RICARDO 2011: 76). É importante destacar que o prestígio e os valores sociais positivos ou negativos associados a formas estereotipadas pode variar e que “o estigma social conferido a alguns desses estereótipos tem levado à mudança linguística rápida, com extinção quase total (...)” (LABOV 2008 [1972]: 362) de tais formas.

Nos capítulos 3 e 4, discute-se mais detidamente o *status* de estereótipo conferido ao rotacismo de (L) em coda silábica e ataque complexo, atentando para as possíveis avaliações que os são-miguelenses têm sobre o rotacismo de (L) (capítulo 3) e mostrando os resultados dos processos de variação e de mudança de (L) em ataque complexo em São Miguel Arcanjo (capítulo 4).

CAPÍTULO 2

Amostrando a fala são-miguelense

Neste capítulo, descreve-se brevemente o município de São Miguel Arcanjo, no que toca a suas características socioeconômicas (item 2.1), a fim de se apresentar o roteiro utilizado na gravação das entrevistas sociolinguísticas (item 2.2) e a amostra da fala são-miguelense (item 2.3).

2.1 São Miguel Arcanjo

O município de São Miguel Arcanjo, localizado no sudoeste paulista e pertencente à região metropolitana de Sorocaba, distancia-se cerca de 180 km de São Paulo e faz fronteira com Itapetininga, Pilar do Sul, Sete Barras e Capão Bonito.

Figura 2.1 - Localização de São Miguel Arcanjo no estado de São Paulo

Figura 2.2 - São Miguel Arcanjo, suas fronteiras e localização em relação a São Paulo, Sorocaba e Campinas

A população de São Miguel Arcanjo é de 31.450 habitantes segundo o IBGE (2010), com densidade demográfica de 33,8 hab./km². Há concentração populacional na cidade, cuja população é de 21.502 residentes (68,4% do total); a região do campo é bastante extensa e menos densa demograficamente, com população de 9.948 habitantes (31,6% do total). De acordo com o IBGE (2010), o IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – foi calculado em 0,710, o que representa nível alto de desenvolvimento, considerando-se a expectativa de vida ao nascer, educação e renda *per capita*.

O município foi fundado em 1889, quando deixou de ser distrito de Itapetininga. O tenente Urias Emídio de Souza, juntamente com amigos e familiares, foram os primeiros povoadores da então denominada Fazenda Velha, antigo núcleo em torno do qual se fundou o município.

Segundo informações disponíveis no site da Prefeitura de São Miguel Arcanjo⁸, o cultivo de algodão na década de 1920 foi responsável pela fase mais próspera da economia são-miguelense. Na II Guerra Mundial, houve exploração de madeira para carvão, o que também contribuiu para o desenvolvimento econômico da região. Com o término da II Guerra, os primeiros imigrantes japoneses iniciaram o cultivo de batata e de uva e impulsionaram a agricultura local. O cultivo de uvas, especialmente da uva Itália, é uma das fontes geradoras de renda para SMA, alcunhada como “A capital da uva Itália”.

Sua economia atual tem como base os setores de serviços e de agropecuária, setor este que representa a maioria percentual do PIB, 39,2% dele. No último desses setores, hoje cultivam-se arroz, batata-inglesa, soja, trigo, feijão, banana, abacate, nêspera, mexerica, chá-da-Índia e uva, entre outros. A criação de rebanho bovino para corte e leite destaca-se na pecuária. Na silvicultura, há uma extensa área de cultivo de eucalipto e de pinus. O turismo é área que mais se expande a cada dia: o município abriga reservas florestais, como o Parque Estadual Carlos Botelho, local em que se podem contemplar riquezas naturais como cachoeiras, rios, pássaros e também realizar trilhas e boia-cross. Por apresentar fauna e flora diversificadas, tal parque atrai pesquisadores nacionais e estrangeiros para a região. A zona rural é bastante extensa em SMA, sendo que o município pode ser classificado como inteiramente rural a partir da metodologia de classificação de municípios brasileiros, proposta por Rodrigues (2014).

Tal classificação considera a estrutura demográfica (número de habitantes e densidade populacional), estrutura econômica (divisão do PIB, número de ocupações nas atividades econômicas etc.) e dinâmica territorial (migrações etc.). O município de SMA pode ser classificado como “rural agrícola”, estando mais próximo à tipologia dos municípios brasileiros com características rurais acentuadas dentro de sete tipos de enquadramento em um contínuo que vai de municípios extremamente urbanos (“metropolitanos”) para outros extremamente rurais (“rurais periféricos”). Essa metodologia tem o intuito de “avançar no sentido de perceber de que forma as noções de rural e urbano se articulam na organização do espaço para além da mera dimensão administrativa e da dimensão demográfica” (RODRIGUES 2014: 441). Embora seja possível classificar São Miguel Arcanjo como um município inteiramente rural, localmente ele se divide – tal como se descreve na Introdução a esse trabalho – em uma região mais urbana (cidade) e outra mais rural (campo). A oposição campo vs cidade é

⁸ Disponível em <<http://www.saomiguelarcanjo.sp.gov.br/>>.

destacada pelos próprios moradores de SMA. É comum eles dizerem que irão ao “sítio” (campo) para fazer algo ou que o pessoal do “sítio” fala de determinado modo. Embora haja essa diferenciação, destaca-se o trecho de entrevista em que o informante Victor N., morador do campo, compreende o município todo como uma área rural. Em resposta à pergunta do roteiro sobre que imagens as pessoas que são “de fora” teriam de SMA, ele relatou que o município poderia ser visto como inteiramente rural, como um “sítio”:

(1)

D1: *eh... e as pessoas... quais imagens elas têm de São Miguel? quem não é daqui né*
 S1: *as pessoas assim tipo em um to/ em um todo?*
 D1: *eh uma pessoa assim que (vo)cê conhece*
 S1: *ah eu acho que*
 D1: *assim fala ah eu moro em São Miguel Arcanjo daí a pessoa ah... como que é São Miguel assim? aí ela fala ah uma cidade tranquila uma cidade pequena*
 S1: *eh*
 D1: *uma cidade que que elas falam?*
 S1: *ah falam isso aí... que é tipo **uma cidade normal tipo interior sítio** mesmo né*
 D1: *acham que é sítio?*
 S1: *é... não tem muita diferença né*
 D1: ***acham que tudo é sítio aqui***
 S1: *é... maioria (Victor N⁹, M1FS¹⁰)*

A compreensão de Victor sobre SMA converge com a proposta de classificação de municípios brasileiros, uma vez que se define SMA, em bloco, como totalmente rural, não considerando a subdivisão campo vs cidade dentro do município. No subitem seguinte, destacam-se as diferenças entre campo e cidade, tomando como base os depoimentos dos informantes.

2.1.1 Campo e cidade

A diferenciação campo vs cidade em SMA levou à construção de uma amostra da fala local a partir da variável social “região de residência”. Neste subitem, apresentam-se algumas observações importantes acerca de trechos de entrevistas em que são-

⁹ Todos os nomes de informantes são pseudônimos.

¹⁰ Sexo (M: masculino, F: feminino); Faixa etária (1: 18-25 anos, 2: 30-40 anos, 3: 50 anos ou mais); Escolaridade (F: ensino fundamental, M: ensino médio); Região de residência (S: campo, C: cidade)

miguelenses relatam os modos de vida e a organização social dos bairros onde residem, a fim de destacar as diferenças entre o rural e o urbano em SMA. As observações realizadas referem-se principalmente ao modo de vida do campo, visto que em tal região podem ser encontradas as características mais tradicionais de uma organização social “caipira”, tendo como base o estudo de Candido (2010 [1975]) sobre o “caipira” paulista. Em tal estudo, o autor focalizou os aspectos de sociabilidade, economia, cultura e solidariedade dos residentes em regiões caracteristicamente rurais, com o objetivo de averiguar transformações dos meios de vida dos “caipiras”.

Na região rural de SMA, foram visitados oito bairros: Abaitinga, Facão, Faxinal dos Almeidas, Santa Cruz, Gramadão, Pinheiro Alto, Turvo dos Hilários e Brejaúva. O primeiro deles se localiza a cerca de 30 minutos de automóvel do centro da cidade. O bairro é um local de pouco desenvolvimento econômico, em que faltam serviços públicos básicos como segurança e saúde. Há ruas que não são asfaltadas e com bastante circulação de veículos em horário comercial, visto que o bairro se localiza no entorno de uma rodovia que permite acesso a Sete Barras e ao Vale do Ribeira. Os moradores, em sua grande maioria, são comerciantes e agricultores, produtores de uvas e de legumes, entre outros alimentos. O Parque Estadual Carlos Botelho está localizado em tal bairro. Duas entrevistas foram gravadas ali. O trecho abaixo retrata o modo de organização social no bairro:

(2)

D1: *qual motivo que (vo)cê gosta daqui?*

S1: *lugar sossegado gostoso né tranqüilão (...)*

D1: *eh e tem festas de bairro aqui? onde que as pessoas se reúnem?*

S1: *lá na praça lá (...) é duas festa só que (es)tá acabando né só tem uma só a só tem a da Imaculada Conceição aqui... tinha várias festa mas acabou tudo (es)tá acabando tudo né*

D1: *mas o pessoal costuma se reunir?*

S1: *costuma quando tem festa assim*

D1: *eh de aniversário*

S1: *ah (vem) bastante*

D1: *todo mundo vai*

S1: *(todo mundo vai) tudo conhecido né vai*

D1: *uhum e as pessoas daqui se ajudam bastante?*

S1: *se ajuda são tudo amigo né*

D1: *tem mutirão?*

S1: *tem*

D1: *como que é esse mutirão?*

S1: *ah um gru/ um vai fazer um negócio chama vai tudo são tudo unido né (...) eh um vai fazer uma casa por exemplo cha/ chama o o colegaiada vão ajudar são bem unido né*
 D1: *e tem quermesse também para beneficiar?*
 S1: *acabou*
 D1: *(a)cabou?*
 S1: *acabou de primeiro tinha agora eh não pode vender bebida alcoólica né (es)tá acabando tudo tem a festinha lá mas é fraca*
 D1: *entendi e em caso assim de doença assim as pessoas se ajudam aqui?*
 S1: *ajuda ajuda*
 D1: *alguém fica doente aí*
 S1: *ah não... leva para São Miguel né (não) tem dinheiro para comprar remédio um vai ajudando outro ajuda são bem unido*
 D1: *uhum entendi e quais são as pessoas que (vo)cê/ você tem mais contato aqui depois da família?*
 S1: *ah todos quase colegaiada de perto aqui são tudo unido é tudo colegaiada (...) são tudo gente boa (né) (Joaquim S., M3FS)*

Joaquim S. diz gostar de morar no Bairro Abaitinga, porque é um local tranquilo. Ele relata muita união entre os moradores, seja na construção de casas, seja em ajuda financeira para comprar remédios quando alguém está doente. Sobre as festas no bairro, ele diz que elas não são frequentes e que as pessoas costumam se reunir na praça do bairro.

Em outros dois bairros rurais, Facão e Faxinal dos Almeidas, vizinhos entre si e localizados no entorno de rodovia que permite acesso a Itapetininga, foram gravadas cinco entrevistas. Ambos os bairros são constituídos de um núcleo formado por uma igreja católica. Com o passar dos anos, muitas mudanças aconteceram nos dois bairros em relação à organização social. São comuns, por exemplo, relatos de que não há tanta união entre as pessoas do bairro, como era o caso antigamente. Os trechos seguintes retratam essas mudanças:

(3)

D1: *e... você já mora um tempo aqui né... você percebeu que há uma diferença entre o antes e o depois do bairro? (vo)cê achou que mudou alguma coisa?*
 S1: *ah no bairro? ah distan/ distanciou muito as pessoas né porque o pessoal vai tudo para a cidade procurar emprego eh ficou muito vago né as pessoas vão embora para para... para con/ conquistar a vida mesmo né então muda sim... ficou bem mais... o pessoal vai para estudar e depois ninguém quer trabalhar no sítio mais não (Renata B., F2FS)*

(4)

D1: *e tem bastante contato aqui? conhece os vizinhos?*
 S1: *isso que eu falei para você... bem poucos que tem aqui... eu conheço os que tem aqui a gente tem amizade tudo mas eles são tudo bem distantes (Renata B., F2FS)*

(5)

D1: *eh e você percebeu assim que mudou muito o sítio de/ de antes para agora?*
 S1: *ah eu acho que não sei se o sí/ o sítio acho que as pessoas né a tecnologia... a informação acho que é isso que mudou*
 D1: *ah é?*
 S1: *porque eu hoje eu vejo a/ as meninas que tem né são mais novas que eu eles não querem ficar no sítio eles querem ir embora trabalhar né então eu acho que já é uma... da informação né*
 D1: *uhn*
 S1: *acho que não é que o sítio mudou acho que as pessoas (es)tão mudando né* (Vivian P., F2MS)

(6)

D1: *e você tem bastante contato aqui no bairro?*
 S1: *sim eu tenho... tios tias que moram aqui*
 D1: *e conhece os vizinhos todos?*
 S1: *sim sim*
 D1: *aham aqui é sua sogra no caso*
 S1: *não tem contato assim de ficar indo muito na... porque hoje em dia já acho que é hábito já das pessoas né não ficar indo muito na casa dos outro* (Vivian P., F2MS)

Renata B. e Vivian P. afirmam que o campo está mais esvaziado hoje em dia, porque os moradores de lá saem em busca de trabalho e de estudos. Renata B. relata que conhece seus vizinhos, mas que a relação entre eles é distanciada. Vivian P. também diz conhecer os vizinhos, mas diz que o hábito de frequentar a casa deles se perdeu. Mudanças também aconteceram no Bairro Santa Cruz, cujo núcleo fica próximo a uma das rodovias que dá acesso a Itapetininga. A informante lá entrevistada relata que atualmente há mais pessoas “de fora” morando no bairro:

(7)

D1: *e a senhora já mora há um bom tempo aqui percebeu algumas diferenças mudanças aqui no bairro aqui?*
 S1: *é mudou né no tempo que a gente era bem mais novo mudou bastante*
 D1: *ahn que que a senhora nota assim?*
 S1: *eh [risos-S1] aí que é o negócio né (nem) sempre... né antes a gente vivia bem mais sossegado porque não tinha muita gente de fora não existia assim droga essas coisa né*
 D1: *aham*
 S1: *e hoje já existe sempre tem né às... às vezes acontece algum... roubo alguma coisa... não coisa tão grave mas sempre acontece né*
 D1: *ah*
 S1: *então a gente já acha que mudou bastante (né) o tempo da gente era bem mais gostoso* (Tatiana L., F3FS)

A informante associa o tempo atual a casos de roubo e de consumo de drogas no bairro e diz preferir os tempos antigos, em que não havia muita gente “de fora” morando

no bairro. No trecho a seguir, a entrevistada também associa problemas à vinda de moradores “de fora” ao Bairro Gramadão:

(8)

D1: *a senhora gosta daqui?*

S1: *ah eu gosto bastante daqui desde que eu vim traba/ eh morar aqui eu gosto até agora (es)tou gostando só que tem muita coisa também que deixa a gente triste aqui também já né*

D1: *ah é? e por que assim?*

S1: *ah assim eh gente de fora assim cheio de... de problemas né* (Vanira T., F3MS)

A informante diz gostar bastante do Bairro Gramadão e, mais adiante na entrevista, ressalta o fato de que conseguiu terminar o ensino médio na escola do bairro. Tal bairro é mais movimentado, fica perto de uma rodovia que liga São Miguel Arcanjo a Capão Bonito, tem uma escola pública com ensino médio e tem mais estabelecimentos comerciais se comparado ao Bairro Santa Cruz. Os bairros Santa Cruz e Gramadão são diferentes do Bairro Pinheiro Alto, que é mais isolado em termos geográficos, pois fica mais distante de uma das rodovias que liga os municípios de SMA e Itapetininga. Semelhantemente ao Bairro Pinheiro Alto, o Bairro Turvo dos Hilários fica mais afastado de rodovias. O informante lá entrevistado relata que o bairro é bastante sossegado e composto por poucas famílias:

(9)

D1: *o que que esse bairro aqui o Turvo dos Hilários é diferente de outros bairros que você conhece?*

S1: *porque esse bairro é como eu digo para você como eu disse para você agora anteriormente*

D1: *uhn*

S1: *é um bairro de família é um bairro mais criado em famílias não é um bairro que tem muita gente de fora essas coisa é um bairro mais tipo todo mundo é unido todo mundo é por si... tipo não é todo mundo por si é todo mundo unido um bairro isso é um bairro que diferencia muito que é um bairro familiar tudo as coisa são assim familiar o que (vo)cê precisar de ajuda você consegue uma ajuda*

D1: *entendi eh e aqui tem festas de bairro? onde que elas acontecem?*

S1: *tem*

D1: *ou não é muito comum*

S1: *não... tem tem todo ano tem festa de bairro ou assim várias vezes assim tem eh só que é tudo na igreja só só na igreja que acontece essas festa são da festa da igrejas que é festa do santo eh bingo eh show de prêmio essas coisa que eles que eles fazem assim que acontece essa festa*

D1: *entendi é mais na em volta da*

S1: *em volta da igreja religião*

D1: *aham entendi e você acha que as pessoas aqui elas têm o costume de se ajudar no caso de qualquer necessidade?*

S1: *muita muita ajuda*
 D1: *(vo)cê já percebeu isso?*
 S1: *não já muita ajuda parte mais ainda que mais parte de solidariedade é em saúde essas coisa se precisar de saúde parte de saúde assim parte de serviço também tem ajuda*
 D1: *uhum*
 S1: *tem muita ajuda nessas parte*
 D1: *já aconteceu assim casos de al/ de alguém precisar?*
 S1: *na minha na minha família assim não*
 D1: *ou vocês ajudarem?*
 S1: *não (mas) assim mas de a gente ajudar já muitas até que teve uns tempo atrás teve uma festa para cá que fizeram até duas festa já fizeram de pessoas (es)tavam com saúde fizeram arrecadando dinheiro ajudando daí fizeram uma festa uma brincadeira para para ajudar*
 D1: *uhum*
 S1: *para todo mundo ajudar*
 D1: *entendi e tem quermesses mutirões aqui?*
 S1: *então a quermesse que acontece são época de festa só na época da festa de santo*
 D1: *uhum (Antony P., M1MS)*

Antony P. relata que muitas pessoas de sua família moram no bairro e que não tem muita gente “de fora” morando lá. O informante diz que se alguém necessitar de ajuda por motivo de saúde, encontra-a no bairro. Sobre reunião em festas, o informante diz que as pessoas se reúnem pela religiosidade, nas festas e quermesses organizadas pela igreja católica do bairro.

No Bairro Brejaúva, foi coletada mais uma entrevista. Tal bairro não fica distante do centro do município e localiza-se à beira de uma das rodovias que liga SMA a Itapetininga. A população residente concentra-se no entorno de tal rodovia. O informante lá entrevistado diz gostar de morar no bairro, pela localização deste, que fica em um lugar alto do município. No trecho seguinte, Ivan L. relata a vinda de paranaenses e paulistanos para SMA e o crescimento do bairro, com loteamentos:

(10)

D1: *you já mora há um bom tempo um há certo tempo aqui você já notou se o bairro mudou? teve mudanças?*
 S1: *nos últimos dez quinze ano para cá (es)tá crescendo bastante (es)tão loteando agora né*
 D1: *uhum (...)*
 S1: *eh há há uns quarenta ano atrás havia mais aproximadamente umas quinze vinte famílias e as famílias eram inteiras né conforme foram casando vão ficando hoje já são... vieram bastante paranaense pessoal de São Paulo tem pessoal da cidade*
 D1: *uhum (Ivan L., M2MS)*

Sobre a organização do bairro, o informante diz que as confraternizações, geralmente, acontecem na escola e na igreja católica:

(11)

D1: *as pessoas se reúnem?*

S1: *eh tem a comunidade da da igreja católica né que tem festa todos os meses antes era era em novembro agora mudou para outubro*

D1: *aham*

S1: *e tem confraternização direto também na igreja e também na escola*

D1: *uhum*

S1: *na escola sempre tem uma festa*

D1: *como que são as festas?*

S1: *ah escola geralmente festa junina festa de final de ano*

D1: *ah sim*

S1: *né para reunir os pais né as as famílias e a igreja confraternização sempre tem (ah) coisas especiais da igreja sempre tem confraternização*

D1: *entendi (Ivan L., M2MS)*

Com relação ao trabalho realizado pelos residentes no campo, a maioria das pessoas ocupa-se de atividades agropecuárias; há poucos que se dirigem à cidade para trabalhar no comércio. Trata-se, portanto, de um modo de vida realmente diferente daquele da cidade. As relações de compadrio e a hospitalidade são aspectos sociais bastante comuns entre os moradores do campo, nos bairros visitados. Tais aspectos sociais já não são tão frequentes entre residentes da região urbana são-miguelense – a “cidade” –, em que foram coletadas oito entrevistas no bairro centro e quatro no Jardim Nova São Miguel, Cohab 5 e Vila Tomaz. Os moradores desses bairros urbanos realizam atividades relativas ao setor terciário da economia: são, majoritariamente, comerciantes, vendedores e auxiliares administrativos, por oposição aos habitantes da região rural, ocupados basicamente no setor primário. Nos trechos seguintes, os moradores dos bairros urbanos relatam gostar de morar na cidade:

(12)

D1: *assim quais são as coisas que você mais gosta daqui?*

S1: *ah eu gosto assim por ser uma cidade do interior eh do silêncio é uma cidade mais calma do estilo de vida assim... mais tranquila (Camila T., F1MC)*

(13)

D1: *e você gosta daqui?*

S1: *gosto*

D1: *qual que por que você gosta mais assim?*

S1: *ai não sei acho que pelo acolhimento do povo né*

D1: *(vo)cê gosta do povo daqui?*

S1: *é (Fernanda L., F2FC)*

(14)

D1: *qual que é o motivo que a senhora gosta mais daqui?*

S1: *ai gosto que aqui é um povo simples um povo acolhedor né*

D1: *aham*

S1: *e é uma cidade gostosa de viver um ajuda o outro*

D1: *uhum*

S1: *então eu gosto daqui por causa disso (tem) amizade com todo mundo conhece né as pessoas né é gostoso de viver*

D1: *uhum* (Maria N., F3FC)

(15)

D1: *então a primeira pergunta é sobre a cidade daqui de São Miguel... você gosta daqui?*

S1: *eu gosto daqui uma cidade uma cidade pacata né*

D1: *aham*

S1: *tranquila (...) eu (vi) uma cidade boa para se morar e não tenho vontade... de sair daqui* (Elton T., M1MC)

(16)

D1: *quanto tempo (vo)cê mora aqui na cidade de São Miguel Arcanjo?*

S1: *trinta e quatro anos*

D1: *trinta e quatro anos e você gosta daqui?*

S1: *ah eu gosto*

D1: *por que assim? qual motivo?*

S1: *pela tranquilidade de São Miguel né é bem sossegado em vista assim de de outra cidade maior é bem mais tranquilo*

D1: *uhum pelo sossego então?*

S1: *é* (Leonas V., M2FC)

(17)

D1: *ah entendi... e gosta daqui?*

S1: *gosto*

D1: *qual o motivo que o senhor mais gosta de São Miguel?*

S1: *(não) eu se adaptei... eh com o povo sabe*

D1: *o povo daqui?*

S1: *é o povo daqui tudo fi/ ficamo tudo colega né colega de um de outro e fiz a/ fiz amizade com todo mundo aí*

D1: *uhum*

S1: *e... e não tenho motivo de sair daqui eu sou apaixonado pelo povo aqui*

D1: *uhum* (Miguel B., M3FC)

Os entrevistados relatam gostar de morar na cidade pela tranquilidade dela e pelo povo que é hospitaleiro e solidário. A solidariedade também caracteriza a organização social de alguns bairros rurais são-miguelenses, onde se realizam, por exemplo, mutirões para construção de casas. As reuniões e confraternizações são comuns no campo, mas também é necessário destacar mudanças sociais que ocorrem no Facão e Faxinal dos

Almeidas, locais em que as pessoas não se reúnem e não se confraternizam frequentemente, conforme relatos de moradores desses dois bairros. A partir das diferenças que se observam para os modos de vida da cidade e do campo, elaborou-se o roteiro usado nas entrevistas, descrito no item seguinte.

2.2 Roteiro das entrevistas

O roteiro (Anexo B) utilizado para as gravações das entrevistas em SMA, foi adaptado a partir daquele do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO 2012), com algumas perguntas diferentes para os moradores do campo e da cidade. No caso de o informante morar no campo, perguntava-se, por exemplo, no tópico “perigo de morte” (LABOV 2006 [1966]) se ele já fora picado por cobra ou escorpião ou se já tivera de escapar de alguma vaca brava. No tópico sobre trabalho, perguntava-se aos moradores do campo como era a rotina de “roça” – nos cuidados dos animais e dos plantios. Estas perguntas não estavam presentes no roteiro da cidade.

A organização do roteiro por tópicos considerou o interesse em se verificar o grau de “atenção prestada à fala”, por parte do informante, pois quando se fala de assuntos ligados a um “perigo de morte”, a expectativa é que ele se monitore menos. Organizou-se ainda o roteiro por estilos contextuais diferentes. Nesse sentido, existe a expectativa de que, na fala menos “cuidada”, como é o caso da conversação (entrevista propriamente dita), tal informante monitore-se menos e aproxime-se de seu vernáculo¹¹, diferentemente de quando o informante lê uma lista de palavras ou uma notícia de jornal. As leituras proporcionariam maior atenção prestada à fala e, portanto, favoreceriam o uso de variantes mais prestigiadas.

Inicialmente, realizava-se a entrevista propriamente dita (conversação), em que a documentadora dirigia perguntas ao entrevistado. As perguntas incluíram tópicos relacionados ao local de residência, infância, família, trabalho/ocupação, lazer e município de SMA. No tópico infância, por exemplo, os objetivos eram “relaxar” o informante (no sentido de diminuir a tensão diante da situação entrevista, considerando-

¹¹ Labov define vernáculo “como um termo técnico para significar a língua primeiramente adquirida pelo falante, controlada perfeitamente e usada principalmente entre amigos íntimos e familiares. Então cada falante tem um vernáculo, alguns bem próximos do padrão da rede social e outros bem distantes dele” (LABOV, 2006 [1966]: 86, tradução própria).

se que, geralmente, as pessoas gostam de falar de sua infância), obter informações sobre mudanças na cidade/campo, grau de mobilidade e escolaridade do informante. Já com o tópico lazer, objetivava-se obter informações sobre a rede social, o grau de mobilidade no município e características socioeconômicas do informante.

Posteriormente, o informante deveria, nessa ordem, fazer três leituras: de uma lista, com palavras (inclusive com a presença de (L) em coda silábica e ataque complexo), de uma notícia de jornal (com três palavras-alvo: “municipal”, “público” e “eventualmente”) e de um texto com características orais (depoimento) com duas palavras-alvo “colchões” e “alguma”. No quadro abaixo, estão as 60 palavras da lista, com destaque às que contêm (L):

<i>alma</i>	amargo	está <i>plantando</i>
<i>floresta</i>	arroz	atitude
barqueiro	biscoito	<i>caldo</i>
pertinho	<i>implicante</i>	chácara
<i>inflamar</i>	leite	<i>Douglas</i>
defender	pouquinho	elefante
<i>atlas</i>	entender	entretenimento
indecente	mortalha	<i>Flamengo</i>
fornalha	<i>claridade</i>	<i>clavícula</i>
geleira	gérmen de trigo	<i>emblema</i>
potinho de amendoim	Hércules	pato
fazenda	<i>pulso</i>	lento
mortadela Marba	mosca	aperto
está malhando	mulher	Ordem e Progresso
<i>imparcial</i>	órgão	lamento
estou entendendo	pertencimento	desacordo
sentença	pentear	encomenda
estou fazendo	sabor de menta	soberba
trabalho	sonhar	urgente
tralha	<i>vulto</i>	zebra

Quadro 2.1 – Lista de palavras

Os entrevistados leram as palavras da esquerda para a direita e depois abaixo. No total, havia cinco vocábulos com (L) em final de sílaba e dez, com (L) em ataque complexo. Tais vocábulos foram utilizados para esta pesquisa enquanto que as outras palavras da lista funcionaram como distratores para que o informante não pudesse ter ideia de que variável linguística tratava a pesquisa.

Após a leitura da lista de palavras, a documentadora enunciou três frases, a fim de solicitar impressões sociolinguísticas e comentários do informante. Na primeira delas, ela

dizia “(V)ocê fica sem ter o que fazer”, com “ocê” em vez de “você” e com acentuação da pronúncia de [ɹ] em “ter” e “fazer”. Na sequência, perguntava: “O que você acha de *O Douglass imprica com tudo?*”. As respostas foram diversas. Algumas pessoas não notaram os rotacismos, outras avaliaram as trocas como sendo típicas das falas de pessoas mais humildes (mais desprovidas financeiramente) entre outras impressões que serão analisadas no capítulo 3. Por fim, objetiva-se saber as impressões do informante para “O dente de leite da menina caiu”, com acentuação da pronúncia de [e] em “dente” e “leite”. Para esta última frase, o objetivo era verificar se havia alguma associação entre pronúncia de /t/ diante de [e] com um falar típico são-miguelense.

2.3 Amostra

Para contatar potenciais informantes ou obter novas indicações, a pesquisadora foi a lojas, supermercados e padarias. Outro local em que se pôde ampliar a rede de contatos foi a comunidade católica da cidade, pois quando há reuniões nos salões da paróquia, pessoas vêm do campo e da cidade para participar. É possível, durante alguma reunião, encontrar informantes para serem gravados ou, no caso de não haver compatibilidade entre os potenciais informantes ali presentes e os perfis sociolinguísticos requeridos, é possível conseguir novos contatos. Embora houvesse bastante contatos no município, alguns perfis sociolinguísticos foram difíceis de ser preenchidos.

Durante a coleta das entrevistas, não foi simples encontrar informantes mais jovens (entre 18 a 25 e 30 a 40 anos) que não tivessem cursado o Ensino Médio, assim como foi difícil localizar pessoas da terceira faixa etária (50 anos ou mais) que tivessem cursado o Ensino Médio. Neste último caso, foi particularmente difícil encontrar mulheres com mais de 50 anos que moram na região rural e que tenham tal nível de escolaridade. Foram feitas diversas visitas de campo nos bairros rurais de SMA para encontrar algum informante com este perfil; em geral as mulheres contatadas ou estudaram muito pouco – até o Ensino Fundamental I – ou, em alguns outros poucos casos, até o Fundamental II. A informante compatível com o perfil desejado, com 60 anos, concluiu o Ensino Médio por meio do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), após ter saído da escola há muito tempo. Essa dificuldade advém do fato de que as escolas ficavam longe dos sítios das famílias, as estradas que davam acesso à cidade não eram asfaltadas

e, além disso, muitas famílias achavam desnecessário que suas filhas avançassem nos estudos.

A amostra foi construída durante o período de Iniciação Científica (em 2015), com gravação de um informante para cada perfil sociolinguístico, requisito essencial para a realização de boas análises estatísticas. As gravações foram transcritas no ELAN (HELLWIG & GEERTS 2013), programa que permite criar anotações de dados de fala em diferentes trilhas, organizadas segundo quem fala, tópico tratado e presença de dados contextuais, seguindo os critérios utilizados no Projeto SP2010¹² (MENDES & OUSHIRO 2012). Um de tais critérios é não marcar as palavras com a variante rótica, por exemplo, se um informante diz “craridade”, transcreve-se “claridade”, o que facilita as buscas das palavras posteriormente. As anotações foram feitas por meio de períodos curtos, com duração máxima de cinco segundos, para facilitar a apresentação da transcrição no ELAN.

O quadro a seguir resume como se organizou a amostra da fala são-miguelense, apresentando os fatores sociais definidos antes das gravações das entrevistas:

sexo/ gênero	feminino masculino
faixa etária	primeira (18-25 anos) segunda (30-40 anos) terceira (50+ anos)
escolaridade	ensino fundamental ensino médio
região de residência	campo cidade
estilo	conversação leitura de lista de palavras leitura de notícia

Quadro 2.2 - Fatores sociais e seus níveis para a amostra são-miguelense

A seguir, apresentam-se os pseudônimos dos informantes, organizados de acordo com as variáveis sociais estratificadoras da amostra:

¹² Acessível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/>>.

		Feminino		Masculino	
		Fundamental	Médio	Fundamental	Médio
Cidade (12)	18-25 anos	TelmaP	CamilaT	FabioS	EltonT
	30-40 anos	FernandaL	CristinaD	LeonasV	ConradoT
	50+ anos	MariaN	RitaC	MiguelB	RobertoD
Campo (12)	18-25 anos	SebastianaR	IsabellaR	VictorN	AntonyP
	30-40 anos	RenataB	VivianP	AntonioJ	IvanL
	50+ anos	TatianaL	VaniraT	JoaquimS	AnteroZ

Quadro 2.3 - Estratificação social dos informantes da amostra são-miguelense segundo sexo/gênero, faixa etária, região de residência e nível de escolaridade

A amostra contém, portanto, informantes do campo ($N = 12$) e da cidade ($N = 12$), por conta da diferenciação central para a análise da fala são-miguelense, em que se espera que informantes do campo rotacizem mais frequentemente (L) em coda silábica e ataque complexo quando comparados a informantes da cidade. A variável sexo/gênero baseia-se no pressuposto de que mulheres e homens se diferenciem quanto aos usos de variantes linguísticas, sendo que, de acordo com vários estudos variacionistas, as mulheres tendem a favorecer variantes prestigiadas em suas falas. Incluem-se três faixas etárias para que se possa verificar a possibilidade de mudança linguística em andamento. Aqui, a variável é faixa etária e não idade, porque a amostra não é tão grande e não há um contínuo de fato. Por fim, a variável escolaridade permite verificar se se confirma a tendência de que informantes com maior grau de escolaridade favoreçam formas linguísticas prestigiadas, ou seja, se eles rotacizam menos frequentemente (L) em final de sílaba e em encontro consonantal tautossilábico, comparativamente àqueles com menor grau de escolaridade.

Os dados da fala dos 24 informantes foram analisados com o programa R (R CORE TEAM 2018)¹³, que tem se tornado “uma ferramenta padrão em muitas áreas da linguística, especialmente em estudos computacionais e baseados em corpus” (LEVSHINA 2015: 21, tradução própria)¹⁴. A plataforma conta com diferentes funções e pacotes projetados por estatísticos profissionais e especialistas em diferentes campos (LEVSHINA 2015) e faz desde cálculos matemáticos básicos a tabelas, gráficos e permite a construção de modelos estatísticos mais complexos, como os de regressão logística, que

¹³ A plataforma pode ser baixada em: <<http://cran.r-project.org/>>.

¹⁴ “(...) standard tool in many areas of linguistics, especially corpus-based and computational studies”.

foram utilizados para esta pesquisa. Os modelos estatísticos mais complexos, em geral, objetivam verificar:

[...] as relações entre uma variável resposta categórica com dois ou mais possíveis valores e uma ou mais variáveis explanatórias, ou previsoras. Esta técnica é particularmente popular em modelos probabilísticos multifatoriais que explicam e preveem a escolha do falante entre dois ou mais sinônimos próximos ou variantes com base em fatores conceituais, geográficos, sociais ou pragmáticos dentre outros fatores (LEVSHINA 2015: 253, tradução própria)¹⁵.

Os modelos de regressão logística podem ter variáveis aleatórias, incluídas nos modelos quando se suspeita que o próprio falante é responsável pela variabilidade dos dados linguísticos (OUSHIRO 2017). Item lexical e informante são exemplos de tais variáveis. Nesta pesquisa, os modelos de regressão logística em que elas foram incluídas (modelos de efeitos mistos) não convergiram, o que significa que o modelo é complexo demais para ser rodado em determinado conjunto de dados. O problema, neste caso, é a quantidade de dados, pois, o universo de dados de (L) em ataque complexo, por exemplo, não é tão grande assim na amostra são-miguelense: são 625 dados de tal variável, incluindo as variantes lateral e tepe. As análises estatísticas foram realizadas apenas para (L) em ataque complexo, porque, contabilizaram-se muito poucos dados de rotacismo de (L) em coda silábica. Tais análises estão reportadas no capítulo 4. No próximo capítulo, estão descritas as análises qualitativas de (L) em coda silábica e ataque complexo.

¹⁵ “(...) the relationships between a categorical response variable with two or more possible values and one or more explanatory variables, or predictors. This technique is particularly popular in probabilistic multifactorial models that explain and predict the speaker’s choice between two or more near synonyms or variants on the basis of conceptual, geographic, social, pragmatic and other factors”.

CAPÍTULO 3

Análises qualitativas

Este capítulo apresenta análises acústicas de (L) em ataque complexo (item 3.1), bem como análises descritivas de dados de (L) em coda silábica (item 3.2) e em ataque complexo (item 3.3), baseadas em trechos de entrevistas em que são-miguelenses dão suas impressões sobre rotacismo de (L) em ambos os contextos fônicos. No item 3.4, são apresentadas as impressões gerais que os nativos de SMA têm sobre a fala do município.

O total de dados extraídos da amostra de 24 informantes foi 3078: 2418 em final de sílaba e 660 em ataque complexo. Tal como mostra a tabela abaixo e tal como se mencionou na introdução, é muito pequeno o número de casos de rotacismo em final de sílaba. É por essa razão que, no item 3.2, apresenta-se uma análise desses dados que é de natureza mais qualitativa. Já para ataque complexo, houve 91 ocorrências cuja codificação – de oitiva – não foi possível. Cada uma dessas ocorrências foi examinada no Praat (BOERSMA & WEENINK 2014) e elas foram posteriormente recodificadas como lateral, tepe ou apagamento.

Tabela 3.1 – Distribuição das ocorrências de (L) em coda silábica e em ataque complexo

		N	%
Ataque complexo	Lateral	414	62,7
	Tepe	150	22,7
	Apagamento	5	0,8
	Duvidosos	91	13,8
	Total	660	
Coda silábica	Semivogal	2396	99,1
	Retroflexo	19	0,8
	Apagamento	2	0,08
	Total	2418	
Total geral		3078	

Todos os dados ambíguos referem-se à pronúncia de (L) em ataque complexo. Para (L) em coda silábica, não houve casos em que se teve dúvida se o informante pronunciou [w] ou [ɫ].

3.1 Análises acústicas de (L) em ataque complexo

O objetivo deste item é descrever como se procedeu com as 91 ocorrências de (L) em ataque complexo, cuja análise de oitiva não permitiu estabelecer se o informante pronunciou [l], [r] ou se apagou (L) em encontro consonantal tautossilábico. Os dados duvidosos representam aproximadamente 14% do total, o que é bastante para se excluir das análises quantitativas, considerando que quanto mais dados existirem, melhor. Por isso, decidiu-se tentar desambiguiá-los. A grande maioria deles (85,7%) foi desambiguizada e inserida nos casos de lateral, tepe ou apagamento. Utilizando-se o Praat (BOERSMA & WEENINK 2014), pode-se observar como se configura um tepe [r] e uma lateral [l] cuja pronúncia é nítida e permitiria sua classificação de oitiva (o que se está chamando, aqui, de configurações prototípicas):

Figura 3.1 – Espectrograma de pronúncia [r] para (L) na palavra “completo” (a informante Vanira T. pronunciou “compreto”).

Figura 3.2 – Espectograma de pronúncia [l] para (L) na palavra “atlas” (a informante Camila T. pronunciou “atlas”).

A partir das figuras 3.1 e 3.2, observa-se que os dois segmentos são sonorantes, apresentam uma barra de vozeamento e têm o mesmo ponto de articulação – são segmentos alveolares – mas, na produção de [r], o contato da língua com o alvéolo é muito rápido, então, geralmente, ele é visto entre dois “espaços brancos” no espectograma. Sua duração é menor quando comparado a [l] que, por sua vez, tem formantes, assemelhando-se à produção de vogais. A imagem seguinte mostra o espectograma para uma ocorrência cuja inspeção auditiva não foi suficiente para determinar se o falante disse “Douglas” ou “Dougras”:

Figura 3.3 – Espectograma para “Douglas” (o informante Antônio J. pronunciou “Douglas” ou “Dougras”)

Essa imagem permite observar que a configuração de tal segmento se assemelha mais àquela do espectograma prototípico de [r] (Figura 3.1), em razão de sua duração e dos espaços em branco nele encontrados.

No exemplo abaixo, não se pôde distinguir, de oitiva, se o informante havia pronunciado “explora(r)”¹⁶ com [l] ou [r] no ataque da sílaba “plo”:

¹⁶ O (r) entre parênteses indica que ele foi apagado na palavra “explorar”.

Figura 3.4 – Espectrograma para “explora(r)” (o informante Conrado T. pronunciou “explora(r)” ou “exprora(r)”)

Pode-se observar que a configuração desse segmento se assemelha mais àquela de [l] na Figura 3.2, pois há uma estrutura de formantes e quase nenhum espaço em branco. Com os dados desambiguizados, prosseguiu-se com as análises estatísticas para (L) em ataque complexo (capítulo 4).

3.2 (L) em coda silábica

Tal como se mencionou anteriormente, em final de sílaba, contabilizaram-se muito poucas ocorrências de [ɺ] em lugar de [w]: apenas 19, que representam 0,8% de um total de 2418 dados. A tabela seguinte apresenta os informantes que realizaram rotacismo nesse contexto, seus perfis sociais, a taxa de rotacismo no total de palavras com (L) em final de sílaba e as palavras em que ele ocorre:

Tabela 3.2 – Informantes e seus perfis sociais, taxas de rotacismo e ocorrências em coda silábica

Informante	Total	% [ɺ]	Palavras com rotacismo em coda
AnteroZ (M3MS)	101	2	bolso, falta
AntonioJ (M2FS)	137	2,2	tal, volta, algumas (depoimento)
AntonyP (M1MS)	143	0,7	folgado
FabioS (M1FC)	67	3	última, colchões (depoimento)
JoaquimS (M3FS)	63	4,8	baldear, folga, folgado
MariaN (F3FC)	62	1,6	ultimamente
MiguelB (M3FC)	85	5,9	qualquer, falta, assaltado, falta, eventualmente (notícia)
TatianaL (F3FS)	57	3,5	voltei, alma (lista)

Como se pode observar na tabela, a maioria das palavras em que o rotacismo ocorre foram enunciadas durante a conversação, com exceção de quatro: “algumas” e “colchões” (leitura de depoimento), “eventualmente” (leitura de notícia) e “alma” (leitura de lista de palavras). De fato, espera-se menor monitoramento sociolinguístico na conversação, comparativamente às leituras de notícia, depoimento e lista de palavras, o que pode ter culminado no maior número de ocorrências nesse momento das entrevistas. Cabe ressaltar o fato de que a entrevista sociolinguística é uma situação comunicacional monitorada, diferentemente de uma conversa não gravada entre amigos (em um bar ou lanchonete, por exemplo). A entrevista sociolinguística é a ferramenta que busca minimizar o Paradoxo do Observador (LABOV 1966 [2006]; 1972), no sentido de fazer com que o entrevistado “esqueça” que está sendo gravado, a fim de que ele se aproxime de seu vernáculo. Por mais que se preste atenção a alguns detalhes, como tentar não deixar aos olhos do informante o gravador enquanto se grava a entrevista, é difícil minimizar os efeitos de tal paradoxo. Numa conversa não gravada entre amigos, é possível que o rotacismo de (L) em final de sílaba ocorreria mais vezes na fala de muitos são-miguelenses. Os dados que aqui se tem sobre tal variante, obtidos de entrevistas sociolinguísticas, contudo, sugerem que o rotacismo é bastante evitado, constituindo um estereótipo linguístico em SMA: poucos informantes (oito em um total de 24) o empregam muito poucas vezes. É interessante observar que os informantes que realizaram rotacismo de (L) em coda silábica são, em sua maioria, homens, que têm 50 anos ou mais, ensino fundamental e residem no campo. Entretanto, com esses dados, não é possível afirmar que moradores do campo, relativamente aos da cidade, rotacizam (L) em coda silábica mais vezes, pois até mesmo os que residem no campo o evitam, pelo menos em situação monitorada de entrevista gravada.

Para muitos são-miguelenses, a associação entre ser morador do campo e realizar rotacismo de (L) em coda silábica e ataque complexo é comum. Vários dos entrevistados fizeram comentários nesse sentido, quando, após a leitura da lista de palavras, o documentador perguntava como um morador do campo leria alguma(s) palavra(s) da lista:

(1)

D1: *uhum e como alguém que é de São Paulo capital falaria alguma dessas palavras? na sua opinião*

S1: *acho que é mais um 'amargo' [pronúncia com fricativa velar vozeada]*
 D1: *o erre ia ser?*
 S1: *eh sai mais puxado não sai 'amargo' [pronúncia com [ɹ]] [risos-S1]... aqui em São Miguel tem muita gente que ia ler 'Drouga Dou Dougas'*
 D1: *uhum e o morador do sítio assim?*
 S1: *troca muito o erre pelo ele*
 D1: *como que leria alguma delas?*
 S1: *'atras' 'cardo' (Telma P., F1FC)*

(2)

D1: *e o morador do sítio falaria alguma delas diferente?*
 S1: *ah talvez sim*
 D1: *como? tem algum exemplo?*
 S1: *eh que nem aqui aonde (es)tá o caldo aqui com certeza a pessoa né bem assim... ele ia falar 'cardo' né*
 D1: *ah ia trocar o ele pelo erre?*
 S1: *'cardo' eh a a aonde (es)tá alma ele ia falar 'arma'*
 D1: *uhum*
 S1: *eh com certeza ia faltar às vez alguma palavra né*
 D1: *entendi e o mais algum sotaque que a senhora consegue ver aí? que ia falar diferente essas palavras?*
 S1: *ah acho que não*
 D1: *não?*
 S1: *dá mais para o/ para o caipira mesmo [risos-S1]*
 D1: *como que é esse caipira?*
 S1: *eh pessoa né pessoa que é do sítio né*
 D1: *uhum*
 S1: *que às vez não consegue né falar declarado né as palavra né*
 D1: *uhum (Maria N., F3FC)*

(3)

D1: *e o senhor (xxx) eh como alguém da capital falaria/ alguma dessas palavras? [risos-S1]*
 S1: *não sei*
 D1: *alguém nascido em São Paulo (se) o senhor saberia dizer? [S1 faz barulho com a boca para indicar negação]*
 D1: *não? e o morador do sítio? como que diz? (e eh) falaria algumas palavras?*
 S1: *(xxx)... caldo aqui é 'cardo' né*
 D1: *'cardo'*
 S1: *'cardo' (Roberto D., M3MC)*

(4)

D1: *eh como alguém da capital falaria alguma dessas palavras aí? alguém que é de São Paulo não sei se (vo)cê já foi para São Paulo percebe que falam um pouco diferente assim da gente né?*
 S1: *ai*
 D1: *(vo)cê saberia identificar?*
 S1: *então eu eu não sei falar... assim dar um exemplo para você né eu sei como falaria aqui né*
 D1: *aham*

S1: *né aqui eh*
 D1: *e o morador do sítio daqui de São Miguel?*
 S1: *ah que nem alma por exemplo é ‘arma’*
 D1: *aham*
 S1: *né arroz é ‘arroiz’*
 D1: *aham*
 S1: *né... eh... caldo seria ‘cardo’*
 D1: *aham (...)* (Leonas V., M2FC)

(5)

D1: *e agora olhando essas palavras aí você acha que alguém da capital falaria como algumas dessas palavras? alguém que é nascido em São Paulo saberia dizer ou não? se se não souber não tem problema*
 S1: *não não sei dizer não*
 D1: *e o morador do sítio assim como que falaria?*
 S1: *bom aqui alma o que que eles iam dizer? ‘arma’*
 D1: *aham (vo)cê acha que ia mudar?*
 S1: *ia mudar com certeza*
 D1: *e tem mais algum sotaque assim? que (vo)cê percebe que ia falar diferente?*
 S1: *no sítio aqui que (fizeram) mulher iam dizer ‘muié’*
 D1: *aham*
 S1: *fornalha ‘fornaia’ a turma dizia*
 D1: *aham*
 S1: *mortalha também é ‘mortaia’*
 D1: *aham*
 S1: *muita coisa ia ser mudado aqui*
 D1: *(vo)cê acha que ia mudar?*
 S1: *muito (...)* (Fernanda L., F2FC)

No trecho 2, é interessante a avaliação de Maria N. sobre a noção de “caipiridade” associada a pessoas que moram na zona rural de SMA, que realizariam rotacismo de (L) em coda silábica (“cardo”, “arma”) e que não fariam “declarado” – adjetivo por ela usado no sentido de dizer algo que é não compreendido por alguém. Esse é um dos exemplos de comentários de são-miguelenses que nos permitem entender que SMA é localmente dividida em campo e cidade. Para os próprios são-miguelenses, o campo, é o lugar do “caipira”, de acordo com uma visão mais tradicional e estereotipizada do termo (PICINATO 2013).

Embora Maria N. associe rotacismo de (L) em coda silábica à fala de moradores do campo, ela é uma das mulheres entrevistadas que mais frequentemente rotacizam (L) em ataque complexo, com uma taxa de 59% para rotacismo em tal contexto fônico. Para (L) em coda silábica, a única palavra em que ocorre é “ultimamente”. A fala de Maria N. no trecho 2 (em particular), em conjunto com o baixo número de ocorrências de rotacismo em coda na amostra em geral, mostra que o rotacismo detém *status* diferente – a depender

do contexto em que ocorre: em final de sílaba ou encontro consonantal tautossilábico. Ao ser muito evitado na fala de Maria N. e na fala são-miguelense de modo geral, é possível afirmar que o rotacismo de (L) em final de sílaba é bastante estigmatizado localmente, diferentemente, do que ocorre para ataque complexo. Outro ponto, neste trecho, é a avaliação que os próprios são-miguelenses fazem da fala de seus conterrâneos, associando o rotacismo de (L) em coda silábica a algo “caipira” e pertencente a uma fala do campo, embora não se isentem de apresentar variação em suas falas, como é o caso de Maria N. cuja taxa de rotacismo para (L) em ataque complexo chega a 59%.

No trecho 5, Fernanda L. afirma que, no campo, os falantes rotacizariam (L) em coda silábica; eles diriam “arma” (em vez de “alma”) e também vocalizariam [ʌ] como em “muié” (em vez de “mulher”), “fornaia” (em vez de “fornalha”) e “mortaia” (em vez de “mortalha”). A informante tem uma taxa de 35% para rotacismo de (L) em ataque complexo e 0% para rotacismo de (L) em coda silábica. Mais uma vez, há associação de rotacismo de (L) em final de sílaba a uma fala do campo. A mesma associação não ocorre para rotacismo de (L) em ataque complexo.

3.3 (L) em ataque complexo

Na seção dos comentários metalinguísticos ao final das entrevistas, quando se perguntou aos falantes o que eles achavam da frase “O Dougras imprica com tudo”, 13 deles (ou seja, um pouco mais da metade), não se deram conta do rotacismo de (L), na medida em que não fizeram considerações sobre as duas ocorrências na frase. Mais uma vez, é interessante observar o fato de que tais informantes são, em sua maioria, homens, residentes do campo, com ensino fundamental e de terceira faixa etária, conforme resume a seguinte tabela:

Tabela 3.3 – Informantes que não fizeram comentários sobre rotacismo de (L) em ataque complexo, com seus perfis sociais e taxas de rotacismo nesse contexto em suas falas

Informante	% [r]	Total
AnteroZ (M3MS)	15	26
AntonioJ (M2FS)	75	24
ConradoT (M2MC)	41	29

FabioS (M1FC)	0	13
FernandaL (F2FC)	35	23
JoaquimS (M3MC)	59	17
MiguelB (M3FC)	52	23
RenataB (F2FS)	0	25
RobertoD (M3MC)	43	27
SebastianaR (F1FS)	52	29
TatianaL (F3FS)	40	15
VaniraT (F3MS)	33	30
VictorN (M1FS)	27	15

Observa-se, a partir da tabela, que há poucos informantes da primeira faixa etária. Dentre o total dos informantes, apenas dois não apresentaram nenhuma ocorrência de rotacismo de (L) em ataque complexo; para os outros, essa taxa variou de 15 a 75%. Esses dados permitem questionar se a forma rótica, nesse contexto fônico, é estigmatizada em SMA. Entretanto, como mostra o próximo capítulo, tal forma é desfavorecida na fala de informantes mais jovens e mais escolarizados – fatores que podem ser interpretados como indicativos de estigmatização.

Nos trechos descritos a seguir, os informantes tecem comentários sobre (L) em ataque complexo. No trecho 6, a informante Maria N. tem um discurso avaliativo positivo face às pronúncias rotacizadas de (L) em ataque complexo:

(6)

D1: *e essa outra frase ‘o Dougras imprica com tudo’ tem alguma coisa errada ou (es)tá (es)tá normal?*

S1: *eh eu acho que (es)tá **normal** no meu ponto de vista*

D1: *e que/ e quem fala assim? todo mundo?*

S1: *é ‘**imprica**’?*

D1: *é... ‘o Dougras imprica com tudo’*

S1: *ah (es)tá errado né porque é ‘**implica**’ né*

D1: *uhum*

S1: *‘**implica**’ né*

D1: *uhum*

S1: *ai (es)tá faltando alguma coisa não (es)tá?*

D1: *(es)tá*

S1: *‘**imprica**’ é impli/ ‘**implica**’*

D1: *e quem que fala assim?*

S1: *eh geralmente os mais os mais né os **mais modesto** né os mais **simples** né*

D1: *uhum... e a senhora fala assim?*
 S1: *eu falo assim 'imprica' (Maria N., F3FC)*

A princípio, a informante não nota os rotacismos, mas depois observa que a pronúncia de “implica” foi rotacizada. Ela associa modéstia e simplicidade – valores positivos – a [r], permitindo compreender que, localmente, certos significados sociais que não se podem assumir *a priori* como negativos são associados a (L) rotacizado em ataque complexo. Nos trechos seguintes, por sua vez, os informantes fazem uma avaliação negativa do rotacismo de (L) em tal contexto fônico:

(7)

D1: *e agora outra frase daí (vo)cê também vou fazer as mesmas perguntas eh 'o Dougras imprica com tudo' (vo)cê acha que tem alguma coisa errada?*
 S1: *tem o 'Dougras' não 'imprica' ele 'implica' [risos de S1 e de D1] é a troca do erre... pelo ele*
 D1: *e você acha que quem fala assim?*
 S1: *geralmente é quem aqui para a gente se a gente vê a diferença quem mora no sítio tem muita gente que mora na cidade mas aí... tem/ é mais gente mais humilde (que) nem (vo)cê vê*
 D1: *mesmo na cidade?*
 S1: *(eu não) falo assim... mesmo na cidade*
 D1: *mas... então (vo)cê acha que os dois falam?*
 S1: *aham*
 D1: *na cidade e no sítio?*
 S1: *na cidade e no sítio*
 D1: *mas na cidade...*
 S1: *mas na cidade (vo)cê vê pelo nível de... como fala assim? de de classe no caso assim digamos assim*
 D1: *ah tá entendi [pausa na gravação]*
 D1: *então daí a gente pode continuar?*
 S1: *pode*
 D1: *então tá daí eh... es/ essa frase que eu falei 'Dougras imprica com tudo' (vo)cê acha que tem alguma coisa assim meio errada? meio estranha?*
 S1: *sim... a troca das letras*
 D1: *eh aham e você fala assim?*
 S1: *não*
 D1: *não? mas (vo)cê conhece pessoas que falam?*
 S1: *sim conheço... às ve/ às vezes a gente fala mas na brincadeira já na*
 D1: *ah tá*
 S1: *para brincar ou para fazer algum tipo de de brincadeira com alguém mas é raro não não no dia a dia (Telma P., F1FC)*

(8)

D1: *aham... agora outra frase eh 'o Dougras imprica com tudo' tem alguma coisa errada assim estranha?*
 S1: *(ele) está (es)tá falando errado né eh isso (es)tá*
 D1: *como que tinha que ser?*
 S1: *'o Douglas implica com tudo'*

D1: *aham e você acha que eh quem fala assim? é mais da cidade mais do sítio ou geral?*
 S1: *eu acho que talvez do sítio né*
 D1: *uhum*
 S1: *não sei... não sei se é... aqui na cidade tem também acho que é igual eu falei para você acho que vai da... da pessoa mesmo mas talvez no sítio seja mais (talvez)*
 D1: *uhum e você fala assim?*
 S1: *não / que eu saiba não* (Vivian P., F2MS)

(9)

D1: *e assim eu vou falar uma outra frase e queria fazer as mesmas perguntas 'o Dougras imprica com tudo' [risos-S1]*
 D1: *você acha que tem alguma coisa de errado?*
 S1: *os*
 D1: *como que tem que ser?*
 S1: *os **erres no lugar do ele** né*
 D1: *aham*
 S1: *eh aquela mania de eu não falo assim mas **aquela mania** de do do erre ao invés de 'o Douglas imprica com tudo' o Dou*
 D1: *o 'Dougras'?*
 S1: *é*
 D1: *trocar o erre pelo ele?*
 S1: *é*
 D1: *(vo)cê acha que (es)tá errado? (vo)cê acha que quem fala assim? mesma pergunta sítio? cidade? ou outras cidades do interior?*
 S1: *eu acho que no **interior** assim em outras cidades vizinhas e aqui eu acho que tem **bastante gente que fala** assim*
 D1: *é?*
 S1: *é*
 D1: *(vo)cê percebe isso?*
 S1: *eu vejo isso sempre vejo uma outra pessoa que fala assim*
 D1: *e o pessoal do sítio e da cidade daí em geral?*
 S1: *é é isso acho que é em **geral** e tem também por exemplo assim eh... a gente **procura falar corretamente algumas coisas** né até por **trabalhar com o público** mas tem gente que vai falar por exemplo um real dois reais fala "dois real" "dez real"*
 D1: *e eh você fala assim? que nem 'o Dougras imprica'*
 S1: ***não*** [riso-S1] (Camila T., F1MC)

(10)

D1: *e agora outra frase eu vou fazer as mesmas perguntas 'o Dougras imprica com tudo' (vo)cê acha que tem alguma coisa errada nessa frase ou não?*
 S1: *o 'Dougras'... o 'gras' não é 'Douglas' [pronúncia padrão]*
 D1: *(vo)cê acha que tinha que ser como?*
 S1: *se 'imprica' [pronúncia rotacizada] 'o Douglas se imprica com tudo' né?*
 D1: *tá... e... você acha que quem fala assim? é uma pes/ mais daqui do sítio? mais da cidade?*
 S1: *é eu acho que é **mais do sítio** que vamos dizer que (não)... eh não tem... tanto estudo às vezes na verda/ a maioria das pessoas fala porque vamos dizer que pegam costume de falar né errado né*
 D1: *(vo)cê acha que é errado?*
 S1: *a gente aprende certo né mas **a gente não fala certo** né conforme o **convívio** da pessoa/ das pessoas (vo)cê vai falando errado daí*
 D1: *e (vo)cê fala assim?*

S1: *fica automático errado né eu falo 'Douglas' né... mas "se implica" eu falo [riso-S1]*
 D1: *(vo)cê fala assim?*
 S1: *eu falo "fico se implicando comigo"*
 D1: *ah sim (Elton T., M1MC)*

(11)

D1: *eh e agora outra frase é 'o Dougras imprica com tudo' (vo)cê acha que tem alguma coisa de errado estranho?*
 S1: *eh esse 'imprica' 'probrema' eh eh mas e aí também não é só só do interior né que o pessoal coloca o erre no lugar do... do ele né acaba... (vo)cê vai em outros lugares que o pessoal acaba **falando errado** mesmo né é **engraçado** (falar) mas **como que consegue falar assim?***
 D1: *geral?*
 S1: *aí você vai lá e repete fala assim "ah mas não é" 'probrema'*
 D1: *uhum*
 S1: *'problema' e a pessoa vai lá parece que ela não consegue falar corretamente ela aprendeu ela foi na escola ela sabe que é 'problema' mas na hora de ir lá e falar sai 'probrema'*
 D1: *uhum (Isabella R., F1MS)*

(12)

D1: *e agora uma outra frase eh 'o Dougras imprica com tudo' tem algum eh tem alguma coisa errada? como que tinha que ser?*
 S1: *como que é?*
 D1: *'o Dougras imprica com tudo'*
 S1: *eh (vo)cê pronunciou '**Dougras**' errado né é 'Douglas'*
 D1: *aham*
 S1: *né e não 'Dougras'*
 D1: *e e quem fala assim? é uma cidade mais específica? uma pessoa da cidade? do sítio?*
 S1: *ai eu acho assim não dá para isso é que nem eu falei para você **não dá para especificar** pessoa do sítio **a gente sem querer a gente fala um português errado***
 D1: *uhum*
 S1: *e pode/ aí pode ser uma **criança** também que não tem o/ a linguagem bem né*
 D1: *aham*
 S1: *então eu acho que pode ser uma criança e a gente não fala tudo correto né a gente erra né*
 D1: *aham*
 S1: *por mais que a gente procure falar*
 D1: *e a senhora fala assim?*
 S1: ***não eu procuro falar certo** mas eu erro também bastante*
 D1: *aham (Rita C., F3MC)*

No trecho 7, Telma P. percebe a frase com as pronúncias rotacizadas e corrige-a dizendo que “O Dougras implica e não imprica”. Ela diz “Dougras” (e não “Douglas”), não notando o rotacismo em “Douglas”, o que sugere que o rotacismo pode ser mais saliente em algumas palavras do que em outras, para um mesmo falante. Sobre “quem fala assim”, a informante diz que são os moradores do campo (“sítio”, nas palavras dela)

e os mais humildes da zona urbana. Um pouco adiante na entrevista, a informante menciona classe social, sendo que, para ela, os informantes mais desprovidos da região urbana também rotacizam (L) frequentemente. Embora não note a pronúncia rotacizada em “Douglas”, a informante diz não realizar rotacismo em sua fala e quando o faz é para “brincar” ou zombar de alguém. Aqui, a variante rótica é estigmatizada, porque é evitada na fala da informante e usada para zombar (de alguém ou do (L) rotacizado). A partir da análise do trecho, é possível afirmar que a variação é complexa, do ponto de vista da avaliação social.

Já a informante no trecho 8 percebe as pronúncias rotacizadas em “Douglas” e “implica” e associa-as a um modo errado de falar e a falantes que moram no campo. Ela diz não realizar rotacismo e, embora a taxa de rotacismo em sua fala seja baixa (5%), não é nula. No trecho 9, Camila T. percebe os rotacismos e diz ser uma “mania” falar rotacizando (L) em ataque complexo. A sua taxa de [r] é uma das mais baixas, mas também não chega a ser zero (2%). É interessante esse substantivo utilizado pela informante, na medida em que ele remete a algo “vicioso” e talvez inconscientemente produzido na fala são-miguelense. Sobre grau de consciência é necessário retomar Labov (2006 [1966]), sendo essa uma questão em aberto: um falante, ao produzir determinada forma, está consciente do que faz? Se sim, qual é o grau de tal consciência?

No trecho 11, Isabella R. se dá conta dos rotacismos e afirma que não é só no interior que as pessoas realizam essa pronúncia; ela acrescenta que muitos não conseguem falar “corretamente”. A informante avalia negativamente a variante rótica de (L) em ataque complexo e, no seu caso, a taxa de rotacismo é de fato nula. No trecho 12, Rita C. percebeu o rotacismo de (L) em “Douglas” e afirma não falar do modo como a frase foi proferida pela documentadora, procurando falar “certo”, com atenção à norma culta. Também no seu caso não houve variação em sua fala durante a entrevista. É interessante o fato de que a maioria das pessoas que avaliam negativamente o rotacismo de (L) em ataque complexo são mulheres. Na verdade, já se tem uma expectativa de que mulheres favoreçam em sua fala variantes mais prestigiadas em um determinado local e que também avaliem mais negativamente certas variantes que se desviam da “norma normativa” (FARACO & ZILLES 2017), como é o caso do rotacismo em encontro consonantal tautossilábico.

Os informantes que associam as pronúncias rotacizadas em “Douglas” e “implica” a uma variedade rural são, em sua maioria, mulheres, que moram na cidade, que têm

ensino médio e estão na segunda faixa etária. Eles são: Telma P. (trecho 7), Vivian P. (trecho 8), Elton T. (trecho 10), Cristina D. (trecho 13) e Leonas V. (trecho 14). Os trechos das entrevistas de Cristina D. e Leonas V. em que se reproduz a associação de rotacismo a uma “variedade rural” estão retratados a seguir:

(13)

D1: *aham... e nessa/ agora eu vou ler uma frase e eu vou fazer as mesmas perguntas mais para saber como você percebe isso tá? eh que você acha dessa frase? ‘o Dougras imprica com tudo’ o que que (vo)cê acha... assim? eh mesma pergunta tem algo errado? que que você acha?*

S1: *ah lembra bem o sotaque do sítio*

D1: *do sítio?*

S1: *eh do do **do interior** do... mais do/ das pessoas **mais antigas** né*

D1: *uhum*

S1: *que troca sempre o/ como eu falei **troca o ele pelo erre***

D1: *uhum entendi... e como (vo)cê acha que deveria ser o certo falar? nessa frase ‘o Dougras imprica com tudo’*

S1: *‘o Douglas se implica com tudo’*

D1: *uhum não trocar*

S1: *é*

D1: *e... você então/ fala assim ou não? não né?*

S1: *como você leu agora?*

D1: *é*

S1: *não (Cristina D., F2MC)*

(14)

D1: *eh uma outra frase e são as mesmas perguntas ‘o Dougras imprica com tudo’ (vo)cê acha que tem alguma coisa errada? que soa errado assim? que que (vo)cê acha?*

S1: *o ‘Dougras’ o ‘imprica’*

D1: *aham... como teria que ser?*

S1: *eh eu acho que teria que ser ‘o Douglas im... implica com tudo’*

D1: *aham e quem fala assim? é uma cidade mais específica? um morador do campo?*

S1: *é **mais no campo** mesmo né*

D1: *uhum*

S1: *eh*

D1: *e você fala assim?*

S1: *eh... não assim não dificilmente eu acho que não*

D1: *aham (Leonas V., M2FC)*

No trecho 13, Cristina D. associa as pronúncias rotacizadas em “Douglas” e “implica” à fala de moradores do campo, mas depois adiciona que são associadas ao “interior” de modo geral, especificando que são os falantes mais velhos que rotacizam mais frequentemente. A informante afirma que não rotaciza (L) em ataque complexo e, pelo menos na entrevista sociolinguística, sua taxa de rotacismo é zero. No trecho 14,

Leonas V. percebe os rotacismos em “Douglas” e “implica” e os associa à fala de moradores do campo; ele acredita não falar do modo como a frase foi pronunciada pela documentadora; porém, sua taxa de rotacismo em ataque complexo é de 25%. Aqui, está um ponto de discussão interessante: mesmo que um falante acredite não falar de um certo modo, ele pode falar de tal modo, sugerindo que a avaliação de sua produção linguística seja bastante subjetiva (talvez, inconsciente) e complexa.

A princípio, pode-se classificar o rotacismo de (L) em ataque complexo como um estereótipo linguístico em SMA nos termos de Labov (2008 [1972]) e Bortoni-Ricardo (2011), pois há são-miguelenses que o avaliam negativamente, mas o fato de a grande maioria dos informantes não perceber ou não ter um discurso sobre tal variante, por outro lado, põe em dúvida tal classificação.

Como modo de complementar as análises de (L) em ataque complexo em SMA, analisam-se algumas das impressões gerais dos informantes sobre a fala são-miguelense, no próximo item.

3.4 Impressões sobre a fala são-miguelense

Neste item, são reportados trechos em que os informantes falam de noções de “certo”, “errado”, “caipiridade” relativas a um modo de falar característico de SMA. Nesse sentido, complementam-se as análises realizadas para (L) em coda silábica e ataque complexo. Os trechos que se destacam são 11 no total:

(15)

D1: *e para fechar a a entrevista tem algum modo de/ que você acha assim **modo de falar** que é bem daqui de São Miguel?*

S1: *ah e agora?*

D1: *não tem para você? alguma **expressão** que a gente costuma falar aqui algum jeito diferente que (vo)cê acha que é sei lá que chama a sua atenção*

S1: *‘xé’* [pronúncia com alongamento de [e]] [risos-S1]

D1: *o ‘xé’?* [risos de S1 e de D1] *tem bastante gente que fala?*

S1: *tem* [risos-S1] [riso-D1] [risos-S1]

D1: *entendi e tem mais alguma coisa assim que (vo)cê acha?*

S1: *eh... ‘**puxa**’ (aquela coisa) ‘puxa’*

D1: *‘puxa’* [risos-S1] (Sebastiana R., F1FS)

(16)

D1: *agora voltando à questão do modo de falar como as pessoas aqui em São Miguel falam? (vo)cê já percebeu algum? uhn*
 S1: *aqui em São Miguel fala muito ‘né’ ‘xé’ né*
 D1: *aham*
 S1: *tudo **diminutivo** né ‘bonitinho’ ‘friozinho’*
 D1: *aham*
 S1: *né ‘geladinho’ (Ivan L., M2MS)*

(17)

D1: *e você sabe dizer como que a gente fala aqui em São Miguel? tem alguma coisa que chama atenção?*
 S1: *eu acho que a pessoa conhece são-miguelense pelo ‘xé’ só aqui que existe esse ‘xé’*
 D1: *‘xé’?*
 S1: *‘xé’ (Conrado T., M2MC)*

(18)

D1: *e tem algum modo de falar para terminar assim que é bem aqui típico de São Miguel? (vo)cê já observou assim? que a gente fala (aqui)*
 S1: *eu acho que o povo daqui de São Miguel **fala alto***
 D1: *fala alto?*
 S1: *eu acho... talvez o/ assim igual eu falei para você dependendo do... dependendo uma casa que você chega assim o pessoal tem esses **caipirês** aí sim tem bastante*
 D1: *aham e o que que é esse caipirês para você?*
 S1: *não sei se é feio acho que é legal **fala errado** fala **alto** né por [pronúncia com (r) acentuado]/ eh... fala bem **forçado** mesmo eu acho que não sei se é acho que é da **cultura** mesmo da **pessoa** né*
 D1: *uhum*
 S1: *não é que a pessoa é... ignorante acho que é porque **aprendeu assim** mesmo (Vivian P., F2MS)*

(19)

D1: *e como se fala aqui em São Miguel?*
 S1: *tipo gírias assim?*
 D1: *tipo tudo... modo de falar daqui [risos-S1]*
 S1: *ah o modo de falar... assim... eh o pessoal é bem **simples** né não tem essa de*
 D1: *uhum*
 S1: *de falar muito corretamente tem coisa assim que fala bem **bem caipira** assim [risos-S1]*
 D1: *tipo?*
 S1: *ai ai ai... tipo [risos-S1] ah por exemplo ontem eu fui... pode dar um exemplo né?*
 D1: *pode*
 S1: *ontem eu fui fui levar comunhão para um casazinho de de idade e daí o senhorzinho (es)tava jogando truco no bar né daí ele chegou “ai descurpe ‘fia’ eu (es)tava jogando ‘truque’”*
 D1: *[risos-D1] bonitinho*
 S1: *ai que belezinha né [risos de S1 e de D1]*

D1: *então eh (vo)cê acha que tem (xxx)?*
 S1: *‘descurpe’ tem gente que **ainda fala assim** né*
 D1: *aham*
 S1: *a gente não fala mas tem gente que ainda fala **puxa o erre** né*
 D1: *aham... então (vo)cê acha que aqui fala... puxa o erre?*
 S1: *é puxa bem erre (Camila T., F1MC)*

(20)

D1: *e falando em jeito de falar tem algum jeito daqui de São Miguel que é bem típico do/ de falar? a senhora já percebeu?*
 S1: *ah geralmente eu não não não percebi parece que a turminha **fala né tudo meio meio igual***
 D1: *fala como assim? que que a senhora*
 S1: *eh na **mais na simplicidade** né do **povão** mesmo né (...)* (Maria N., F3FC)

Nos trechos 15, 16 e 17, os informantes citam a expressão “xé” como marca da fala são-miguelense. Tal expressão pode ser usada para expressar negação a algo ou marcar, na fala, incredulidade em relação a algum fato. No trecho 18, Vivian P., ao tratar do modo de falar em SMA, responde que o são-miguelense fala alto e que há um “caipirês” na fala de alguns. Ela conclui afirmando que o modo “caipira” de falar faz parte da cultura de uma pessoa e que esta aprendeu a falar de certos “jeitos”. O posicionamento da informante está claro e converge com o que se pode compreender de certos modos de falar, que são aprendidos ao longo dos anos e que, talvez, não gerem dúvidas sobre se seriam “corretos” ou não. Eles fazem parte do idioleto do falante, que não está socialmente isolado, uma vez que, desde seu nascimento, recebe *inputs* (linguísticos, sociais, comportamentais) daqueles que o cercam, sendo necessário entender que certos padrões são reproduzíveis e aceitáveis no meio em que vive. Nesse sentido, para os são-miguelenses, pronunciar “probrema” é, em princípio, o “normal”.

No trecho 19, Camila T. diz gostar de seu sotaque. Ela avalia os são-miguelenses como sendo bastante simples e, de acordo com ela, eles não se adequam frequentemente a modos de falar mais corretos (ou seja, à “norma normativa” como em FARACO & ZILLES 2017) e falam de um modo que soa “caipira”. Ela exemplifica com “descurpe”, associando a pronúncia rotacizada de (L) em final de sílaba à fala de alguns são-miguelenses. Mais uma vez, é mencionada a pronúncia rotacizada de (L) em coda silábica relacionada à fala são-miguelense.

Maria N., ao responder sobre se haveria um jeito de falar são-miguelense, diz, no trecho 20, que não sabe, mas que ela encontra um certo padrão na fala dos nativos. Ela também os caracteriza como simples. Embora não seja possível determinar, por meio

desse trecho, quais elementos linguísticos constituam tal simplicidade, lembremos que, anteriormente, no trecho 6, ela associa a pronúncia rotacizada de (L) em ataque complexo à fala das “pessoas mais simples”, mais modestas; desse modo, podemos entender que uma das características linguísticas que funciona como índice de simplicidade é o rotacismo. O significado social “simples” ou a característica “simplicidade” pode então estar associado ao falar são-miguelense e ao são-miguelense via rotacismo de (L) em ataque complexo, sugerindo que tal variante detém algum grau de prestígio em SMA.

Nos trechos 21-25, os informantes continuam comentando o modo de falar são-miguelense:

(21)

D1: *(vo)cê acha que tem um jeito de falar que é bem de São Miguel?*

S1: *ai ah o jeito de São Miguel eu acho que é o **jeito meu** é o **jeito caipira** mesmo né **puxando os erre... falando errado** você (v)ocê e eh... vamos dizer que é tudo **automático** né*

D1: *aham*

S1: *não tem um... um linguajar correto de falar tem hora que (vo)cê fala certo (xxx) (vo)cê fala errado e assim vai*

D1: *entendi (Elton T., M1MC)*

(22)

D1: *e tem algum modo de falar que é bem de São Miguel Arcanjo?*

S1: *bem de São Miguel? ó meu Deus bem de São Miguel? ah São Miguel fala tem **um pouco de tudo** como eu falei tem o pessoal que **fala errado** e **coloca** né o... o o **erre** na **onde não tem** tem o pessoal que costuma colocar o erre **puxar o erre** no ‘porta’ [pronúncia com [ɹ]] eh... fala ‘(v)ocê’ ‘(v)ocê’ vem ‘**nós fumo**’ ‘**nós vortemo**’ [risos-S1]*

D1: *(vo)cê já ouviu isso?*

S1: *já já ouvi né*

D1: *aqui no bairro mais ou na cidade também?*

S1: *tem tem tem de tudo tem **gente daqui** que fala gente de lá né **da cidade***

D1: *uhum... entendi (Isabella R., F1MS)*

(23)

D1: *e como que a gente fala aqui em São Miguel? (vo)cê tem algum exemplo assim? que a gente fala que é típico daqui?*

S1: *ai eu (a)té fala bem **bem arrastado** também né eh (assim) ‘**porta**’ [pronúncia com [ɹ]] ‘**porteira**’ [pronúncia com [ɹ]] eh... a gente **puxa bem o erre** assim né*

D1: *aham*

S1: *não tanto quanto alguns lugares assim que que puxa mais né que nem Araras que puxa mais que São Miguel... né piracicabano eles falam 'Piracicaba' [pronúncia com [ɿ] intervocálico]*

D1: *o rio de 'Piracicaba'*

S1: *é eles falam 'Piracicaba' [pronúncia com [ɿ] intervocálico] né... Araras eles falam 'Araras' [pronúncia com [ɿ] intervocálico]*

D1: *aham*

S1: *né São Miguel eles já arrastam um pouco menos mas arrasta (mesmo) o erre também*

D1: *uhum então (vo)cê acha que tem diferença dentro do estado de São Paulo assim das regiões?*

S1: *tem tem bem diferença então dá diferença... às vezes um um pouco mais um pouco menos do que o outro (Leonas V., M2FC)*

(24)

D1: *e para fechar última pergunta tem algum modo de falar que é bem típico daqui? de da gente de São Miguel?*

S1: ***fala meio acaipirado** mesmo né*

D1: *como que é esse meio acaipirado?*

S1: *acaipirado... '(v)ocê'... 'nóis'*

D1: *'nóis'?*

S1: *'nóis' [risos-S1]*

D1: *e o que que mais assim o senhor percebe?*

S1: *eu mesmo não (vem) nada na cabeça mas tem muita coisa (tem que vim aqui) que é **jeito são-miguelense***

D1: *é o jeito de São Miguel?*

S1: *é*

D1: *e como que é esse caipira para o senhor?*

S1: *eh... caipira*

D1: *é mais na cidade mais no sítio?*

S1: *é **mais no sítio***

D1: *ahn*

S1: *é **nós aqui do sítio** (do)*

D1: *aham... ah então (es)tá bom (o)brigada*

S1: *(xxx) de nada (xxx) tudo tudo eles (tudo botina) amarelo né*

D1: *tudo o quê?*

S1: ***botina amarela** (Antero Z., M3MS)*

(25)

D1: *e como que as pessoas falam aqui em São Miguel? (vo)cê consegue identificar algum exemplo assim uma palavra uma expressão?*

S1: *ó eles são tipo assim como diz não... **não cidadão e não caipira** é meio **misturadão***

D1: *misturado?*

S1: *é meio misturado é o normal né é o básico...*

D1: *uhum*

S1: *só que é super super interessante*

D1: *aham (Antônio J., M2FS)*

Elton T., no trecho 21, afirma que o modo de falar em SMA é como ele próprio fala, é um “jeito caipira” (nas palavras do próprio informante). Ele diz que em SMA se “puxa” muito o erre – o que provavelmente diz respeito à variante [ɹ] para a coda /r/. Ele não tem um discurso sobre pronúncia de (L) em ataque complexo e coda silábica, embora o tenha para pronúncia de /r/ em coda silábica. Ele acrescenta ainda que o falar são-miguelense é “errado” e “automático”. No trecho 22, Isabella R. diz que os nativos falam “ocê” em vez de “você”, “nós fumo” em vez de “nós fomos” e “nós vortemo” em vez de “nós voltamos”. No último exemplo, Isabella R. destaca o rotacismo de (L) em final de sílaba na fala são-miguelense.

No trecho 23, mais uma vez é citada a pronúncia de /r/ em coda silábica como variável linguística de destaque para caracterizar o modo de falar são-miguelense, sendo que para Leonas V. e para os informantes Elton T. e Isabella R. “puxar” o erre é utilizar a variante [ɹ] em tal pronúncia. Leonas V. afirma que há outras cidades, além de SMA, que “puxam/ arrastam” mais o erre e cita Araras e Piracicaba como exemplos. Nelas, o destaque seria para a pronúncia de /r/ intervocálico. Os nativos de tais cidades utilizariam [ɹ] entre vogais, em palavras como “Araras” e “Piracicaba”, enquanto os são-miguelenses não pronunciariam esta variante em tal contexto fônico. O informante não destaca a pronúncia de (L) em coda silábica e ataque complexo em SMA, com exceção dos trechos 4 e 14, em que associa pronúncias rotacizadas de (L) em coda silábica e ataque complexo, respectivamente, a um falar do campo em SMA.

Para a pergunta sobre se haveria um modo típico de falar em São Miguel Arcanjo, Antero Z. afirma, no trecho 24, que a fala no município é “acaipirada”. Ele exemplifica com “nóis” em vez de “nós” e “ocê” em vez de “você” como pronomes de tratamento típicos de uma fala “caipira”, mas não destaca a pronúncia de (L) em coda silábica e ataque complexo como pertencente a tal fala. Para a pergunta sobre o que seria “caipira”, o informante responde que essa noção tem a ver com o campo e que “caipiras” são os moradores de tal região do município (“nós aqui do sítio”), os alcunhados “botinas amarelas” pelo próprio informante.

No trecho 25, Antônio J. afirma que o falar são-miguelense é “não cidadão e não caipira”, “meio misturado”. Interessante o fato de ele, morador do campo, identificar que tal falar é um meio termo entre algo que seria mais “cidadão” (provavelmente, mais

urbano) e algo que seria mais “caipira” (provavelmente, mais rural). A interpretação que se faz deste trecho vai no sentido de que seus habitantes parecem considerar que há duas variedades linguísticas em SMA, uma falada no campo e outra, na cidade. Os resultados das análises estatísticas (capítulo 4) apontam para favorecimento do rotacismo no campo relativamente à cidade, onde ocorre uma mudança linguística na direção da variante [l], o que, portanto, permite afirmar que há uma variedade linguística falada no campo e outra, na cidade. A que é falada no campo seria mais “caipira”, porque favorece o rotacismo de (L) em ataque complexo, que é uma das variantes linguísticas elencadas em Amaral (1976 [1920]) como pertencente a um dialeto “caipira”.

As análises dos trechos em que os informantes comentam sobre o falar são-miguelense mostram que as variáveis (L) em coda silábica e ataque complexo não estão entre as mais citadas como características de tal falar, diferentemente do que ocorre para coda /r/, por exemplo, já as análises realizadas nos itens 3.2 e 3.3 mostram a existência de duas variedades linguísticas faladas no município – os próprios moradores elencam diferenças entre campo e cidade no que concerne a usos linguísticos, dentre os quais o rotacismo de (L) em final de sílaba e encontro consonantal tautossilábico. No próximo capítulo, discutem-se essas duas variedades linguísticas faladas em SMA à luz de análises quantitativas.

Capítulo 4

Análises quantitativas

Neste capítulo, apresentam-se os resultados das análises quantitativas dos dados de (L) em ataque complexo – realizadas no R (R CORE TEAM 2018) a partir de modelos de regressão logística, sem a inclusão de variáveis aleatórias como item lexical e informante. Os modelos com a inclusão destas variáveis (modelos de efeitos mistos) não são aqui reportados (mas podem ser consultados no Anexo C), pois os resultados deles não convergiram – muito provavelmente em virtude da pequena quantidade de dados linguísticos.

Foram excluídas as ocorrências em comentários metalinguísticos (por exemplo, quando um informante faz referência a determinada pronúncia diferente de seu “jeito de falar” ou quando ele está imitando uma pronúncia). Excluíram-se também casos de apagamento de (L) que ocorreram, por exemplo, em “público”, “floresta”, “exemplo” e “claridade”, bem como as ocorrências que não puderam ser codificadas como [l] ou [r], nem mesmo com o auxílio do Praat. A tabela 4.1 reapresenta a distribuição de dados (anteriormente apresentada no capítulo 3, como Tabela 3.1), agora sem os casos de apagamento e duvidosos:

Tabela 4.1 – Distribuição geral de dados de (L) em ataque complexo

	N	%
Lateral	452	72,3
Tepe	173	27,7
Total	625	

A Tabela 4.2 apresenta as taxas de rotacismo por informante, considerando-se o total de 625 ocorrências na amostra.

Tabela 4.2 – Taxas de rotacismo em ataque complexo por informante

Informante	N	% [r]	Total
AnteroZ (M3MS)	4	15	26

AntonioJ (M2FS)	18	75	24
AntonyP (M1MS)	16	38	42
CamilaT (F1MC)	1	2	64
ConradoT (M2MC)	12	41	29
CristinaD (F2MC)	0	0	18
EltonT (M1MC)	1	4	27
FabioS (M1FC)	0	0	13
FernandaL (F2FC)	8	35	23
IsabellaR (F1MS)	0	0	35
IvanL (M2MS)	23	72	32
JoaquimS (M3FS)	10	59	17
LeonasV (M2FC)	10	25	40
MariaN (F3FC)	13	59	22
MiguelB (M3FC)	12	52	23
RenataB (F2FS)	0	0	25
RitaC (F3MC)	0	0	17
RobertoD (M3MC)	9	43	21
SebastianaR (F1FS)	15	52	29
TatianaL (F3FS)	6	40	15
TelmaP (F1FC)	0	0	19
VaniraT (F3MS)	10	33	30
VictorN (M1FS)	4	27	15
VivianP (F2MS)	1	5	19
Total	173		625

Para os informantes Cristina D., Fabio S., Isabella R., Renata B., Rita C. e Telma P., a taxa de rotacismo é nula, ou seja, não há variação em suas falas. Os informantes Antonio J., Ivan L., Joaquim S., Maria N., Miguel B. e Sebastiana R., por sua vez, apresentam as maiores taxas da variante rótica em suas falas.

O quadro 4.1 resume as variáveis linguísticas que foram incluídas nas análises (com base nas referências bibliográficas e análises qualitativas dos dados), com seus respectivos níveis, seguidos de exemplos.

segmento fônico precedente	[b]: problema, emblema [p]: aplicar, explosão [g]: globo, glacial [k]: clima, bicicleta [t]: atlas, atletismo [f]: inflamar, flor
segmento fônico seguinte	[a]: classe, plantar [e]: simples, refletir [ɛ]: eclético, assembleia [i]: complicado, implicante [o]: exemplo, floresta [ɔ]: implora, explora [u]: clube, inclusive
posição de /L/ na palavra	sílaba inicial: <i>clavícula</i> sílaba medial: <i>público</i> sílaba final: <i>Douglas</i>
extensão vocabular (número de sílabas)	monossílabo: flor dissílabo: inglês trissílabo: reclamar polissílabo: completamente
presença de /R/ na palavra	não: plantio sim: claro
tonicidade da sílaba em ataque	átona: claridade tônica: reclama
classe morfológica	adjetivo: claro advérbio: simplesmente substantivo: cliente verbo: aplicar

Quadro 4.1 - Variáveis linguísticas e seus níveis incluídos nas análises multivariadas de (L) em ataque complexo

A tabela 4.3 apresenta a porcentagem de tepe para todos os níveis das variáveis sociais e linguísticas:

Tabela 4.3 – Taxa de [r] de acordo com as variáveis sociais e linguísticas da amostra são-miguelense

	% [r]	Total
Sexo/gênero		
Feminino	17	316
Masculino	38,5	309
Faixa etária		
18-25 anos	15,2	244
30-40 anos	34,3	210
50 anos ou mais	37,4	171
Escolaridade		
Ensino fundamental	36,2	265
Ensino médio	21,4	360
Região de residência		
Campo	34,6	309
Cidade	20,9	316
Estilo		
Conversação	31,5	378
Lista	21,7	226
Notícia	23,8	21

	% [r]	Total
Segmento fônico precedente		
[b]	37,2	94
[k]	33,1	157
[f]	20,8	77
[g]	22,2	27
[p]	24,5	249
[t]	14,3	21
Segmento fônico seguinte		
[ɔ]	0	1
[ɛ]	38,7	31
[a]	31,1	251
[e]	31,5	89
[i]	32,3	133
[o]	10,1	99
[u]	9,5	21
Posição de /L/ na palavra		
Sílaba inicial	23,3	210
Sílaba medial	37,8	283
Sílaba final	12,9	132
Extensão vocabular (número de sílabas)		
Monossílabo	50	2
Dissílabo	22,6	133
Trissílabo	26,4	329
Quadrissílabo	33,6	152
Pentassílabo	50	8
Hexassílabo	0	1
Presença de /R/ na palavra		
Não	24,1	469
Sim	38,5	156
Tonicidade		
Átona	24,2	459
Tônica	37,3	166
Classe morfológica		
Adjetivo	34,8	132
Advérbio	37,5	8
Substantivo	23,2	354
Verbo	32,1	131

Na tabela 4.3, em *itálico*, destacam-se os totais dos níveis que foram amalgamados para evitar células com poucos dados linguísticos. As variáveis de tais níveis são: contexto fônico precedente e seguinte, extensão vocabular, classe morfológica e estilo. Para a amalgamação, considerou-se juntar níveis cujo comportamento estrutural é semelhante. O quadro 4.2 apresenta os dados de (L) em ataque complexo reorganizados de acordo com as amalgamações:

segmento fônico precedente	fricativas labiodentais desvozeadas: [f] plosivas bilabiais desvozeadas: [p] plosivas desvozeadas: [k] + [t] plosivas vozeadas: [b] + [g]
segmento fônico seguinte	vogal baixa: [a] vogais médias anteriores: [e] + [ɛ] vogais médias posteriores: [o] + [ɔ] vogais altas: [i] + [u]
posição de /L/ na palavra	sílaba inicial sílaba medial sílaba final
extensão vocabular (nº de sílabas)	monossílabos + dissílabos trissílabos polissílabos
presença de /R/ na palavra	não sim
tonicidade da sílaba em ataque	átona tônica
classe morfológica	adjetivos + advérbios substantivos verbos
estilo	conversação lista + notícia

Quadro 4.2 – Reorganização dos níveis das variáveis linguísticas para a análise de (L) em ataque complexo

A seguir, apresentam-se os gráficos de proporções da variante rótica para segmento fônico precedente e extensão vocabular, variáveis linguísticas que não tem correlação com (L) em ataque complexo de acordo com os testes estatísticos realizados no R (R CORE TEAM 2018):

Figura 4.1 – Proporção de rotacismo de (L) em ataque complexo por segmento fônico precedente em SMA

Figura 4.2 – Proporção de rotacismo de (L) em ataque complexo por extensão vocabular (em número de sílabas) em SMA

Na figura 4.1, “f”, “p”, “pd” e “pv” representam: fricativa labiodental surda [f], plosiva bilabial surda [p], plosivas surdas [k] + [t] e plosivas sonoras: [b] + [g], respectivamente. Na figura 4.2, “md”, “pol” e “tri” correspondem, respectivamente, a monossílabos + dissílabos, polissílabos e trissílabos.

As figuras 4.1 e 4.2 mostram proporções diferentes para rotacismo de (L) em ataque complexo a depender do segmento fônico precedente e da extensão vocabular; entretanto para verificar se tais proporções são significativamente diferentes é necessário realizar testes estatísticos. Quando se objetiva verificar correlações entre uma

determinada variável nominal¹⁷ com outras variáveis, também, nominais, podem ser realizados testes de qui-quadrado¹⁸. Tais testes, feitos com os dados reorganizados, indicam que há correlação entre pronúncia variável de (L) e todas as variáveis sociais da amostra e, também, correlação de tal pronúncia com a maioria dos fatores linguísticos, com exceção de segmento fônico precedente e extensão vocabular – de acordo com os resultados destacados nas figuras 4.3 e 4.4, respectivamente:

$$\chi^2 = 6,3392(3), p > 0.05$$

Figura 4.3 – Resultado do teste de qui-quadrado para segmento fônico precedente

$$\chi^2 = 5,1304(2), p > 0.05$$

Figura 4.4 – Resultado do teste de qui-quadrado para extensão vocabular

As notações indicam que não há correlação entre (L) em encontro consonantal tautossilábico e segmento fônico precedente, nem entre (L) e extensão vocabular (figura 4.4), pois o valor-*p*, em ambos os casos, é maior que 0.05.

Além dos testes de qui-quadrado, foram também realizados testes de regressão logística. Tais testes podem ser feitos quando se tem uma variável dependente (ou variável resposta) nominal binária e variáveis independentes (ou previsoras) nominais e, diferentemente do teste de qui-quadrado, que permite incluir somente uma variável previsora por vez, nos modelos de regressão logística podem ser incluídas mais de uma:

[...] A regressão logística permite a inclusão de múltiplas variáveis previsoras, assim como a análise de regressão linear. Cabe lembrar que, antes de chegar à análise multivariada de regressão logística, o pesquisador idealmente já terá feito gráficos e análises exploratórias (como o qui-quadrado) a fim de saber como se distribuem seus dados. O interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta (OUSHIRO 2017: 182).

¹⁷ “Variáveis nominais são duas ou mais categorias mutualmente exclusivas. Se o número de categorias é somente dois, tem-se uma variável binária. Por exemplo, um falante de uma língua pode ser homem ou mulher, nativo ou não-nativo (...)” – LEVSHINA 2015: 16, tradução própria.

¹⁸ “O teste de qui-quadrado compara valores observados com valores esperados de acordo com a hipótese nula” – OUSHIRO 2017: 101.

Em modelos lineares ou logísticos, é importante checar se não há violação de alguns pressupostos básicos. É necessário verificar se não há multicolinearidade¹⁹ entre as variáveis previsoras, aplicando-se a função vif do pacote car (GRIES 2013; LEVSHINA 2015; OUSHIRO 2017). Tal função aplicada a um modelo multivariado de regressão logística, sem considerar possíveis interações, mostrou que segmento fônico precedente, segmento fônico seguinte, classe morfológica, posição silábica e extensão vocabular são variáveis previsoras multicolineares entre si, porque seus valores de GVIF estão acima de 5 e, ao serem combinadas umas com as outras em tabelas, obtêm-se algumas células vazias. Nesses casos, é importante fazer modelos sem incluir, simultaneamente, as variáveis multicolineares. Quando se cruzam, em tabelas, segmento fônico seguinte e posição silábica, bem como segmento fônico precedente e classe morfológica, obtêm-se duas células vazias para cada tabela.

Em um modelo em que se exclui a classe morfológica, verifica-se que segmento fônico precedente não tem correlação significativa com (L), embora trabalhos anteriores (Cf. SANTIAGO-ALMEIDA 2000; SILVA & SOUSA 2012) apontem para favorecimento do rotacismo a depender dos tipos de consoantes precedentes. Em outro modelo, em que o segmento fônico precedente é excluído e a classe morfológica é reincluída, observa-se correlação entre rotacismo e classe morfológica, sendo tal variante desfavorecida em verbos, relativamente aos adjetivos e advérbios, como está descrito a seguir:

Tabela 4.4 - Estimativas, erros padrão e valores de significância dos fatores da variável Classe morfológica na amostra são-miguelense

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
Intercept	-0.8591	0.4924	-1.74	0.081
Substantivo	-0.602459	0.323462	-1.863	0.0625 .
Verbo	-1.093255	0.390424	-2.800	0.0051 **
R ² = 0.317				
C = 0.799				

Modelo: lrm(VD ~ região + sexo.gênero + escolaridade + faixa.etária + seg.fon.seg + posição.silábica + tonicidade + presença.R.palavra + classe.morfológica + extensão.palavra + estilo, data = tlam2)

O valor de *intercept* corresponde ao nível adjetivos + advérbios

. p > 0.05; *p < 0.05; **p < 0.01; ***p < 0.001

¹⁹ “Outro pressuposto fundamental num modelo linear é que as variáveis respostas não sejam dependentes entre si. Tal dependência é chamada de multicolinearidade, que ocorre quando algumas variáveis previsoras do modelo se referem a um mesmo efeito” (OUSHIRO 2017: 172).

Para entender o que a tabela fornece de informações, deve-se atentar aos termos *intercept*, estimativa, erro padrão, valor-z e significância (p). O modelo, nada mais é que uma função de primeiro grau ($y = a + bx$), sendo que o termo *intercept* refere-se ao coeficiente linear do modelo, ao valor de y quando x equivale a zero. O valor da segunda linha é a estimativa para substantivo, trata-se do coeficiente angular do modelo, “que é quanto muda o valor do eixo y a cada unidade de x ” (OUSHIRO 2017: 135). A segunda coluna, a do erro padrão é uma “medida da precisão das previsões: quanto menor esse valor, maior é o grau de precisão do modelo” (Id.). O valor-z, por sua vez, é o resultado da divisão entre a estimativa e o erro padrão e a significância ou valor- p é a probabilidade de ter observado determinado resultado em caso de a hipótese nula ser verdadeira. Hipótese nula é a negação da hipótese alternativa: “há diferença significativa entre verbos, substantivos e adjetivos + advérbios”. A negação seria que não há diferença entre tais classes morfológicas no modelo em questão. Nesse caso, o resultado mostra que o valor- p é menor que 0.05 para verbo, ou seja, há diferença significativa entre verbos e o nível de referência – adjetivos + advérbios (no *intercept*), sendo que os verbos desfavorecem o rotacismo, relativamente a adjetivos + advérbios. O valor- p para substantivo é maior que 0.05, o que indica não haver diferença significativa entre tal classe morfológica e adjetivos + advérbios.

A tabela informa, ainda, os valores de C e de R^2 . O índice de Concordância “ C ” assim como o valor de R^2 são “medidas estatísticas de qualidade do ajuste, ou seja, de quão bem o modelo é capaz de explicar a variação encontrada nos dados” (OUSHIRO 2017: 191). O modelo tem $C = 0.799$, apresentando poder aceitável de discriminação de resultado (quanto mais próximo de 1, maior o poder de discriminação de resultado, ou seja, mais o modelo consegue explicar a variação encontrada) e $R^2 = 0.317$ (o modelo explica 32% da variação encontrada para a variável dependente).

Para os próximos modelos, excluíram-se as variáveis segmento fônico precedente e extensão vocabular, pois, como se observou, elas não se correlacionam ao rotacismo em ataque complexo. A decisão de excluí-las também foi acatada após aplicação das funções “drop1” e “step” (com as direções *forward*, *backward* e *both*). Tais funções objetivam chegar a um modelo satisfatório dos dados. A função “drop1” “requer um modelo com inclusão de todas as variáveis predictoras que se quer testar” (OUSHIRO 2017: 170), permitindo saber se convém deixar determinada variável no modelo. Semelhantemente à função “drop1”, a função “step” com a direção *backward* (“de cima para baixo”) começa

com um modelo completo, objetivando excluir variáveis. A direção *forward* (“de baixo para cima”) da função “step” permite que se comece um modelo sem variáveis previsoras, acrescentando-as uma a uma ao modelo. A direção *both* é o valor *default* da função “step”, ou seja, se não se indicar as direções *forward* ou *backward*, a função utilizará *both* como direção. Em tal direção, “o programa começa executando o mesmo que a direção “forward”, mas, toda vez que inclui uma nova variável, ele tenta excluir alguma variável que possa não mais estar contribuindo para o modelo” (OUSHIRO 2017: 167-168).

Para se fazer boas análises, é importante também verificar se as variáveis previsoras não interagem entre si. As interações, quando incluídas nos modelos, permitem obter estimativas mais precisas para a variável resposta, indicando que o encaixamento dela é mais complexo do que a simples atuação das variáveis previsoras isoladamente (OUSHIRO 2017). A partir de seis testes de interações entre as variáveis sociais da amostra são-miguelense, detectaram-se quatro pares em interação: região e faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, sexo/gênero e faixa etária, escolaridade e faixa etária. Cada uma das quatro interações está incluída em um modelo de regressão logística diferente. Os modelos de 1 a 4 têm C entre 0.7 e 0.8 (poder aceitável de discriminação de resultado). No modelo 1, inclui-se a interação entre região e faixa etária:

Tabela 4.5 - Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 1

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-0.3354	0.4594	-0.73	0.4654
Região (urbana)	-2.8768	0.7531	-3.82	0.0001 ***
Faixa etária (2ª)	0.7252	0.3133	2.32	0.0206 *
Faixa etária (3ª)	0.5293	0.3270	1.62	0.1055
Seg. fônico seguinte (<i>al</i>)	-1.2106	0.4323	-2.80	0.0051 **
Seg. fônico seguinte (<i>ma</i>)	-1.2660	0.4444	-2.85	0.0044 **
Seg. fônico seguinte (<i>mp</i>)	-1.2127	0.4335	-2.80	0.0051 **
C. morfológica (substantivo)	-0.5355	0.3118	-1.72	0.0859 .
C. morfológica (verbo)	-1.0857	0.3550	-3.06	0.0022 **
Posição silábica (inicial)	0.0994	0.3737	0.27	0.7903
Posição silábica (medial)	1.1285	0.4549	2.48	0.0131 *
Tonicidade (tônica)	0.5387	0.3106	1.73	0.0829 .
Presença de /R/ (sim)	0.2236	0.2881	0.78	0.4377
Estilo (lista + notícia)	-0.8124	0.2463	-3.30	0.0010 ***
Região (urbana): faixa etária (2ª)	2.0472	0.8170	2.51	0.0122 *
Região (urbana): faixa etária (3ª)	3.1746	0.8233	3.86	0.0001 ***
R ² = 0.281				
C = 0.776				

Modelo 1: lrm(VD ~ região * faixa.etária + seg.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + presença.R.palavra + estilo, data = tlam2)

O valor de *intercept* corresponde aos fatores: região rural; primeira faixa etária; segmento fônico seguinte (a); classe morfológica (adjetivos + advérbios); posição silábica final; tonicidade (átona); presença de /R/ (não); estilo (conversação)

. $p > 0.05$; * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; *** $p < 0.001$

É possível afirmar que, no modelo, a variante rótica correlaciona-se com segmento fônico seguinte, classe morfológica, posição silábica e estilo, sendo desfavorecida em todos os segmentos fônicos seguintes (“al” – vogais altas: [u], “ma” – vogais médias anteriores: [e] + [ɛ] e “mp” – vogais médias posteriores: [o] + [ɔ]), relativamente a vogal baixa central: [a]. Ela, também, é desfavorecida em verbos, relativamente a adjetivos e advérbios e é favorecida quando está no meio de palavras (em relação ao final de palavras). As leituras desfavorecem, relativamente à conversação, tal variante.

Moradores da região urbana desfavorecem a variante em foco, em relação aos da área rural e informantes da segunda faixa etária favorecem-na. Na figura seguinte, observam-se os efeitos da interação²⁰ entre região e faixa etária.

²⁰ Interações significam que variáveis inicialmente tomadas como independentes entre si são, na verdade, e de acordo com os dados, interdependentes.

Figura 4.5 - Efeito da interação entre região e faixa etária

O gráfico à direita mostra que os informantes da região urbana e de segunda e terceira faixas etárias tendem a favorecer o uso da variante rótica, relativamente aos moradores da mesma região, mas da primeira faixa etária. Já o gráfico à esquerda apresenta resultado diferente, porque os intervalos de confiança coincidem, indicando que não há diferença significativa entre as três faixas etárias de residentes no campo quanto ao uso do rotacismo. A interação entre região de residência e faixa etária aponta para um processo de mudança em andamento, em vias de consolidação, na cidade, já que o rotacismo é decrescente conforme mais jovem é o falante. No campo, a variação é estável, ou seja, não se observa um processo de mudança linguística nesta região do município. A partir desses dados, podemos dizer que o campo resiste, no momento, à padronização linguística, à “norma normativa” (FARACO & ZILLES 2017) que é a norma culta, prestigiosa, comumente descrita nas gramáticas de língua portuguesa e ensinada nas aulas de português da educação básica.

No modelo 2, inclui-se a interação entre sexo/gênero e faixa etária:

Tabela 4.6 - Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 2

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-1.4893	0.4763	-3.13	0.0018 **
Sexo/gênero (masculino)	0.8067	0.3909	2.06	0.0391 *
Faixa etária (2ª)	-0.0446	0.4650	-0.10	0.9236
Faixa etária (3ª)	1.5384	0.3787	4.06	<0.0001 ***
Seg. fônico seguinte (<i>al</i>)	-1.1641	0.4264	-2.73	0.0063 **
Seg. fônico seguinte (<i>ma</i>)	-1.2110	0.4418	-2.74	0.0061 **
Seg. fônico seguinte (<i>mp</i>)	-1.3824	0.4346	-3.18	0.0015 **
C. morfológica (substantivo)	-0.5427	0.3049	-1.78	0.0751 .
C. morfológica (verbo)	-0.9069	0.3596	-2.52	0.0117 *
Posição silábica (inicial)	0.1449	0.3825	0.38	0.7048
Posição silábica (medial)	0.9753	0.4586	2.13	0.0334 *
Tonicidade (tônica)	0.6254	0.3126	2.00	0.0454 *
Presença de /R/ (sim)	0.3680	0.2870	1.28	0.1997
Estilo (lista + notícia)	-0.7097	0.2510	-2.83	0.0047 **
Sexo (masculino): faixa etária (2ª)	1.2692	0.5698	2.23	0.0259 *
Sexo (masculino): faixa etária (3ª)	-0.4079	0.5178	-0.79	0.4308
R ² = 0.283				
C = 0.785				

Modelo 2: $\text{lm}(\text{VD} \sim \text{sexo.gênero} * \text{faixa.etária} + \text{seg.fon.seg} + \text{classe.morfológica} + \text{posição.silábica} + \text{tonicidade} + \text{presença.R.palavra} + \text{estilo}, \text{data} = \text{t1am2})$

O valor de *intercept* corresponde aos fatores: sexo/gênero feminino; primeira faixa etária; segmento fônico seguinte (a); classe morfológica (adjetivos e advérbios); posição silábica final; tonicidade (átona); presença de /R/ (não); estilo (conversação).

. $p > 0.05$; * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; *** $p < 0.001$

A tabela informa que há correlação entre a variável resposta e segmento fônico seguinte, classe morfológica, posição silábica, tonicidade e estilo. Os dois fatores sociais do modelo correlacionam-se à variável dependente, sendo que homens, relativamente às mulheres, tendem a rotacizar mais vezes, assim como os informantes mais velhos (de terceira faixa etária) em relação aos mais jovens (de primeira faixa etária). A seguir, pode-se observar os efeitos da interação entre sexo/gênero e faixa etária:

Figura 4.6 - Efeito da interação entre sexo/gênero e faixa etária

O gráfico à direita mostra que homens de segunda faixa etária, relativamente aos da primeira, tendem a realizar mais rotacismo, resultado diferente do que se observa no gráfico à esquerda, em que há diferença significativa entre mulheres mais velhas relativamente às mais jovens, mas a diferença entre a primeira e a segunda faixas etárias das mulheres não é significativa. Em suma, mulheres mais jovens – da primeira e da segunda faixa etária – rotacizam menos frequentemente do que as mais velhas. Por outro lado, entre os homens, são só os da primeira faixa etária que rotacizam menos frequentemente. A interação entre sexo/gênero e faixa etária mostra que há uma diferença entre as mulheres e os homens da faixa etária intermediária e que as mulheres estão uma geração à frente dos homens no processo de mudança linguística em SMA.

No terceiro modelo, inclui-se a interação entre faixa etária e escolaridade:

Tabela 4.7 - Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 3

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-0.2612	0.4948	-0.53	0.5975
Faixa etária (2ª)	0.1032	0.3587	0.29	0.7735
Faixa etária (3ª)	1.2062	0.3722	3.24	0.0012 **
Escolaridade (médio)	-1.3085	0.4051	-3.23	0.0012 **
Seg. fônico seguinte (<i>al</i>)	-1.0154	0.4220	-2.41	0.0161 *
Seg. fônico seguinte (<i>ma</i>)	-1.0985	0.4265	-2.58	0.0100 *
Seg. fônico seguinte (<i>mp</i>)	-1.2170	0.4276	-2.85	0.0044 **
C. morfológica (substantivo)	-0.6708	0.3023	-2.22	0.0265 *
C. morfológica (verbo)	-1.2011	0.3585	-3.35	0.0008 ***
Posição silábica (inicial)	0.2151	0.3781	0.57	0.5694
Posição silábica (medial)	0.9468	0.4475	2.12	0.0344 *
Tonicidade (tônica)	0.6771	0.3077	2.20	0.0277 *
Presença de /R/ (sim)	0.4182	0.2814	1.49	0.1373
Estilo (lista + notícia)	-0.8790	0.2448	-3.59	0.0003 ***
Faixa etária (2ª): escol. (médio)	1.6269	0.5134	3.17	0.0015 **
Faixa etária (3ª): escol. (médio)	0.1486	0.5322	0.28	0.7801
R ² = 0.255				
C = 0.763				

Modelo 3: lrm(VD ~ faixa.etária * escolaridade + seg.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + presença.R.palavra + estilo, data = tlam2)

O valor de *intercept* corresponde aos fatores: primeira faixa etária; escolaridade fundamental; segmento fônico seguinte (a); classe morfológica (adjetivos e advérbios); posição silábica final; tonicidade (átônica); presença de /R/ (não); estilo (conversação)

. $p > 0.05$; * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; *** $p < 0.001$

No modelo, observa-se que informantes da terceira faixa etária, relativamente, aos da primeira tendem a rotacizar mais frequentemente. Os mais escolarizados da amostra tendem a desfavorecer o rotacismo, relativamente aos menos escolarizados. Vogais médias anteriores, médias posteriores e vogais altas desfavorecem a variante rótica, relativamente a [a]. Verbos e substantivos desfavorecem o rotacismo, relativamente, a adjetivos e advérbios, sendo a correlação da variável resposta com verbos mais forte (estimativa = -1.2011) em comparação com substantivos (estimativa = -0.6708). Quando o encontro consonantal tautossilábico ocorre em meio de palavras, há favorecimento do rotacismo, assim como quando ele ocorre em sílabas tônicas. As leituras de lista e de notícia desfavorecem o emprego da variante rótica por parte do informante. A figura seguinte mostra a interação entre faixa etária e escolaridade gerada a partir do modelo 3:

Figura 4.7 - Efeito da interação entre faixa etária e escolaridade

Observa-se, a partir dos gráficos, que, para os informantes com nível fundamental de escolaridade, há um padrão de mudança, na medida em que o rotacismo é mais frequente na fala dos mais velhos do que dos mais novos (sem diferença significativa entre primeira e segunda faixa). Para os falantes com ensino médio (escolaridade mais alta), não há diferença significativa entre segunda e terceira faixa etária, mas os mais jovens tendem a desfavorecer a variante rótica, relativamente a estas duas faixas etárias, mostrando que também há um padrão de mudança para os mais escolarizados da amostra.

No modelo 4, inclui-se a interação entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade e a variável região de residência, que não interage com as duas primeiras:

Tabela 4.8 - Estimativas, erros padrão e valores de significância para modelo 4

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	0.1486	0.4647	0.32	0.7491
Sexo/gênero (masculino)	0.4451	0.2806	1.59	0.1127
Escolaridade (médio)	-2.1272	0.3934	-5.41	<0.0001 ***
Região (urbana)	-0.8912	0.2154	-4.14	<0.0001 ***
Seg. fônico seguinte (<i>al</i>)	-1.0941	0.4277	-2.56	0.0105 *
Seg. fônico seguinte (<i>ma</i>)	-0.7705	0.4427	-1.74	0.0818 .
Seg. fônico seguinte (<i>mp</i>)	-1.0213	0.4393	-2.33	0.0201 *
C. morfológica (substantivo)	-0.5027	0.3174	-1.58	0.1133
C. morfológica (verbo)	-1.1246	0.3729	-3.02	0.0026 **
Posição silábica (inicial)	-0.0055	0.3839	-0.01	0.9885
Posição silábica (medial)	1.1276	0.4570	2.47	0.0136 *
Tonicidade (tônica)	0.3861	0.3029	1.27	0.2024
Presença de /R/ (sim)	0.6186	0.2958	2.09	0.0365 *
Estilo (lista + notícia)	-0.6868	0.2434	-2.82	0.0048 **
Sexo (masc.): escol. (médio)	1.8748	0.4632	4.05	<0.0001 ***
R ² = 0.306				
C = 0.789				

Modelo 4: lrm(VD ~ sexo.gênero * escolaridade + região + seg.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + presença.R.palavra + estilo, data = tlam2)

O valor de *intercept* corresponde aos fatores: sexo/gênero masculino; escolaridade fundamental; região rural; segmento fônico seguinte (a); classe morfológica (adjetivos e advérbios); posição silábica final; tonicidade (átona); presença de /R/ (não); estilo (conversação).

. $p > 0.05$; * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; *** $p < 0.001$

O modelo 4 mostra que não há correlação entre (L) e sexo/gênero, diferentemente do que se observa entre tal variável e escolaridade e região, pois informantes mais escolarizados bem como os residentes na cidade tendem a rotacizar menos quando comparados aos informantes mais escolarizados e moradores do campo, respectivamente. A figura seguinte mostra a interação entre sexo/gênero e escolaridade gerada a partir do modelo 4:

Figura 4.8 - Efeito da interação entre sexo/gênero e escolaridade

Entre os menos escolarizados, não há diferença significativa entre as taxas de rotacismo para homens e mulheres, embora, aparentemente, eles rotacizem mais frequentemente do que elas. Entretanto, para os falantes com nível médio de escolarização, homens rotacizam significativamente mais vezes que as mulheres.

Considerando o que é comum aos quatro modelos, pode-se afirmar que as variáveis linguísticas independentes que se correlacionam à variável resposta são: segmento fônico seguinte, classe morfológica, posição silábica e estilo. Vogais médias posteriores e vogais altas desfavorecem [r], relativamente a [a]. Verbos, em relação a adjetivos e advérbios, desfavorecem o emprego da variante rótica. Quando (L) está em posição silábica medial, há favorecimento do rotacismo, em relação a (L) em posição silábica final. As leituras desfavorecem [r], relativamente à conversação, estilo este em que se espera menor monitoramento sociolinguístico por parte do informante.

Nos modelos 2 e 3, tonicidade correlaciona-se com tal variável, mas nos modelos 1 e 4 não. A variável presença de /r/ na palavra só apresentou correlação com a variável resposta no modelo 4. Como já se reportou, no início deste capítulo, segmento fônico precedente e extensão silábica não têm correlação com (L) em ataque complexo.

A partir dos resultados dos modelos 1, 2, 3 e 4 – sem inclusão das variáveis aleatórias – é possível afirmar que a variável em estudo se correlaciona com região de residência, sendo o rotacismo desfavorecido na fala de moradores da cidade, em que há maior probabilidade de acesso aos meios de comunicação de massa, à Internet e

diversificação de redes sociais. Sobre a influência das mídias no nivelamento linguístico, destaca-se a televisão, presente na grande maioria dos lares brasileiros (LUCCHESI 2015) e que contribui para ditar padrões que vão desde vestuário e alimentação a modos de falar. Esse acesso à comunicação em massa promove uma homogeneização dos segmentos sociais e um nivelamento linguístico em direção à norma culta, conforme afirma Lucchesi (2015: 35):

Na sociedade brasileira contemporânea (dominada pela indústria cultural e pela comunicação de massa), a voragem da comunicação instantânea e imediata propaga vertiginosamente imagens, valores e padrões de comportamento linguístico para todos os segmentos sociais em todos os quadrantes do país, promovendo inexoravelmente a sua homogeneização. Se nesse processo opera um nivelamento linguístico que aproxima a fala das classes baixas dos modelos da norma culta, a avaliação social reforça o valor simbólico das diferenças linguísticas, utilizando a clivagem da língua para reforçar a divisão social [...].

Tal nivelamento linguístico começaria nos segmentos urbanos e seguiria rumo a comunidades rurais mais isoladas e socialmente marginalizadas, como é o que se observa em SMA: a mudança linguística inicia-se na cidade – favorecendo a forma padrão [l] em detrimento à forma [r] – e pode caminhar ao campo. A variante [l] está de acordo com a “norma normativa” e é produto do nivelamento linguístico na cidade.

As instituições escolares, também, contribuem para o nivelamento linguístico, na medida em que focalizam no ensino da norma culta como sendo uma norma de uso categórico. Escolaridade tem correlação com a variável estudada nesta pesquisa, pois informantes que passaram mais anos na educação básica tenderam a desfavorecer o rotacismo, que é a variante que se desvia da “norma normativa” (FARACO & ZILLES 2017). A “norma normativa” refere-se ao que é certo e errado, ao que:

[...] não é propriamente uma variedade espontânea da realidade linguística. Ela é, de fato, um construto, um conjunto de preceitos padronizadores com os quais se busca homogeneizar o uso linguístico em determinados contextos num esforço sócio-histórico e culturalmente motivado para impor um controle sobre a heterogeneidade e a mudança inerentes a qualquer língua (FARACO & ZILLES 2017: 18).

Esta norma estaria mais próxima daquela que é ensinada nas aulas de português, baseada nas gramáticas prescritivas, que dizem ser errado falar ou escrever de certos

modos sem considerar que as línguas mudam e que os usos linguísticos podem, e, talvez, até devam variar a depender das diferentes situações interacionais. Diferentemente da “norma normativa”, a “norma normal” (FARACO & ZILLES 2017) refere-se ao “conjunto das características léxico-gramaticais e discursivas constantes numa determinada comunidade de fala” (FARACO & ZILLES 2017: 17); nela, considera-se a realidade linguística e o compartilhamento de traços linguísticos por falantes de um determinado grupo. Compreende-se tal norma como a adequação dos usos linguísticos aos padrões de uma comunidade de fala.

Há correlação da variável resposta com faixa etária, sendo que informantes da segunda e da terceira faixas etárias tendem a rotacizar mais frequentemente quando comparados aos da primeira faixa, o que indica mudança linguística em progresso em direção a [l], sendo que, a princípio, a norma era rotacizar (L) em encontro consonantal tautossilábico em SMA. O favorecimento da forma padrão [l] na fala de informantes mais jovens indica que eles são mais susceptíveis às pressões de entrada no mercado de trabalho. No modelo 1, observa-se que os informantes da segunda faixa etária tendem a favorecer a variante rótica, já, nos modelos 2 e 3, são os informantes da terceira faixa que tendem a favorecê-la, relativamente aos da primeira faixa etária.

No modelo 2, a variável apresenta correlação com sexo/gênero, com tendência ao favorecimento do rotacismo na fala de homens; no modelo 4, tal correlação deixa de ser significativa.

Os resultados apresentados, neste capítulo, mostram que o rotacismo de (L) em ataque complexo detém estigma em SMA, uma vez que informantes mais escolarizados relativamente aos menos escolarizados tendem a desfavorecê-lo em suas falas. Tais resultados contrapõem-se às análises apresentadas no capítulo 3, em que se verificou que metade dos informantes da amostra não perceberam as pronúncias rotacizadas de (L) quando se realizaram testes de avaliação com eles.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como um dos objetivos principais compreender como as noções de prestígio e de estigma se associam às variantes de (L) em São Miguel Arcanjo, município que pode ser classificado como inteiramente rural, mas que, localmente, divide-se entre campo e cidade. Esta divisão perpassa não somente modos de vida, ocupações e atividades laborativas, mas também define diferenciações linguísticas no município. Os padrões sociolinguísticos, desvendados por meio das análises das amostras da fala de são-miguelenses dessas duas regiões, podem ser compreendidos à guisa das avaliações sociais desenvolvidas pelos próprios nativos e dos resultados de testes estatísticos realizados para (L) em ataque complexo.

Para (L) em coda silábica, os dados de rotacismo não atingem 1% do total, sendo ele evitado na fala são-miguelense de modo geral. Por ser tão evitado, pode-se afirmar que o rotacismo de (L) em final de sílaba é muito estigmatizado localmente, constituindo um traço que pode ser classificado como estereótipo linguístico segundo as definições de Labov (2008 [1972]) e de Bortoni-Ricardo (2011). Os poucos casos de rotacismo de (L) em final de sílaba aparecem na fala de homens e de informantes menos escolarizados, podendo-se com isso reforçar o estigma associado a tal variante.

Já as ocorrências de rotacismo em ataque complexo chegam a 27,7% do total de dados. As análises multivariadas desses dados, por meio de modelos de regressão no R, apontam para correlações da variável com fatores sociais e linguísticos. Linguisticamente, a variante rótica é desfavorecida quando o contexto fônico seguinte são vogais posteriores e vogais altas relativamente a [a]; para classe morfológica, verbos, em relação a adjetivos e advérbios, desfavorecem o emprego de tal variante e, para posição de (L) na sílaba, observa-se favorecimento de rotacismo em posição medial, em relação à final. Não há correlação da variável com segmento fônico precedente e extensão silábica.

Socialmente, o rotacismo é favorecido na fala de informantes mais velhos, relativamente aos mais jovens; de informantes do campo, em relação aos moradores da cidade; e de informantes menos escolarizados relativamente aos mais escolarizados da amostra. Em relação a estilo, as leituras desfavorecem a variante rótica quando comparadas à conversação.

As interações entre variáveis sociais também revelam padrões interessantes. Uma delas se dá entre sexo/gênero e faixa etária, mostrando que as faixas etárias intermediárias da amostra diferem para homens e mulheres, sendo que elas estão uma geração à frente deles no processo de mudança linguística que ocorre em SMA. Outra interação relevante se observa entre região de residência e faixa etária, que indica existência de processo de mudança linguística, possivelmente em vias de consolidação na cidade, uma vez que as gerações mais novas desfavorecem o emprego do rotacismo quando comparadas à faixa etária de informantes com 50 anos ou mais. Pode-se afirmar que a norma, em São Miguel Arcanjo, teria sido rotacizar (L) em ataque complexo, mas, hoje, observa-se que a variante lateral está substituindo a variante rótica, em um processo de mudança linguística na cidade, que pode dirigir-se ao campo. Na fala dos falantes do campo, observa-se variação estável, não havendo diferença significativa entre as três faixas etárias – o que permite afirmar que o campo resiste à padronização linguística, à “norma normativa” (FARACO & ZILLES 2017), que é a norma prestigiada e ensinada nas gramáticas prescritivas de língua portuguesa.

Para tentar compreender as diferenças entre os processos de variação e de mudança no campo e na cidade em SMA, pode-se utilizar a proposta de Bortoni-Ricardo (2004), que sugere dividir os falares brasileiros com base em *continua*. Entende-se que, dentro do *continuum* de urbanização, o rotacismo em ataque complexo no município são-miguelense enquadra-se no polo das variedades rurais, empregadas em regiões mais isoladas geograficamente:

[...] Enquanto os falares rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. Nas cidades também se desenvolvia o comércio e, depois, a indústria; ali se instalavam as repartições públicas civis e militares, as organizações religiosas e outras instituições sociais que são depositárias e implementadoras de culturas de letramento [...] (BORTONI-RICARDO 2004: 52).

Embora, nos dias atuais, a tecnologia e o acesso às mídias estejam em avanço no campo, conforme alguns relatos dos moradores de lá, há resistência à padronização linguística, processo que é favorecido na cidade. É necessário compreender que o avanço tecnológico se dá de modo gradual, pois em muitos sítios, chácaras e fazendas não é

possível usar as redes móveis no celular, por exemplo, observando-se isolamento não apenas geográfico, mas também tecnológico.

Em conclusão, é possível compreender que, embora ao rotacismo em ambos os contextos fônicos seja associado um alto grau de estigmatização, como se descreve nos trabalhos de Head (1981) e Bortoni-Ricardo (2004), localmente, ela parece ser maior para rotacismo de (L) em final de sílaba, porque muitos informantes nem sequer apresentaram um discurso ou notaram as pronúncias rotacizadas em “O Dougras imprica com tudo”; esse fato sugere que o rotacismo de (L) em ataque complexo não é categoricamente estigmatizado em SMA. Por outro lado, os resultados dos testes estatísticos mostram que o rotacismo em tal contexto fônico é evitado na fala de informantes mais escolarizados, em relação à fala daqueles com menor escolarização, detendo algum grau de estigmatização no município.

Futuramente, seriam interessantes estudos de percepção sociolinguística para ambos os contextos fônicos como forma de saber que significados sociais estão atrelados às variáveis (L) em coda silábica e ataque complexo. Seria também importante gravar novos informantes, ampliando a amostra, a fim de verificar se a mudança linguística atualmente em andamento na cidade de fato avançou ao campo.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Atlas Linguístico do Paraná – ALPR. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. A.; ALTINO, F. C. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Alfa*, São Paulo, 56 (3), p. 871-889, 2012.
- ALENCAR, M. S. M. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. *Rev. de letras*, v. 30, jan. 2010/dez. 2011.
- ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. A. (Org.) *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2013, p. 177-208.
- ALTINO, F. C. Estudos dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. *Signum: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 33-63, jul. 2009.
- AMARAL, A. O dialeto caipira. 3. ed. São Paulo: HUCITEC–SCET-CEC, 1976 [1920].
- ARAÚJO, G. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; ZAMBOTTO-LIMA, C. R. O vigor do rotacismo na Baixada Cuiabana. In: MORAIS, M. A. C. R. T.; ANDRADE, M. L. C. V. O. (Orgs.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/ Publicações IEL, v. 2, 2009, p. 293-305.
- ARAÚJO, G. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Rastro fonológico no *rastrum* filológico. *Filol. linguist. port.*, n. 10-11, p. 263-280, 2008/2009.
- ASSAD, C. F.; COX, M. I. P. O ele e o erre só trazem *compricação*: um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.
- BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer [Computer program]. Version 6.0.40, 2014. URL: <<http://www.praat.org/>>.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CAMARA JR, J. M. Estrutura da língua portuguesa. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010 [1975].

- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da geolingüística no Brasil. *Linguística* 29 (1), jun. 2013.
- CARREÃO, V. A realização de /r/ em posição de coda silábica no município de Louveira/SP: transformações econômicas e mudança linguística. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- CASTRO, V. S. A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- _____. Revisitando Amadeu Amaral. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/ Publicações IEL, v. 1, 2009, p. 595-601.
- FARACO, C. A. & ZILLES, A. M. Para conhecer norma linguística. São Paulo: Contexto, 2017.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A dialectologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREITAG, R. M. K. et al. *Vamos prantar frores no grobo da terra*: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010.
- GRIES, S. T. Statistics for linguistics with R. 2 ed. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2013.
- HEAD, B. Social factors in the perception of phonetic differences. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 2, p. 157-165, 1981.
- HELLWIG, B.; GEERTS, J. ELAN – Linguistic Annotator. Versão 4.4.0. Disponível em: <<http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>>. Acessado em: 21 set. 2018.
- IBGE Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355020&search=sao-paulo|sao-miguel-arcanjo>>. Acessado em: 21 set. 2018.
- ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. *Alfa*, São Paulo, 56 (3), p. 891-916, 2012.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M.; ALTENHOFEN, C. Atlas Linguístico-Etnográfico da região Sul do Brasil. Vol. I e II. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002.

- LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. The Social Stratification of English in New York City. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LEVSHINA, N. How to do Linguistics with R. Data exploration and statistical analysis. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- LIMA-PADOVANI, B. F. S.; SANCHES, R. D. Interface entre a sociolinguística e a dialetologia. *Web-Revista Sociodiaeto*, v. 6, n. 18, mai./2016.
- LUCCHESI, D. Língua e sociedade partidas. São Paulo: Contexto, 2015.
- MENDES, R. B; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.
- NASCENTES, A. O linguajar carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OUSHIRO, L. Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2014. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- OUSHIRO, L (2017). Introdução à estatística para linguistas, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acessado em 21 set. 2018.
- PICINATO, P. O novo “caipira”: o olhar do “eu” e do “outro”. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.
- _____. Diga-me como falas e eu direi quem és: um estudo sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira – SP. 2018. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.
- PLAZA, L. S. O dialeto caipira no município de Itatiba. 2018. 147 f. Versão parcial de dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. URL: <<http://www.R-project.org/>>.
- RIBEIRO, J. et al. Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

- RODRIGUES, J. F. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. *Análise Social*, 211, 49 (2º), p. 430-456, 2014.
- ROMANO, V. P.; SILVA, J. P. Bicicleta ou bicireta: um estudo do rotacismo na fala de paulistas a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil. *Anais do I CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*, Maringá, p. 3549-3562, 2010.
- SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Departamento de Linguística, Universidade de Toronto, 2005.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil. 2000. 318 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. et al. Aspectos linguístico-culturais na rota caipira. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/ Publicações IEL, v. 1, 2009, p. 165-172.
- SILVA, M. S.; SOUSA, J. H. B. Monotongação e rotacismo: processos fonológicos na fala da comunidade quilombola de Cipoal dos Pretos. *Nome – Revista de Letras*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 7-14, 2012.
- SILVA NETO, S. Guia para estudos dialectológicos. 2 ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TEM, L. F. T. Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: representação fonológica e variação. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Perfis sociais dos informantes da amostra são-miguelense e seus respectivos códigos

Informante	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Região de residência
Antero Z.	M	3	M	S
Antonio J.	M	2	F	S
Antony P.	M	1	M	S
Camila T.	F	1	M	C
Conrado T.	M	2	M	C
Cristina D.	F	2	M	C
Elton T.	M	1	M	C
Fabio S.	M	1	F	C
Fernanda L.	F	2	F	C
Isabella R.	F	1	M	S
Ivan L.	M	2	M	S
Joaquim S.	M	3	F	S
Leonas V.	M	2	F	C
Maria N.	F	3	F	C
Miguel B.	M	3	F	C
Renata B.	F	2	F	S
Rita C.	F	3	M	C
Roberto D.	M	3	M	C
Sebastiana R.	F	1	F	S
Tatiana L.	F	3	F	S
Telma P.	F	1	F	C
Vanira T.	F	3	M	S
Victor N.	M	1	F	S
Vivian P.	F	2	M	S

Sexo (M: masculino, F: feminino); Faixa etária (1: 18-25 anos, 2: 30-40 anos, 3: 50 anos ou mais); Escolaridade (F: ensino fundamental, M: ensino médio); Região de residência (S: campo, C: cidade)

ANEXO B – Roteiro de entrevista

Parte I

Cidade/ Bairro rural (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante na cidade/bairro onde vive/outras cidades/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa; e, tentar permitir menos auto monitoramento do informante a partir de subtópicos do tipo “perigo”.

1. Há quanto tempo você mora em São Miguel Arcanjo/neste bairro?
2. Você gosta de morar aqui? (Se a resposta for negativa perguntar por que não gosta, quais são os motivos que causam essa falta de empatia; se a resposta for positiva, perguntar quais as características da cidade/do bairro rural que fazem com que o informante queira ficar).
3. Por que você escolheu morar nesta cidade/neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.).
 - a. Se o informante mora há bastante tempo: Como era a cidade/bairro antes/quando você se mudou para cá? Mudou muito? Para bairro rural: como era o sítio tradicional comparado ao atual? (p. ex.: antes era mais rústico e hoje, mais moderno; uso de agrotóxicos antes e agora etc.).
 - b. Se o informante já não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com essa cidade/esse bairro aqui? Onde você preferiria morar?
 - c. Se foi a família do informante que escolheu morar ali: Quais as características dessa cidade/desse bairro que você acha que atraíram seus antepassados?
4. Você tem bastante contato com as pessoas aqui da cidade/bairro? Você conhece seus vizinhos?

Para bairro rural:

5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros da zona rural de São Miguel?
6. Costuma haver festas de bairro aqui? Existe algum outro bairro próximo a este em que as pessoas daqui se reúnem?

Para cidade e bairro rural:

7. As pessoas se ajudam aqui? Para bairro rural: Há mutirões, quermesses?

- a. Se você precisar de qualquer tipo de ajuda, a quem recorreria? P. ex., caso fique doente, poderia contar com a ajuda de outras pessoas para que cuidassem de sua família?
8. Quais são as pessoas que você tem mais contato? (Depois da sua família).
9. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
10. Já enfrentou algum perigo aqui? Em caso de dificuldade em responder, sugerir: (Para bairro rural: Já viu alguma vaca brava ou cobra? Já soube de amigos que foram atacados por algum animal peçonhento – cobra, escorpião? Já soube de alguém atingido por raio?)
11. Hoje, tem alguma outro lugar em que você gostaria de morar?
12. Já pensou em se mudar para o campo/a cidade? Se sim, por quê? Se não, por que deseja ficar no campo/na cidade?
13. Como é a qualidade de vida aqui no campo/ na cidade? Em sua opinião, o que é preciso para se obter boa qualidade de vida?

Infância (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças na cidade de São Miguel/bairro rural; grau de mobilidade do informante; e, obter informações sobre escolaridade.

14. E como foi a sua infância em São Miguel/neste bairro? (Se o informante veio pequeno para São Miguel/bairro perguntar os motivos que levaram sua família a se mudar para essa cidade/bairro)? Você pode me contar um pouco de como foi, o que você fazia?
 - a. Brincava no terreiro/dentro de casa ou na rua? Do que vocês brincavam? Como os brinquedos e brincadeiras eram feitos? Quais eram os divertimentos favoritos?
 - b. Como eram os seus pais? Eram rígidos?
 - c. Você costumava brincar com primos ou parentes que não moravam aqui na cidade/no bairro (verificar de onde vinham esses parentes)?
 - d. Você tinha alguma tradição/ algum costume de família?
15. Onde você estudou? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir para a escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou? Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?
16. Enquanto ainda era criança, você ia para outros lugares na região de São Miguel? (para onde/ para fazer o quê?).

Família (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante e grau de enraizamento na cidade/bairro rural.

17. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos? Quantos anos eles têm?”).
18. Seus pais são daqui de São Miguel mesmo? (se sim, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio para cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando e por que seus (pais/avós/bisavós) vieram para São Miguel?
19. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Miguel? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Tem contato sempre?).
20. Você é casado/a? Tem filhos? Quantos anos eles têm?
21. Com quem você mora?
22. Como é a vida em família hoje aqui na cidade/no bairro, em geral?
 - a. (para os mais velhos) É muito diferente de quando você era criança?
 - b. (para os mais jovens) É muito diferente do que seus pais contam para você?
 - c. Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. Você acha que isso é verdade? Você acha que há pouco respeito em relação aos mais velhos?
23. No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, isso mudou em São Miguel/no bairro? Como é isso atualmente?
 - a. Na sua casa, os homens ajudam nas tarefas de casa? O que você acha de um homem ficar em casa, cuidando dos filhos?

Trabalho/ocupação (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante e características socioeconômicas dele.

24. Você trabalha aqui na cidade/no sítio ou em outro lugar? Trabalha ou já trabalhou em cidades/sítios/bairros vizinhos? (Para casos em que o informante trabalha em cidades vizinhas): por que você teve que sair da sua cidade para ir em busca de serviço?
25. Caso trabalhe em outro lugar: Como você faz para ir ao trabalho? Quais são os meios de transporte utilizados?
26. O que você faz? Faz tempo que trabalha nesse ramo? Qual é a rotina na cidade/no campo?
Para bairro rural: como é cuidar da criação e dos plantios? Quais são os animais criados aqui?
27. Você gosta do seu trabalho daqui? Se não, o que gostaria de fazer?
28. Você se sente reconhecido no seu trabalho?
29. O que você gostaria de alcançar com o seu trabalho?

30. Você tem a profissão que sempre quis? Se não, qual outra profissão escolheria e por quê? Se sim, por que não escolheria outra profissão?
31. Se você ganhasse na megassena, em que investiria o dinheiro?
32. Em sua opinião, as pessoas devem continuar trabalhando, mesmo que tenham muito dinheiro?

Lazer (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; e, características socioeconômicas.

33. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? Você assiste a programas de televisão ou escuta rádio? (Se sim, quais são os canais que mais gosta e que tipo de música aprecia?) (Se saem, vão a que lugares?) Você acha que a cidade de São Miguel Arcanjo tem boas opções de lazer? Quais? (Se a resposta for negativa, descobrir o que falta na cidade que faz com que seus moradores procurem lazer fora dela).
34. A maioria dos seus amigos mora aqui na cidade/no bairro mesmo? (Se não, onde moram?).
33. Você tem alguma atividade de recreação em grupo, frequenta algum clube? Você tem alguma religião/crença?
34. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de escola? Eles continuam morando em São Miguel?
35. Você costuma viajar? Para que lugares já viajou? O que você conheceu/viveu de mais interessante e marcante nesses lugares? Quais são os lugares que gostaria de conhecer?
36. Para bairro rural: Há rios aqui? Se sim, gosta de pescar?

Parte II

São Miguel Arcanjo (aprox. 20 min)

37. Uma pesquisa recente feita em uma cidade grande mostrou que 57% das pessoas deixariam a cidade pesquisada caso pudessem. O que você acha disso? (se o informante perguntar, a pesquisa é do Ibope, foi publicada em janeiro/2010²¹ e se referia a São Paulo) Quais motivos você acha que influenciam o desejo das pessoas de sair da grande cidade?
38. Você gosta de morar em São Miguel? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?
39. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

²¹<http://www.nossasaopaulo.org.br/porta/arquivos/Pesquisa_IRBEM_Ibope_2010_completa.pdf>

40. O que você acha que caracteriza o são-miguelense (tanto as coisas boas quanto ruins)?
41. Se você me visse pela primeira vez, você diria que eu sou são-miguelense? Por quê?
42. O que você mais gosta em São Miguel?
43. O que você não aprecia em São Miguel? O que falta aqui na comunidade? (a depender do tópico mencionado pelo informante – falta de emprego, monotonia, saúde pública, administração da cidade etc. – procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi/sou com a falta de empregos? Como isso te afetou? (para obter narrativa pessoal). O que o governo e, mais especificamente, a prefeitura poderia fazer para solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada) (explorar o subtópico por aprox. 10 min.)
44. Para as pessoas que não vivem em cidades interioranas, como você acha que elas imaginam que sejam essas cidades? Qual é a imagem que pessoas de fora de cidades pequenas têm do interior de São Paulo?
45. Você falou que já foi para (X, Y, Z). Quando você foi para esses lugares, as pessoas percebiam que você era são-miguelense, ou melhor, que você era paulista? Se sim, como elas percebiam?
46. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de São Miguel?
 - a. Se sim, como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal que as pessoas não saibam definir o porquê, mas dá para tentar tirar mais informações).
 - b. Se não: quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

Produção/ “percepção”/ avaliação linguística (aprox. 10 min)

47. Qual é o modo de falar no Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o gaúcho/o carioca/o paulistano/o mineiro etc. – a depender dos sotaques mencionados) fala(m)?
48. Em São Miguel, você acha que tem muita gente de fora que veio morar aqui? (Perguntar ao informante se ele sabe de pessoas nessas condições). De onde vem a maioria dessas pessoas? Hoje em dia, têm bairros de japoneses, italianos entre outras nacionalidades em São Miguel? Quais os motivos, em sua opinião, fizeram com que essas pessoas escolhessem São Miguel para morar?
49. E como é que as pessoas falam na cidade de São Miguel? (evitar usar a palavra “sotaque”).

50. E aqui dentro da região do interior paulista... Você vê diferenças entre as diferentes regiões/diferentes cidades? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos? (É normal as pessoas responderem que não, mas se responderem que sim, tente obter informações mais precisas).

LISTA DE PALAVRAS: Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler”. Esperar que o informante leia a lista de palavras e, depois, perguntar:

51. A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que uma pessoa de São Paulo capital falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?

52. E como um morador do campo/cidade (a depender do local de moradia do informante, se cidade ou sítio, respectivamente) falaria algumas dessas palavras?

53. Tem mais algum sotaque no Brasil que você conhece que falaria essas palavras de formas diferentes?

LEITURA DE NOTÍCIA DE JORNAL: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

LEITURA DE DEPOIMENTO: Dizer ao informante: “Por último, queria que você lesse esse trequinho”. Esperar que o informante leia o trecho.

54. O que você acha desse modo de falar: “(V)Oê fica sem ter o que fazer” (sem a pronúncia do -v de “você” e com -r retroflexo exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?

55. Quem você acha que fala assim? (se falar “paulistas”, perguntar: “você acha que todos os paulistas falam assim ou é uma coisa de uma cidade mais específica ou de moradores do campo no estado de São Paulo?”).

56. Você fala desse modo?

57. E o que você acha de “O Douglas implica com tudo!”? (com troca do -l de ‘Douglas’ e ‘implica’ por -r) (Fazer as mesmas perguntas acima).

58. E o que você acha de “O dente de leite da menina caiu?” (com -e de ‘dente’ e ‘leite’ bem pronunciados) (Fazer as mesmas perguntas acima).

59. E tem mais algum modo de falar que você acha bem são-miguelense?

Lista de palavras

alma
amargo
está plantando
floresta
arroz
atitude
barqueiro
biscoito
caldo
pertinho
implicante
chácara
inflamar
leite
Douglas
defender
pouquinho
elefante
atlas
entender
entretenimento
indecente
mortalha
Flamengo
fornalha
claridade
clavícula
geleira
gérmen de trigo
emblema
potinho de amendoim

Hércules
pato
fazenda
pulso
lento
mortadela Marba
mosca
aperto
está malhando
mulher
Ordem e progresso
imparcial
órgão
lamento
estou entendendo
pertencimento
desacordo
sentença
pentear
encomenda
estou fazendo
sabor de menta
soberba
trabalho
sonhar
urgente
tralha
vulto
zebra

Notícia²²

Sala de imprensa - Academia ao ar livre

É com grande alegria que comunicamos a todos que fazem uso dos aparelhos da Academia ao Ar Livre, localizada no Ginásio Municipal, que, na data de hoje, 31 de janeiro, eles passaram por ajustes, reparos e consertos e estão na mais perfeita condição para uso. A intenção é de sempre mantê-los na mais perfeita ordem, para que todos possam usá-los, de forma consciente, para que venham a aproveitar de seus benefícios. Dito isso, gostaríamos de pedir ajuda a todos, para que nos auxiliem a tomar conta deste espaço e patrimônio público. As pessoas que circulam pelas imediações e, que, eventualmente, observem os aparelhos sendo utilizados de forma incorreta ou sendo depredados, comunique-nos.

Depoimento

Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo: a geladeira, o forno... minha irmã até veio me ajudar, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando chover de novo, vai molhar tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá perto que sempre alaga... quer dizer, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa urgente. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?

²² Notícia editada do site da Prefeitura de São Miguel Arcanjo. Disponível em: <http://www.saomiguelarcanjo.sp.gov.br/pagina/noticias/noticia_0367.html>. Último acesso em: 20 fev. 2015.

ANEXO C – Modelos multivariados que não convergiram

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-0.7908	0.9940	-0.796	0.42629
Região (urbana)	-3.1916	1.4191	-2.249	0.02450 *
Faixa etária (2ª)	0.4982	1.1772	0.423	0.67216
Faixa etária (3ª)	1.0285	1.1510	0.894	0.37159
Cont. fônico seguinte (<i>ana</i>)	-1.3170	0.5726	-2.300	0.02144 *
Cont. fônico seguinte (<i>pa</i>)	-1.1705	0.5541	-2.112	0.03466 *
Cont. fônico seguinte (<i>va</i>)	-1.6055	0.5090	-3.154	0.00161 **
C. morfológica (substantivo)	-0.6483	0.4291	-1.511	0.13083
C. morfológica (verbo)	-1.3670	0.4977	-2.747	0.00602 **
Posição silábica (inicial)	0.2308	0.5008	0.461	0.64496
Posição silábica (medial)	1.5712	0.5655	2.779	0.00546 **
Tonicidade (tônica)	0.7452	0.4072	1.830	0.06725 .
Estilo (lista + notícia)	-0.8542	0.3447	-2.478	0.01322 *
Região (urbana): faixa etária (2ª)	2.5501	1.8481	1.380	0.16763
Região (urbana): faixa etária (3ª)	3.0228	1.8212	1.660	0.09695 .

AIC = 564.3

BIC = 639.8

Modelo 1.1: `glmer(VD ~ região * faixa.etária + cont.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + estilo + (1|informante) + (1|item.lexical), data = tlam2, family = binomial)`

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-2.6230	1.1016	-2.381	0.01726 *
Sexo/gênero (masculino)	1.3408	1.2596	1.064	0.28712
Faixa etária (2ª)	0.1601	1.3157	0.122	0.90315
Faixa etária (3ª)	2.4112	1.2373	1.949	0.05132 .
Cont. fônico seguinte (<i>ana</i>)	-1.3413	0.5882	-2.280	0.02259 *
Cont. fônico seguinte (<i>pa</i>)	-1.1876	0.5694	-2.086	0.03701 *
Cont. fônico seguinte (<i>va</i>)	-1.6398	0.5188	-3.161	0.00157 **
C. morfológica (substantivo)	-0.6783	0.4402	-1.541	0.12339
C. morfológica (verbo)	-1.3714	0.5130	-2.673	0.00751 **
Posição silábica (inicial)	0.2208	0.5186	0.426	0.67028
Posição silábica (medial)	1.5524	0.5834	2.661	0.00779 **
Tonicidade (tônica)	0.7604	0.4137	1.838	0.06607 .
Estilo (lista + notícia)	-0.8610	0.3538	-2.433	0.01496 *
Sexo (masculino): faixa etária (2ª)	1.9155	1.7492	1.095	0.27347
Sexo (masculino): faixa etária (3ª)	-0.5352	1.6831	-0.318	0.75050

AIC = 561.3

BIC = 636.8

Modelo 2.1: `glmer(VD ~ sexo.gênero * faixa.etária + cont.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + estilo + (1|informante) + (1|item.lexical), data = tlam2, family = binomial)`

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-1.4181	1.1513	-1.232	0.21804
Faixa etária (2ª)	0.8460	1.3199	0.641	0.52151
Faixa etária (3ª)	2.3548	1.3149	1.791	0.07331 .
Escolaridade (médio)	-1.2426	1.3684	-0.908	0.36384
Cont. fônico seguinte (<i>ana</i>)	-1.2938	0.5759	-2.246	0.02468 *
Cont. fônico seguinte (<i>pa</i>)	-1.1511	0.5595	-2.057	0.03965 *
Cont. fônico seguinte (<i>va</i>)	-1.6044	0.5118	-3.135	0.00172 **
C. morfológica (substantivo)	-0.6799	0.4337	-1.568	0.11696
C. morfológica (verbo)	-1.4008	0.5039	-2.780	0.00544 **
Posição silábica (inicial)	0.2688	0.5070	0.530	0.59594
Posição silábica (medial)	1.5755	0.5723	2.753	0.00591 **
Tonicidade (tônica)	0.7552	0.4084	1.849	0.06442 .
Estilo (lista + notícia)	-0.8728	0.3478	-2.510	0.01209 *
Faixa etária (2ª): escol. (médio)	1.0738	1.8703	0.574	0.56589
Faixa etária (3ª): escol. (médio)	-0.4038	1.8527	-0.218	0.82747

AIC = 567.1

BIC = 642.5

Modelo 3.1: `glmer(VD ~ faixa.etária * escolaridade + cont.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + tonicidade + estilo + (1|informante) + (1|item.lexical), data = tlam2, family = binomial)`

	Estimativas	Erro padrão	Valor-z	Significância (p)
<i>Intercept</i>	-0.07667	0.93447	-0.082	0.93461
Sexo/gênero (masculino)	0.74110	0.90905	0.815	0.41494
Escolaridade (médio)	-2.61315	1.03783	-2.518	0.01181 *
Região (urbana)	-1.18188	0.67467	-1.752	0.07981 .
Cont. fônico seguinte (<i>ana</i>)	-0.72500	0.60120	-1.206	0.22785
Cont. fônico seguinte (<i>pa</i>)	-1.26584	0.58583	-2.161	0.03071 *
Cont. fônico seguinte (<i>va</i>)	-1.32039	0.59669	-2.213	0.02691 *
C. morfológica (substantivo)	-0.52543	0.43510	-1.208	0.22720
C. morfológica (verbo)	-1.34673	0.51851	-2.597	0.00940 **
Posição silábica (inicial)	0.29288	0.51425	0.570	0.56899
Posição silábica (medial)	1.39442	0.64587	2.159	0.03085 *
Presença de /R/ (sim)	0.61238	0.43445	1.410	0.15867
Estilo (lista + notícia)	-1.00846	0.34173	-2.951	0.00317 **
Sexo (masc.): escol. (médio)	2.47028	1.36525	1.809	0.07039 .

AIC = 560.3

BIC = 631.3

Modelo 4.1: `glmer(VD ~ sexo.gênero * escolaridade + região + cont.fon.seg + classe.morfológica + posição.silábica + presença.R.palavra + estilo + (1|informante) + (1|item.lexical), data = tlam2, family = binomial)`